

DM

A Literatura de Cordel na Escola do Campo Brasileira
Um estudo de caso à luz da Inovação Pedagógica

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Maria Ivanilda Cassimiro de Brito

MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO - INOVAÇÃO PEDAGÓGICA



UNIVERSIDADE da MADEIRA

A Nossa Universidade

www.uma.pt

abril | 2019

A Literatura de Cordel na Escola do Campo Brasileira
Um estudo de caso à luz da Inovação Pedagógica

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Maria Ivanilda Cassimiro de Brito

MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO - INOVAÇÃO PEDAGÓGICA

ORIENTAÇÃO

Antônio Maria Veloso Bento
Maria da Conceição dos Reis



UNIVERSIDADE da MADEIRA

Faculdade de Ciências Sociais

Departamento de Ciências da Educação

Mestrado em Ciências da Educação - Inovação Pedagógica

Maria Ivanilda Cassimiro de Brito

**A literatura de cordel na escola do campo brasileira: um estudo de caso à luz
da inovação pedagógica**

Dissertação de Mestrado

FUNCHAL – 2019

Maria Ivanilda Cassimiro de Brito

**A literatura de cordel na escola do campo brasileira: um estudo de caso à luz
da inovação pedagógica**

Dissertação apresentada ao Conselho Científico da
Faculdade de Ciências Sociais da Universidade da
Madeira, como requisito parcial para a obtenção do
grau de Mestre em Ciências da Educação.

Orientadores: Professor Doutor Antonio Maria Veloso Bento
Professora Doutora Maria da Conceição dos Reis

FUNCHAL – 2019

RESUMO

Trabalho com o tema “A literatura de cordel na escola do campo brasileira: um estudo de caso à luz da inovação pedagógica”, destacando uma análise crítica da prática pedagógica com a literatura de cordel arguindo se tratar ou não de inovação pedagógica, considerando as categorias: Literatura de Cordel, Aprendizagem Crítico Reflexiva e Inovação Pedagógica. A pesquisa objetivou compreender até onde o estudo e a produção de textos de cordel contribuem para uma aprendizagem crítica e reflexiva, bem como, se é uma ferramenta que propicia inovação pedagógica por meio da investigação das práticas pedagógicas desenvolvidas com a literatura de cordel em uma escola, destinada ao ensino fundamental inserida na zona rural do município de Poção, Pernambuco. Encontra-se dividido em duas partes, sendo que a primeira refere-se à fundamentação teórica, refletindo os aspectos importantes sobre a literatura infantil, sobre a literatura de cordel e sobre a inovação pedagógica. Na segunda parte descreve-se aos aspectos metodológicos que envolvem o estudo empírico, bem como a coleta, a análise e interpretação dos resultados. Para responder a questão da investigação realizou-se uma pesquisa de natureza qualitativa de cariz etnográfico, mediante um estudo de caso. Salienta-se que a partir da coleta de dados realizada através da observação participante com notas de campo, entrevistas etnográficas e análise de documentos oficiais e pessoais, evidencia-se que as práticas pedagógicas pautadas na literatura de cordel ocasionam uma ruptura nos paradigmas tradicionais da educação, pois criam a oportunidade dos aprendizes ampliarem sua visão frente aos contextos socioculturais do mundo atual, através de ambientes promotores de aprendizagem significativa. Permeando assim um ambiente favorável a ocorrência de inovação pedagógica.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura de Cordel, Aprendizagem Crítico Reflexiva, Inovação Pedagógica.

ABSTRACT

Paper on the subject: Cordel literature in the Brazilian countryside: a case study in the light of pedagogical innovation, highlighting a critical analysis of the pedagogical practice with cordel literature, arguing whether or not it deals with pedagogical innovation, considering the categories: Cordel Literature, Reflexive Critical Learning and Pedagogical Innovation. The aim of the research was to understand the extent to which the study and production of cordel texts contribute to a critical and reflexive learning, as well as, if it is a tool that promotes pedagogical innovation, through the investigation of pedagogical practices developed with cordel literature in a elementary school located in the municipality of Poçã, Pernambuco. It is divided into two parts: the first corresponds to the theoretical foundation, addressing the important aspects about children's literature, cordel literature and pedagogical innovation. The second one refers to the aspects that involve the empirical study and understands the methodology, as well as the collection and analysis of the results. In order to answer the question of the research, we conducted a qualitative research, ethnographic in nature, through a case study. Thus, from the data collection instruments used, namely, documentary analysis, participant observation with field notes of interviews, we show that pedagogical practices based on cordel literature cause a rupture in the old paradigms of education when they enable the learners to expand their vision in front of the demands of the world today, creating favorable environments for meaningful learning to emerge and permeating an environment conducive to the occurrence of pedagogical innovation.

KEYWORDS: Cordel Literature, Learning Critical Reflective, Pedagogical Innovation.

RÉSUMÉ

Document sur le sujet: La littérature Cordel dans les campagnes brésiliennes: une étude de cas à la lumière de l'innovation pédagogique, mettant en lumière une analyse critique de la pratique pédagogique avec la littérature Cordel, en se demandant si elle traite ou non d'innovation pédagogique, en considérant les catégories: Littérature Cordel, Apprentissage critique réflexif et Innovation pédagogique. L'objectif de la recherche était de comprendre dans quelle mesure l'étude et la production de textes de Cordel contribuaient à un apprentissage critique et réflexif, ainsi que, s'il s'agissait d'un outil de promotion de l'innovation pédagogique, par la recherche de pratiques pédagogiques développées avec la littérature de Cordel dans un école primaire située dans la municipalité de Poção, Pernambuco. Il est divisé en deux parties: la première correspond à la base théorique, abordant les aspects importants de la littérature pour enfants, de la littérature cordel et de l'innovation pédagogique. La seconde se réfère aux aspects qui impliquent l'étude empirique et comprend la méthodologie, ainsi que la collecte et l'analyse des résultats. Afin de répondre à la question de la recherche, nous avons mené une recherche qualitative, de nature ethnographique, à travers une étude de cas. Ainsi, à partir des outils de collecte de données utilisés, à savoir l'analyse documentaire, l'observation participante avec des notes de terrain d'entretiens, nous montrons que les pratiques pédagogiques basées sur la littérature de Cordel provoquent une rupture dans les anciens paradigmes de l'éducation lorsqu'elles permettent aux apprenants d'étendre leurs connaissances. vision face aux demandes du monde d'aujourd'hui, créant des environnements favorables à l'apprentissage d'un apprentissage significatif et imprégnant un environnement propice à l'apparition d'innovations pédagogiques.

MOTS-CLÉS: Cordel Littérature, Apprentissage Réflexif Critique, Innovation Pédagogique.

RESUMEN

El trabajo con el tema: La literatura de cordel en la escuela del campo brasileña: un estudio de caso a la luz de la innovación pedagógica, destacando un análisis crítico de la práctica pedagógica con la literatura de cordel arguyendo si se trata o no de innovación pedagógica, considerando las categorías: Literatura de Cordel, Aprendizaje Crítico Reflexivo e Innovación Pedagógica. La investigación objetivó comprender hasta dónde el estudio y la producción de textos de cordel contribuyen a un aprendizaje crítico y reflexivo, así como, si es una herramienta que propicia la innovación pedagógica, a través de la investigación de las prácticas pedagógicas desarrolladas con la literatura de cordel en una escuela de enseñanza fundamental ubicada en el municipio de Poción, Pernambuco. Se encuentra dividido en dos partes: la primera corresponde a la fundamentación teórica, abordando los aspectos importantes sobre la literatura infantil, sobre la literatura de cordel y sobre la innovación pedagógica. La segunda se refiere a los aspectos que involucran el estudio empírico y comprende la metodología, así como la recolección y análisis de los resultados. Para responder la cuestión de la investigación realizamos una investigación cualitativa, de naturaleza etnográfica, mediante un estudio de caso. Así, a partir de los instrumentos de recolección de datos utilizados, cuáles son, análisis documental, observación participante con notas de campo de entrevistas, evidenciamos que prácticas pedagógicas pautadas en la literatura de cordel ocasionan una ruptura en los viejos paradigmas de la educación cuando posibilitan a los aprendices ampliar su visión frente a las exigencias del mundo actual, creando ambientes propicios para que el aprendizaje significativo pueda aflorar y permeando así un ambiente favorable a la ocurrencia de innovación pedagógica.

PALABRAS CLAVE: Literatura de Cordel, El Aprendizaje Crítico Reflectantes, Innovación Pedagógica.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

TV – Televisão

PE – Pernambuco

UEX – Unidade Executora

PNAIC – Plano Nacional de Alfabetização na Idade Certa

MEC – Ministério da Educação e Cultura

SUMÁRIO

RESUMO	i
ABSTRACT	ii
RESUMÉ	iii
RESUMEN	iv
LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS	v
INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I – A ORIGEM DA LITERATURA INFANTIL	5
1.1 Explorando o mundo do cordel	21
1.2 Breve histórico sobre a literatura de cordel	31
CAPITULO II – A LITERATURA DE CORDEL NO BRASIL	36
2.1 O processo de aprendizagem através da literatura de cordel	46
2.2 A importância da literatura de cordel no processo de aquisição da leitura e da escrita	48
CAPÍTULO III - O PROCESSO DE INOVAÇÃO PEDAGÓGICA NA FORMAÇÃO SOCIOCULTURAL DOS DISCENTES EM SALA DE AULA	57
CAPÍTULO IV – METODOLOGIA	64

4.1 Natureza da pesquisa	64
4.2 Histórico da escola campo de pesquisa	66
4.2.1 Objetivos institucionais, missão, valores e visão de futuro	69
4.2.2 Forma de gestão administrativa e pedagógica e avaliação escolar	73
4.3 Sujeitos envolvidos na pesquisa	74
4.3.1 A escola – pais e professora	74
4.3.2 Os alunos do 4º ano	75
CAPÍTULO V – COLETA E ANÁLISE DE DADOS	76
5.1 Coleta dos dados	78
5.2 Análise dos dados	79
5.3 Instrumentos utilizados para coleta do dados	80
5.3.1 Observação participante com notas de campo	80
5.3.2 Entrevistas etnográficas	82
5.3.3 Análise dos documentos oficiais e pessoais	83
CAPÍTULO VI - INTERPRETAÇÃO DOS DADOS	85
6.1 Triangulação dos dados	87
6.2 Discussão dos resultados	89
6.2.1Quais são as dinâmicas que ocorrem nas aulas com o	89

cordel?

6.2.1.1 Categoria interação **92**

6.2.2 Há construção do conhecimento através do cordel? **94**

6.2.2.2 Categoria aprendizagem **100**

6.2.3 Em que medida uma atividade diferenciada pode
originar práticas pedagógicas inovadoras? **102**

6.2.3.3 Categoria motivação **109**

CONSIDERAÇÕES FINAIS 114

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 116

APÊNDICES ix

INTRODUÇÃO

O exercício da leitura acarreta significativas mudanças de atuação desde as fases iniciais, se o mesmo for embasado em atividades de reflexão sobre o sistema alfabético e a intimidade com os textos em sua diversidade. A sala de aula proporciona ambiente adequado para o alcance da leitura quando sua ambiência pedagógica é presença positiva na construção de sentidos com o trabalho de leitura.

O professor ler contos de fada e histórias infantis era prática tão usual que, não fazia parte do discurso escolar até a década de 80 (oitenta), onde assegurava que a alfabetização se daria simplesmente com o treino ortográfico e a coordenação motora. As experiências de Freire (2006) tinham por objetivo maturar práticas de modo a reformular as cartilhas e os manuais, os quais limitavam a técnica da transformação dos sinais gráficos em sonoros e vice-versa, de modo que os aprendizes não refletiam, tornando-se meros reprodutores.

A literatura Infantil tem ganhado espaço na educação infantil, tendo em vista a ruptura dos paradigmas. As crianças das décadas de 80 e 90 não possuíam acesso aos livros, quando muito, utilizavam a carta do ABC e depois as cartilhas. O acesso aos livros infantis proporcionam desde a mais tenra idade o ingresso no mundo letrado, desenvolvendo a “pseudoleitura”, a leitura “do faz-de-conta” e possibilita ao infante leitor a diversidade cultural, aguçando a curiosidade quanto as cores e ao letramento.

A preferência por esse tema deu-se pelo fato de ainda trabalharmos o contexto educacional de maneira obsoleta, ocorrendo restrições quanto ao uso dos livros pelas crianças, seja por receio de uma esperada má-utilização ou por não entendermos que para que a criança torne-se independente e criativa, é indispensável que o professor lhe permita recriar a história a partir de figuras e não somente por meio da escuta da história que lhe é apresentada.

O cordel constitui assim um elemento caracterizador da cultura brasileira, apesar de nem sempre ter sido devidamente acarinhada pela sociedade. Tentando aprofundar a razão de ser da sua desvalorização, vemos que esta se radica no fato de

reproduzir a linguagem popular, ou seja, das classes sociais economicamente menos favorecidas.

Mais recentemente, movimentos afirmativos da identidade brasileira, nomeadamente da cultura nordestina, têm vindo a resgatar a importância deste tipo de literatura para a manutenção dos saberes ancestrais, ou seja, da tradição, a qual é a base de sustentação de qualquer identidade.

Mas a escola, apesar desta tradição estar presente principalmente no Nordeste brasileiro, de forma subliminar, no cotidiano dos alunos, a partir das vivências familiares e locais, nem sempre tem dado a devida atenção à literatura de cordel, por considerá-la de menos valia, porque ligada à cultura popular.

Como dizem Giroux e Simon “ela é vista como o banal e o insignificante da vida quotidiana, e, geralmente é uma forma de gosto popular considerada indigna de legitimação académica ou alto prestígio social.” (GIROUX & SIMON, 1995, p. 97).

Mas todos sabemos que o ambiente que rodeia a escola já não é o mesmo do tempo da Revolução Industrial que assistiu ao seu nascimento e a marcou de tal modo que ela ainda hoje persiste em manter o modelo fabril, na sua organização e no seu funcionamento, tendo em conta a formação de uma classe trabalhadora obediente e submissa aos ditames das classes privilegiadas. Numa sociedade do conhecimento, como é a nossa (TOFFLER, 2007), o modelo fabril de escola já se encontra esgotado e mesmo ultrapassado.

Urge, pois, uma ruptura de paradigma educacional (KUHN, 1998), no sentido que a inovação pedagógica lhe confere, trazendo para a escola novas abordagens e valorizando outras culturas igualmente legítimas. Como diz Sousa, “a escola não pode, por isso, silenciar as vozes que lhe pareçam dissonantes do discurso culturalmente padronizado, uma vez que não opera no vazio” (SOUSA, 2000, p, 117).

Com estes pressupostos teóricos, realizámos a presente investigação numa escola de Ensino Fundamental no município de Poção, estado de Pernambuco, no Brasil, buscando compreender as práticas pedagógicas desenvolvidas com a literatura de

cordel, no sentido de saber se o estudo e a produção de textos de cordel contribuem para uma aprendizagem crítica e reflexiva, na linha da inovação pedagógica.

Para isso, optámos por realizar uma pesquisa qualitativa de natureza etnográfica através de um estudo de caso, o que nos permitisse averiguar como ocorre a construção do conhecimento pelos participantes nesse ambiente particular em torno desta temática da literatura de cordel.

Os dados foram coletados ao longo do primeiro semestre do ano de 2015 através da observação participante, registrada no diário de bordo, das entrevistas etnográficas e da análise documental, procurando responder à questão central da investigação.

A análise e interpretação dos dados foram realizadas tendo em conta a triangulação das informações recolhidas de diversas fontes.

Esta investigação encontra-se organizada em duas partes. A primeira refere-se ao enquadramento teórico e está dividida em três capítulos. O Capítulo I, “A Origem da Literatura Infantil”, onde falamos sobre os aspectos históricos da literatura infantil e sua evolução. Logo após, passamos ao subtópico 1.1 “Explorando o mundo do cordel”, onde explanamos sobre o histórico dos textos de cordel e sua influência na educação e para o subtópico 1.2 “Breve histórico sobre a literatura de cordel”, onde é retratado o surgimento desse estilo literário. No Capítulo II “A literatura de Cordel no Brasil” faz-se um debate sobre a importância da valorização desse tipo de literatura no nosso país, especialmente no nordeste. Em seguida, no subtópico 2.1 “O processo de aprendizagem através da literatura de cordel” falamos sobre a facilitação da aprendizagem mediante a utilização da literatura de cordel como ferramenta pedagógica. E no subtópico 2.2 “A importância da literatura de cordel no processo de aquisição da leitura e da escrita” falamos sobre a relevância desta temática no processo de aquisição da leitura e da escrita. Por fim, o Capítulo III “O processo de inovação pedagógica na formação sociocultural dos discentes em sala de aula” relata sobre o cordel como ferramenta pedagógica para permear a inovação no processo de aprendizagem da turma em estudo.

A segunda parte se refere ao estudo empírico e está dividido também em três capítulos, quais sejam: Capítulo IV, “Metodologia” que detalha o contexto da investigação falando sobre: natureza da pesquisa; histórico da escola campo de

pesquisa; objetivos institucionais, missão, valores e visão de futuro; forma de gestão administrativa e pedagógica e avaliação escolar; sujeitos envolvidos na pesquisa; a escola - pais e professores; os alunos do 4º ano; a gestão escolar e a gestão pedagógica. No Capítulo V falamos sobre a “Coleta e Análise de Dados” enunciando a fundamentação teórico-metodológica e dissertando primeiramente no subtópico 5.1 sobre a Coleta de Dados e no subtópico 5.2 sobre a Análise dos Dados. A seguir, no subtópico 5.3 “Instrumentos utilizados para a coleta de dados” foi realizado uma descrição das ferramentas usadas para coletar os dados, quais sejam: análise de documentos oficiais e pessoais, observação participante com notas de campo e entrevistas etnográficas. Já, o Capítulo VI aborda a “Interpretação dos dados”, falando sobre a triangulação dos mesmos e discussão dos resultados. Em seguida enuncia as questões secundárias da pesquisa e as categorias relacionadas a elas. Essas categorias foram alcançadas após a análise dos resultados, sendo elas: interação, aprendizagem, motivação e ambientação.

Por fim, buscando responder a questão central da investigação apresentando algumas considerações finais delimitadas pelas vivências da investigação e dos resultados alcançados através da análise dos dados, bem como citamos algumas recomendações que podem ser úteis para nortear investigações futuras sobre a literatura de cordel na escola de campo brasileira como meio para a incidência de inovação pedagógica.

A ORIGEM DA LITERATURA INFANTIL

A leitura nasceu com a oralidade e foi transformando-se com o progresso do homem. A transmissão da comunicação oral remonta os tempos imemoriais onde os homens passaram a fazer relatos uns aos outros, sendo moldada paulatinamente. Os estudiosos levantaram hipóteses sobre a origem da leitura e concluíram que baseado em documentos dispostos em diferentes regiões, tais como inscrições em pedras, tábuas de argila ou vegetal, pergaminho, papiros, rolos ou folhas e grossos livros, os manuscritos difundiram-se oralmente de geração em geração.

Nesse enfoque Coelho (2010) afirma:

Em relação a gênese da Literatura Infantil Ocidental, sabe-se que está naquelas longínquas narrativas primordiais, cujas origens remontam a fontes orientais bastante heterogêneas e cuja difusão, no ocidente europeu, deu-se durante a Idade Média, através da transmissão oral (p. 27).

A leitura constitui, sob o ponto de vista comunicacional, uma típica arte da memória, transmitida de geração em geração como um acervo de experiências humanas e de sabedoria intemporais, como expressão da “memória” de um povo e de uma cultura, cristalizada em regra geral, formal e tematicamente. Os textos previvem na memória dos emissores e se fixam na memória pronta e tenaz das crianças.

É nesta memória que os textos frequentemente exercitam, através de adequados mecanismos lúdico-formais, pois contar um conto, aprender um conto são por excelência atividades memoriais. Nesse sentido, a leitura clássica tem como célula-mater a novelística popular medieval em fontes orientais indo-europeias.

Segundo pesquisadores, a coletânea mais antiga da Literatura Popular Europeia é Calila e Dimna, surgida por volta do século V a.C. No ocidente europeu, as primeiras manifestações literárias surgiram na Idade Média com a literatura narrativa de fontes diferentes: uma popular e outra culta. Entre os séculos IX e X começou a difundir-se

oralmente a literatura popular conhecida como folclórica, transformada posteriormente em literatura infantil.

Surgiram na metade do século X, as fábulas latinas de Fetro, que traduziu as fábulas gregas de Esopo. Na França, apareceram histórias de animais narradas em versos e em “romance”, conhecidas como Isopets, que continham relatos moralizantes. Na segunda metade do século XVII na França, no reinado do “Rei Sol” – Luís XIV, surgiu a preocupação da escrita de uma literatura específica para o público infantil.

As Fábulas de La Fontaine (1668), os *Contos da Mãe Ganso* (1691-1697) de Charles Perrault, os *Contos de Fadas* (1696-1699) de Mme. *D’Aulnoy* e *Telêmaco* (1699) de Fenelon, são considerados os livros pioneiros no mundo literário infantil. Da literatura clássica com as narrativas transmitidas oralmente, eruditas ou populares, valorizando a imaginação e a fantasia, surge a literatura infantil.

Em nome do restabelecimento da ordem nacional, no período pós-guerra, a França tenta reencontrar o equilíbrio estabelecendo o pensamento, os costumes, resgatando o momento cultural do pensamento humanista onde por meio da razão o homem viria a conhecer o bem, a beleza e a verdade. Surge nesse contexto a novela satírica na Espanha, publicada em 1605 e 1615, *El Ingenioso Hidalgo Don Quijote de La Mancha*, escrita por Miguel de Cervantes Saavedra.

Escrita em linguagem simbólica e muito criativa, sendo adaptado para os pequenos leitores em centenas de versões em todas as línguas. Ainda nos meados do século XVII, significativas mudanças como o ideal do comportamento demonstram a descrença no estoicismo. A infiltração do epicurismo, demonstrada na serenidade clássica, coloca em dúvida “que o homem é naturalmente bom e que sua razão inata o inclina à Verdade e ao Bem. (COELHO, 2010, p. 229)

Preconiza La Fontaine que a razão do mais forte é sempre a melhor. Nesse ínterim, surge o poema *O Século de Luís, o Grande*, escrito por Charles Perrault e bastante lido pelos franceses na Academia Francesa, retornando as desavenças internas do pensamento e da estética clássica.

A literatura infantil encontrou dificuldades para introdução do gênero na conquista hegemônica e no reconhecimento como produção artística. Os textos infantis

importados tinham o caráter didático-normatizador para difusão de preceitos e normas de comportamento.

Prolongada por todo século XVIII suscitou os ideais da Era Romântica, resultando assim desse impasse as “obras clássicas” da Literatura Infantil, abordando atitudes contrárias à antiga atitude racionalista preconizada. A história da literatura infantil brasileira vinculou-se às mudanças estruturais ocorridas na sociedade nos séculos XVII e XVIII. Espelhando-se no modelo burguês da família unicelular da nova classe emergente, olhando para a criança e as instituições, assim surgiu à produção dos textos direcionados às crianças.

Estes textos tinham como alvo apresentar os valores da burguesia e sua ideologia, reforçando o caráter pragmático do gênero, vindo a comprometer o reconhecimento da literatura infantil como forma de expressão artística. No final do século XIX, a literatura infantil começou a generalizar-se no Brasil, propagando a concepção original, contextualizada com a literatura universal.

No nosso país era comum o professor ler contos de fadas e histórias infantis, e por conseguinte, não fazia parte do discurso escolar até a década de 80, que tinha por concepção que a alfabetização se daria simplesmente com o treino ortográfico e a coordenação motora. Para mudar essa concepção, as experiências dos estudiosos tinham por objetivo maturar práticas, de modo a reformular as cartilhas e os manuais, os quais limitavam a técnica da transformação dos sinais gráficos em sonoros e vice-versa de modo que os aprendizes não refletiam, tornando-os meros reprodutores.

No Brasil ocorreram mudanças em fases diversas. A primeira fase compreende o final do século XIX e início do século XX, e buscava atender os anseios da sociedade na integração da instalação da cultura nacional, ligada à escola e à valorização do nacionalismo. A segunda fase ocorreu nos anos de 1920 a 1945 – época do brilhantismo na política, da intelectualidade e do artístico. Em 1921, nasceu oficialmente no momento histórico-cultural, com Monteiro Lobato, que dá uma roupagem nova à literatura infantil através da inovação temática das histórias e aproximando a linguagem da fala brasileira.

Algumas obras ainda conservaram a permanência do caráter pedagógico. Monteiro Lobato procurava amenizar a metodologia da escola tradicional, trazendo discussões de pontos polêmicos relacionados com a história do Brasil, visto que o autor acreditava que a mudança de mentalidade das novas gerações possibilitava o avanço rumo ao tão desejado alinhamento do Brasil com os países em desenvolvimento. (SACRISTÁN, 1998)

No período da Segunda Guerra Mundial registrou-se a transição do país arcaico para o moderno. A educação primária tornou-se obrigatória. Os autores dessa época nortearam seus textos para o regime autoritário, privilegiavam o espaço rural para as cenas dos enredos. A História do Brasil, de Viriato Correia, abordava o passado de seus heróis segundo o nacionalismo e a ideologia da época.

A terceira fase abrange os períodos da década de 50 e 60 – a década da democracia. No início dos anos 50, surgiu a Reforma Capanema, momento essencial da aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Na década de 60, surgem os movimentos da educação popular e do grupo da reforma da Universidade de Brasília. Nesse período, a Literatura Infantil assumiu um caráter conservador. Privilegiava-se a agricultura, o café como fonte de riqueza, a Amazônia mereceu destaque e a supremacia da área urbana sobre a rural provocou o abandono das terras. O campo transformou-se em plano de fundo para as aventuras das narrativas. Surgem os temas históricos, tais como a história dos bandeirantes e os relatos da história.

A quarta fase compreende a década de 70 e 80, conhecida como época de transformações aceleradas com a pior crise econômica estabelecida no país. Na política, houve a abertura democrática e a reforma do ensino. A literatura na década de 70 registrou um grande aumento de autores e de livros à disposição do público. Na poesia, mereceu destaque a qualidade da produção que privilegiou o enfoque do cotidiano infantil e a criança-natureza focalizando as sensações e o mundo das cores, recuperou-se o folclore oral, através das modinhas infantis.

Silva (2010) estudioso da teoria da literatura faz um resumo da origem da literatura infantil dizendo que narrativas, canções e adivinhas tem circulado assim oralmente, desde há muitos séculos, por toda Europa, transmigando de região para região,

sofrendo adaptações ou modulações em função das épocas, dos espaços geográficos e das comunicações sociais.

Segundo Coutinho (2008):

A literatura nas suas origens, pode equiparar-se à infância da Cultura Portuguesa, da História da Literária e da Literatura Portuguesa. Assim não é de estranhar que lendas, fabulários e bestiários toquem a esfera da Literatura Infantil. A tradição oral é rica em exemplos desta ordem e transmitiu-se muita literatura cujos limites é ainda hoje difícil de determinar com rigor o que é puramente infantil e o que concerne a estilos adultos, maduros, eruditos ou literários (p. 13).

A partir da comunicação oral, surgiram as versões escritas, voltadas aos interesses, desejos e gostos infantis, predileções e características próprias. A literatura tem sido vista como forma de arte, na sua construção para atender o público infantil, compreendendo suas necessidades e atentando para os interesses que os rodeiam. Relacionam-se também com a sensibilidade estética, criativa e o amadurecimento da potencialidade cognitiva, valores, atitudes, ajudando na formação da criança como um todo.

Entende-se que para compreender a importância da literatura infantil em sua essência e autonomia no século XXI, convém conhecer sua origem. Estudiosos sobre o assunto abordam a mesma como um fator primordial para formação da consciência do discente, se preocupando com o desenvolvimento cognitivo e a emancipação do estudante nas séries iniciais através da leitura.

A infância e a literatura que se concebe hoje passou a existir no século XVII. Anteriormente, a literatura infantil era muito pouco destinada à criança, elas liam e ouviam as mesmas histórias que os adultos, contavam e recebiam a mesma atenção sobre a leitura. Nessa época houve uma grande preocupação sobre os processos de ensino e aprendizagem da criança e buscaram desvendar na criança a saúde física e mental obtendo resultados mais significativos.

Essas investigações revelaram a necessidade de profissionais e produtos específicos para as crianças. Com o surgimento desses materiais literários a criança conseguia se identificar melhor e era atraída pelos livros da época. Os primeiros livros editados para o público infantil, por volta do século XVIII, marcam o início do que denominamos valorização da infância. Cabe aceitar que os ideais burgueses se

concretizaram e reivindicaram que instituições como a família e a escola trabalhassem a seu favor, ajudando-a a atingir as metas desejadas.

Esses ideais burgueses estavam diretamente ligados à expansão da indústria, e, por isso, houve um aperfeiçoamento do ensino escolar por meio de uma pedagogia controladora, onde a criança passava a ser a expectativa dos novos modos de produção. Assim, ao nascer, a criança tinha sua própria história moldada pela família e, para isso deveria passar etapa por etapa, por estes moldes impostos que as tornavam adultos idealizados no modo de ser, pensar e agir.

Stake (2011) afirma que:

A nova valorização da infância gerou maior união familiar, mas igualmente os meios de controle do desenvolvimento intelectual da criança e manipulação de suas emoções. Literatura infantil e escola, inventada a primeira e reformada a segunda, são convocadas a cumprir essa missão (p. 15).

Devido à valorização da infância, enquanto faixa etária diferenciada gerou-se uma maior união familiar. Todo esse processo interessava ao regime burguês, o qual implantava o estilo doméstico menos participativo onde se previa a manutenção de um estereótipo familiar. Nesse contexto, é importante salientar houve a valorização da literatura infantil brasileira.

Na época da colonização do Brasil, principalmente depois da vinda da família Real, a criança residente no Brasil lia histórias importadas da Europa traduzidas para o português. No primeiro decênio do século XX a literatura caracterizava-se por uma reação nacionalista e ocorreu uma revolução por parte de escritores e artistas em enaltecer a pátria, a fauna e a flora nacional.

Dentro destes, o editor Quaresma se consolida como o primeiro interventor a buscar soluções para os conflitos das linguagens orais e escritas que afastava o leitor infantil brasileiro da literatura infantil proveniente de Portugal. Quaresma queria abrasileirar o comércio de livros e, para tanto, encomendou ao seu amigo Figueiredo Pimentel a organização de uma biblioteca especialmente destinada à criança brasileira.

No final do século XIX foi criada a primeira biblioteca que visava o público infantil, sob o título Biblioteca da Livraria do Povo. A importância dessa biblioteca se dava

por trazer contos estrangeiros, traduzi-los para a língua brasileira e isso fez com que houvesse uma grande aceitação pelo público infantil. Dentre as obras estavam: *Contos da Carochinha, Histórias da Avozinha e História da Baratinha*.

Figueiredo Pimentel foi além de poeta, contista, cronista e tradutor. Foi autor de literatura infantil e em seu acervo continuam obras tais como *Álbum das crianças, Poesias, Meus brinquedos, Folclore, Teatrinho Infantil, Teatro, A Queda de um anjo, O livro das Crianças, Contos do Tio Alberto, A literatura infantil*, entre outros.

As literaturas do autor apresentavam conteúdos moralistas sob o intuito de passar valores. As ideias davam a ideia que beleza e riqueza andam sempre juntas e associavam a feiura e a maldade, assim como a cor preta. Esses preconceitos existentes na literatura infantil provocam a criança a criticar, refletir e se emocionar, fazendo com que seu desenvolvimento cognitivo venha formar sua forma de pensar e trazer autonomia e opinião própria a seu pensamento, formando em si o enriquecimento intelectual.

Segundo Oliveira (2008):

Os livros infantis, além de proporcionarem prazer, contribuem para o enriquecimento intelectual das crianças. Sendo esse gênero objeto da cultura a criança tem um encontro significativo de suas histórias com o mundo imaginativo dela própria. A criança tem capacidade de colocar seus próprios significados nos textos que lê, isso quando o adulto permite e não impõe os seus próprios significados, visto estar em constante busca de uma utilidade que o cerca (p. 23).

No início do século XX apareceu em cena o autor brasileiro, Monteiro Lobato, que começou a transmitir a literatura infantil sem o envolvimento estrangeiro. Devido à guerra de 1914 tornou-se difícil a comunicação com o estrangeiro, o que possibilitou a intervenção literária dos autores nacionais da época.

Em 1920 podemos analisar que Monteiro Lobato foi um dos verdadeiros criadores da literatura brasileira para as crianças. Suas obras trouxeram uma nova tendência na literatura brasileira para crianças e jovens com características nacionais, porém, o que possuíamos eram leituras escolares com fins nitidamente didáticos (PAPERT, 2008).

Em sua visão Monteiro Lobato acreditava na educação para resolver problemas sociais, políticos e econômicos do país, desiludido pelo mundo dos adultos, decide valorizar as crianças considerando que só elas poderiam mudar o Brasil. Afirma o autor “ando com ideias de entrar por esse caminho: livros para crianças. De escrever para marmanjos já me enjoei, bichos sem graça. Mas para as crianças um livro é todo um mundo” (SACRISTÁN, 1998, p. 45).

Considerando que a literatura infantil brasileira teve surgimento tardio, de uma formação histórica moderna, pode-se dizer que Monteiro Lobato é o pai da literatura infantil no Brasil. Sua forma de pensamento se destaca por ser o pioneiro, mas, especialmente, por fazer um trabalho inovador com a linguagem, tanto reproduzindo quanto criando, rompendo com o convencional e trazendo qualidade para a literatura infantil brasileira.

A reprodução literária em sociedade, com pessoas lendo ou escrevendo, não era algo frequente em meados dos séculos XVIII e XIX. Sabemos, através de relatos da história da sociedade e da literatura, que antes desse período as competências de leitura e a escrita eram destinadas a clérigos, intelectuais e funcionários da administração. Gradualmente vai aumentando a presença de leitores comuns, predominantemente nos contextos das artes, a partir do século XV, com a invenção da imprensa que provocou um grande avanço na produção de livros. Este marco histórico provocou o desenvolvimento do processo de alfabetização, com maior expressão no século XVIII, como exigência da sociedade em pleno processo de industrialização.

Esse grande avanço de ideais voltados para a alfabetização no século XVIII na sociedade ocidental contribui para aquilo que chamamos de processo de escolarização em massa mediante uma educação pública. Com os adventos da revolução industrial implantados neste século assiste-se nesse período a substituição do regime antigo baseado em uma economia rural e agrária onde a modernização ocorre por meio da escolarização nos meios de produção da revolução industrial.

Segundo Maia (2007) “fábrica e escolas nascem juntas, uma vez que este duplo processo, de morte da antiga produção artesanal e do renascimento da nova

produção da fábrica, gera o espaço para o surgimento da moderna instituição escolar pública” (p. 249).

Portanto, ao estabelecer essa relação entre a industrialização e a constituição de uma escola universal, não podemos afirmar que foi a partir do século XVIII que o analfabetismo caiu e a alfabetização cresceu graças à escolarização. Mas, pelo contrário, estudos têm mostrado que a autonomia da história da alfabetização em relação histórica com a escola, pois não foi preciso que primeiro fosse implantada uma escolarização em massa para que as pessoas comuns fossem alfabetizadas.

Por tudo o que foi referido anteriormente, compreende-se que foi a necessidade da alfabetização das pessoas que desencadeou, processos de escolarização, com vista a uma sociedade mais culta e competente na leitura e escrita. Foram muitas as mudanças sociais, mas interessa destacar o acesso à instituição escola, como forma de alfabetizar.

Assim, o acesso à escola foi permitido a um maior número de pessoas, inseridas nos contextos: de cultura popular da sua comunidade, de trabalho e de industrialização, que promovia o desenvolvimento pessoal, disciplina e competência, principalmente com processos de instrução. Uma escola padronizada como tradicional.

Durante esse período, última parte do século XVIII e início do século XIX, autoridades do governo e religiosos acreditavam que a permissão da escolarização para quase todos levaria a perda de controle sobre a população. Com isso, em debates sobre essa política educacional da instrução institucionalizada estavam em possibilitar a retirada da alfabetização das mãos de grupos populares, obtendo, assim um ensino sob o controle do sistema público.

Para entendermos os processos educacionais nas formas de trabalho capitalista proveniente da revolução industrial podemos avaliar dessa maneira: O docente procura criar alunos padrão, os estudantes devem procurar se enquadrar como alunos padrão e tornar-se alunos exemplares se desejam prosseguir na escada da vida, progredir na escola e socialmente atingir a universidade para serem bem-sucedidos.

A análise fica mais clara quando substituímos o aluno padrão por operário padrão ou funcionário padrão, escola por empresa e nota por salário. É claro que o objetivo aqui é mostrar que a alfabetização pode fazer na mudança social através de uma política educacional, pois a mesma é um projeto político de transformação social. Estamos em um mundo totalmente capitalista e vemos que alfabetizar é preparar crianças para o mercado de trabalho de amanhã.

De acordo com Góes(1991):

[...] de forma crescente, eles (políticos e religiosos) vieram a concluir que a alfabetização, se fornecida em instituições formais, cuidadosamente controladas, criadas para o propósito da educação e estreitamente supervisionadas, poderia ser uma força poderosa e útil na obtenção de uma variedade de importantes fins (p. 48).

A conclusão aberta nesse contexto é que as políticas educacionais nesse processo de escolarização definem que a escola também fornece elementos fundamentais que podem ajudar os indivíduos de uma sociedade a crescer como seres humanos livres e críticos.

Sendo assim, do final do século XVII até os dias atuais no século XXI, a literatura infantil transforma crianças em sujeitos que modificam a sociedade em que vivem, tanto na base do letramento autônomo, quanto no letramento ideológico, pois as duas formas de letrar estão inseridas no mesmo contexto. A escolarização, a alfabetização e as políticas educacionais tem como base serem os agentes transformadores da humanidade nos meios de produção do mundo capitalista em que vivemos.

O conceito de literatura infantil é definido por alguns autores de forma simples, levando em consideração que todo o texto escrito para crianças deve ser redigido o mais simples possível. O que torna evidente sua essência extraída de maneira simplista, mas que venha chamar a atenção do público infantil.

As paixões da alma e as necessidades básicas do ser humano são a matéria-prima utilizada pelos diversos escritores para escrever histórias com simbolismos que encantam leitores e ouvintes. Por não terem uma época definida, os contos de fadas começam com: “era uma vez” e geralmente terminam com a expressão: “e foram felizes para sempre”. O escritor tem por objetivo iniciar o enredo instigando o

imaginário da criança e terminar introduzindo a premissa que mesmo em frente as lutas e dificuldades o bem sempre vence o mal e as adversidades da vida podem e devem ser superadas.

O conceito de literatura infantil não está claro tendo em vista os diversos aspectos que se apresentam em cada época. Por razões psicológicas e históricas a designação mais aceita é a Literatura Juvenil. O adjetivo infantil seria adequado se as obras fossem escritas por crianças, como a Literatura Juvenil, escrita por jovens. A Literatura para crianças é escrita para elas, por adultos que desejariam que fossem artistas (GÓES, 1991).

Esse tipo de literatura nasceu com o objetivo de educar as crianças através de seus múltiplos valores, revitalizando a capacidade de fabular, mergulhar no clima da fantasia para compartilhar as lembranças de histórias contadas e lidas, para posteriormente escrever uma nova história.

As histórias escritas para crianças assumem características locais de acordo com a época e o local em que surgem, fundem sonhos e realidade, o imaginário com o real, o impossível com o possível. Valorizando as ideias, sentimentos, a praticidade da vida, na busca de ressaltar os valores éticos e morais.

Coelho (2010) ensina que “cada época compreendeu e produziu literatura a seu modo. Conhecer a literatura em que cada época destinou às suas crianças, é conhecer os ideais e valores ou os desvalores sobre os quais cada sociedade se fundamentou” (p. 56).

Os escritos literários foram primordialmente destinados aos adultos, pois nasceram no meio popular. No entanto, a literatura infantil possui identidade própria, de uma vez que confunde o sonho com a realidade, prendendo a atenção da criança através das ilustrações, a associação de ideias, o encadeamento dos fatos, onde mesmo sem dominar a leitura o infante entra no mundo imagético e cria uma história, baseada nas ilustrações.

As características essenciais dessa vertente literária são designadas pelo caráter de imaginação, drama e pela técnica do desenvolvimento e da linguagem adequada, afim de obter a atenção da criança, canalizando seus pensamentos anteriores. O

componente estético é elemento essencial sobre o qual se fundamenta a audácia poética abordando assim a comunicação adequada que fomenta a imaginação infantil, facilitando o processo introspectivo do enredo.

Acreditamos que literatura infantil é o conjunto de livros escrito para o público infantil com a finalidade proposta de despertar fantasias, dando asas a criatividade, ao desenvolvimento da imaginação e a criação de novos personagens. Objetivando instigar nas crianças o gosto pela leitura, despertando nas mais novas o interesse pela decodificação do código alfabético e fomentando o prazer pela leitura, através do hábito de poder viajar no mundo da imaginação.

A literatura infantil é, sem dúvida, uma abertura para formação de uma nova mentalidade visto que através da letra impressa observa-se a mediação que ela faz na descoberta do mundo e a relação do “eu” com o “outro”. Apresentado por meio de uma forma lúdica, a motivação encantadora de perceber o mundo que os rodeia.

Diversificando saberes, novos valores dentro de uma pluralidade fecunda, a criança inserida neste contexto se apropria do código de valores e desvalores da cultura dentro desse processo de construção social. Obedecendo às etapas do desenvolvimento da criança no contexto da literatura pretende-se direcionar a natureza literária correspondente à faixa etária, em conformidade com as fases do desenvolvimento da criança.

Baseado nos estudos da psicologia, abordaremos nesse ensaio a segunda infância que compreende dos 3 aos 6 anos de idade, chamada de fase da fantasia da imaginação marcada pelo pensamento mágico. A fantasia tem daqui por diante, até os seis anos, uma notável importância, uma vez que o pensamento infantil é, nestas idades, absolutamente mágico, todo impregnado por elementos do fantástico e do maravilhoso. A criação não faz discriminação entre a realidade externa e os produtos de sua fantasia. Para ela a realidade é o que ela está vivendo, o aqui e o agora. Para ela não existe o que foi nem o que será. O tempo para ela não tem a menor significação, não há passado nem futuro, a vida é o momento presente. (ROJO, 2006).

Assim, conclui-se que os livros mais indicados para a pré-escola apresentam muitas imagens, muito colorido, com pequenos textos, recheados de contos de fadas, com

castelos, princesas, bruxas, ressaltando o amor, a beleza, o bem, através de cenários maravilhosos, extraordinários que incentivam a fantasia infantil a viajar pelo mundo mágico da leitura. O faz de conta se complementa com a vida real da criança, acentuando a sensibilidade da segunda infância, onde a criança desperta para o estético por chamar-lhe atenção. Desenvolve os dons artísticos, passando para o papel seus anseios, dores, temores e amores.

Quando falamos de leitura nos vem à cabeça um livro ou algo do tipo, porém, a leitura não se detém apenas através de um livro, pois existem diversas formas de leitura, em nossa casa tem objetos que não damos a mínima importância mas se analisarmos suas características, utilidade, cor, formato percebemos que ele é importante e com apenas um olhar estamos fazendo a leitura deste objeto.

Dito isso percebe-se que ler permeia todos os lugares, podemos ler uma mão, o tempo, o espaço. Há várias outras formas de leitura, por isso é tão importante que o aluno tenha contato com livros infantis, gibis, contos e materiais didáticos que o estimulem o mais cedo possível a ser um leitor assíduo.

Para Lapassade (1992):

Ler não é decifrar, como num jogo de adivinhações, o sentido de um texto. É, a partir do texto, ser capaz de atribuir-lhe significado, conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significativos para cada um, reconhecer nele o tipo de leitura que seu autor pretendia e, dono da própria vontade, entregar-se a esta leitura, ou rebelar-se contra ela, propondo outra não prevista (p. 59).

Assim, entende-se que a leitura não se trata somente de decodificar palavras, mas sim de ler e descobrir o sentido ou a informação que o autor está transmitindo pelo texto e debater essas ideias sendo a favor ou contra elas. Os educadores precisam despertar no aluno o gosto pela leitura formando leitores autônomos construtores de suas próprias ideias, precisamos de pessoas mais críticas que saibam dar valor a leitura, pois ela vem sendo desprezada pela sociedade.

É papel da escola conscientizar as pessoas que ler é essencial para nosso conhecimento. Nesse sentido, o lúdico pode ser um excelente modo para chamar atenção do aluno, uma vez que através das brincadeiras pedagógicas a criança aprende mais facilmente, aumentando conseqüentemente seu rendimento escolar.

A leitura está presente em todos os lugares em nosso dia-a-dia estamos em constante contato com ela, por exemplo, quando vamos ao mercado temos que ler as informações dos produtos e saber diferenciar cada um deles pelo nome para isso é preciso saber ler. É salutar conhecer o mundo com outros olhos sabendo o que acontece de mais importante.

Quando estamos lendo nossa mente grava tudo, isso é chamado de aprendizagem natural. A criança quando é dirigida a uma escola já carrega uma grande fonte de conhecimento e aprendizagem, na escola a mesma irá desenvolver suas habilidades mais ligeiramente, em especial a escrita e a leitura. Desta forma, percebemos como é importante a criança começar desde cedo sua vida escolar.

Desde seu nascimento quando entra em contato com o mundo o infante já começa a desenvolver em sua mente os primeiros passos para aprender a ler. Com o passar do tempo será apresentada ao conhecimento das palavras. Nesse norte, é importante que os pais incentivem a criança a ler desde cedo, assim ao entrar na escola será mais proveitoso para o professor trabalhar com esse aluno. Também é interessante que o aluno conheça os sons das letras, pois isso facilitará o trabalho do docente em relação ao bom desempenho do aluno com relação à leitura.

A leitura deve ter um significado para a criança, uma vez que com isso ela se interessará mais pelo que lê, pois se a leitura não tiver significado, não dará prazer. Existem jogos que auxiliam no aprendizado da leitura e são mais interessantes, pois chamam a atenção do aluno.

Para ser um bom leitor é preciso ter uma boa oralidade, ler não é apenas decifrar palavras. Ler é conhecer o mundo, saber o que está acontecendo com o país, enxergar a realidade das pessoas desenvolvendo uma leitura crítica e racional, conforme os ensinamentos de Piaget (2012) que afirma:

Para estimular no aluno o gosto pela leitura, cabe ao professor oferecer oportunidades destes conviverem com textos de fácil entendimento levando-os a refletir cada vez mais sobre as situações propostas no texto, relacionando-o ao ambiente em que está inserido. O diálogo do professor com a classe é importante, porque vai estabelecer um caminho de mão dupla, isto é, a troca de experiências entre professor e alunos, fazendo com que cresçam juntos (p. 45).

Nesse sentido, é interessante que o professor disponha de textos que estejam de acordo com a realidade dos alunos e proporcionem a estes uma reflexão sobre a situação vivenciada. O professor deve se aproximar do aluno para criar uma boa relação, a fim de progredir mais rápido e ter bons resultados na escola. É importante também que a criança tenha um bom relacionamento com o docente, pois com isso ela terá mais facilidade no aprendizado e desenvolverá seus conhecimentos mais depressa.

É comum ver professores usarem métodos tradicionais de ensino que não são eficazes onde o aluno decora o alfabeto e palavras isoladas para depois soletrar. Na educação contemporânea essa prática não tem mais sentido e interfere na compreensão do aluno sobre o significado real da leitura e de sua importância na sociedade.

Para amenizar a dificuldade dos alunos na leitura, muitos educadores precisam instigar no educando o hábito da leitura. Mas isso não é o suficiente para fazer com que o educando se interesse por essa prática. A leitura deve ser tratada de forma lúdica constituindo motivação para os alunos, o professor deve trabalhar com textos diferentes, dinâmicos, interessantes que despertem a curiosidade do educando e levem o mesmo a raciocinar sobre o texto lido.

Sousa (2004) ensina que:

O ato de ler é um processo dinâmico e ativo, pois ler um “texto” implica não só aprender o seu significado, mas também trazer para esse texto nossa experiência e nossa visão de mundo como leitor. Ao conceber o ato de ler, como um processo dinâmico, está se priorizando a formação de um leitor crítico e criativo. É claro que a formação do leitor não depende exclusivamente da escola, mas ela tem uma parcela significativa de responsabilidade nesse processo (p. 34).

Conclui-se dessa forma que ler deve ser algo divertido que tenha um significado para a criança mostrando a ela uma nova forma de contextualização e transformando o leitor em um ser crítico. A escola também tem um papel importante para que o leitor venha a ser um formador de opinião, mais depende do aluno querer se aprofundar nesse mundo da leitura buscando novas formas de leitura e textos.

O professor deve proporcionar a interação do educando com texto, levando materiais de leitura diversificados, tendo a responsabilidade de proporcionar

influências positivas ao aluno, também é importante trabalhar com jogos didáticos. O professor deve sempre estar se reinventando buscando coisas novas que prenda a atenção do aluno com novas metodologias e aulas prazerosas.

As descobertas, a curiosidade e a vontade de ler sempre mais, vão fazendo com que o aluno se sinta no mundo da leitura. A leitura é a chave para muitas experiências, é a porta para muitas novidades seja lá onde for, onde quer que estejamos ela estará sempre presente.

Esse hábito é essencial nas nossas vidas e as “primeiras leituras” nos proporcionam experiências maravilhosas, pois é importante conhece-la e compreende-la de forma adequada. É exatamente o aspecto da relação entre leitura e leitor que deve ser bem dominante. A prática da leitura também tem seu papel importante, pois quando o indivíduo a pratica assume um compromisso de forma significativa e interessante.

Freire (2006) aduz:

Costumo dizer que a leitura é historicamente um processo fácil, pois quanto mais praticamos, melhores nos tornamos, desenvolvendo atividade. O comando da leitura e da escrita se dá a partir da prática e da experiência com o ato de conhecimento. A leitura requer muita atenção pois quando aprendemos a ler e a escrever, o importante é procurar melhor o que foi lido, pois aprender a ler e escrever não é decorar, é simplesmente compreender (p. 53).

Nesse norte, podemos concluir que praticando a leitura e a escrita, vamos conhecer melhor o que já conhecemos, dando um passo a frente na procura do saber. Assim, as necessidades de alfabetização se impõem cada vez mais, pois exigem do sujeito a competência, no âmbito da leitura e da escrita, para melhor compreender no mundo. Tal prática se torna extremamente importante para que os inúmeros alunos se tornem grandes profissionais.

A aprendizagem reflete muito no modo como os valores e comportamentos são repassados às crianças. Pretendemos proporcionar experiências de leitura enriquecedoras, promover uma leitura lúdica e esclarecer que os autores são os atores principais do texto ofertado, pois são eles que vão traçar o caminho para a criança percorrer.

1.1 Explorando o mundo do cordel

Durante muito tempo a literatura de cordel foi discriminada ficando esquecida no sertão brasileiro. Trazido pelos portugueses esse gênero literário é sinônimo de poesia popular retratada com humor, criatividade e fantasia a partir de narrativas de fatos históricos, reais ou fantasiosos de diferentes épocas.

No início do século XX os textos de cordel retratavam histórias de épocas, batalhas travadas na sociedade, críticas políticas, amores mal resolvidos, sofrimentos, crimes e descreviam a realidade política e social da época. Hoje, percebe-se que os textos de cordel estão presentes em todas as regiões do país, mas sua predominância é na região nordeste.

Na sociedade contemporânea faz-se necessário introduzir na educação práticas reflexivas com o objetivo de proporcionar ao aluno oportunidades de leitura e produção textual que valorizem suas vivências e experiências cotidianas, a fim de obter aprendizagens crítico-reflexivas.

Pensar na realidade dos alunos leva-nos a considerar suas realidades socioculturais no contexto em que estes estejam inseridos, é uma forma de valorizar não só a cultura erudita, mas também, a cultura popular, incluindo nessa, os folhetos de cordel.

Esta pesquisa discorreu sobre uma investigação do estudo e da produção de textos de cordel, no sentido destes contribuir para o desenvolvimento do senso crítico na formação dos discentes tendo em vista a familiarização do gênero com contextos próximos a realidade dos discentes.

Buscou-se analisar se essa proposta está ancorada nos princípios de inovação pedagógica, rompendo com um estudo textual caracterizado por apresentar ideias do paradigma tradicional de se trabalhar com textos.

Na Literatura de Cordel há uma predominância da leitura oral e expressão da criatividade, o que não impede que outras atividades sejam exploradas de forma que o aluno se sinta à vontade para suas produções.

Porém, toda atividade de leitura deve manter cuidados peculiares, como sondar os fatos que mais interessam a esses alunos para que a atividade proposta seja, antes de tudo, prazerosa, cultivando a construção de aprendizagens crítico-reflexiva pelos discentes.

O cordel apresenta um vasto campo de situações humanas, comédias, desafios enfrentados pela sociedade, casos inusitados, relatos históricos, tragédias que levam a pontos de vista diferentes sem perder a diversa riqueza ideológica. A Literatura de cordel, enquanto meio difusor de informação e cultura, provoca momentos de lazer e reivindicações sociais.

Hoje em dia a leitura é uma habilidade essencial e imprescindível para qualquer indivíduo. Contudo, percebe-se, através dos resultados de inúmeras avaliações nacionais, um alto índice de analfabetos e/ou analfabetos funcionais o que conseqüentemente gera dificuldades para compreender o que se lê.

A Literatura de Cordel também conhecida como folheto é um gênero da literatura brasileira frequentemente escrito em rimas, que relatam histórias e fatos da vida real ou do mundo imaginário dos poetas.

Esse gênero literário tem sido instrumento de informação, lazer e reivindicações sociais difundidas por autores como Patativa do Assaré que denunciam, com humor e muita criatividade as injustiças presentes em nossa sociedade, principalmente na região nordeste.

Desse modo, baseado nas ideias de Papert (2008) acredita-se que o trabalho com a literatura de cordel proporciona aos discentes um tipo de conhecimento necessário e crítico social, que os ajudará a obter flexibilidade cultural, uma vez que o cordel está diretamente ligado a cultura popular.

Nas palavras de Silva (2010):

A partir da Literatura de Cordel, a leitura pode ser trabalhada num caráter sociocultural, isto é, uma leitura como representação social. Por esse motivo, concebemos esse tipo de literatura como um recurso que propaga um conhecimento histórico social e que promove práticas pedagógicas inovadoras (p. 02).

Segundo Papert (2008) durante a maior parte da história da humanidade a fala permaneceu como a única transmissora do aprendido. Seria quase inaceitável que outros instrumentos tivessem a importância reconhecida como predomina atualmente o discurso sobre as tecnologias.

Existem várias alternativas que os educadores podem explorar em sala de aula com textos de cordéis, uma vez que, inserir assuntos que fazem parte da vivência dos alunos é uma maneira de repensar a prática pedagógica e de envolver os alunos num contexto de sua realidade, rompendo assim com o modelo fabril baseado na repetição e memorização, onde o professor é detentor do conhecimento e os alunos são submissos a ele sem oportunidade de questionar ou de contribuir com o grupo.

A Inovação Pedagógica propõe mudanças que visam à melhoria da aprendizagem que antecipa o futuro. É preciso não confundir inovação com simples mudança, pois esta última tem a ver com transformação, alterações provocadas de maneira progressiva por agentes internos ou externos que pode ser apenas recuperar práticas do passado, enquanto que a primeira designa ruptura intencional com práticas antecedentes de educação tendo por finalidade à melhoria e eficácia da educação. Para Fino (2008b) “a inovação pode começar na ideia, mas envolve obrigatoriamente a prática” (p. 02).

Utilizar técnicas que facilitem e chamem a atenção dos estudantes é uma das formas de tentar reverter à situação educacional que carece das mesmas. O uso do cordel é, portanto, uma estratégia muito importante para atingir os objetivos que bem definidos e planejados com os recursos disponíveis podem ajudar de forma decisiva nesse anseio educacional.

O sucesso da educação, almejado por todos que se dispõem a encarar com afinco o desafio de ensinar, exige muito esforço e dedicação, precisa ser diariamente planejado e revisado, dentro de uma perspectiva acolhedora e inovadora articulada no contexto de aprendizagem para que se alcancem os objetivos educacionais conforme as necessidades e desafios enfrentados pelo professor.

Assim sendo, faz-se mister realizar mudanças nas práticas pedagógicas, mudanças estas que impliquem o rompimento com velhas práticas e possibilitem uma

convivência em harmonia com os indivíduos, situando-se em estudos que aproximem o discente de sua realidade.

Trata-se de tentar definir inovação pedagógica como a criação de novos paradigmas locais. Na linha da definição de mudança paradigmática, na óptica de Kuhn (1998) aborda-se o processo de depreciação da escola, enquanto lócus da construção de conhecimento e a necessidade de imaginação de novas formas de organização educacional susceptíveis de reconciliar a escola (ou a instituição que a substituir) com o desenvolvimento econômico e social.

A fase atual é de aprofundamento pedagógico, precisamos mudar radicalmente nosso modo de pensar sobre as aprendizagens que predominam de forma tradicional na escola e o uso do cordel pode ser um forte aliado no processo de ensino aprendizagem, de forma atrativa, lúdica e com aulas bem planejadas os alunos se envolvem com muito mais empenho nas atividades propostas pelo professor.

Para que o avanço educacional aconteça são necessárias várias tentativas, em qualquer área do conhecimento nem sempre o sucesso acontece na primeira tentativa, com a educação não é diferente, a criança precisa explorar os objetos ao máximo possível, ter a chance de aprender fazendo, percebendo que errou e iniciando de novo através de experiências concretas até que se sintam seguros para desenvolverem suas aprendizagens com eficiência e autonomia.

É preciso entender que inovação não é sinônimo de uma mudança qualquer, pois ela traz consigo algo novo, uma mudança intencional, requer uma ação persistente que exige esforço visando melhorar a prática educativa e para que essa mudança intencional (inovação) aconteça, se faz necessário que os educadores estejam dispostos a este esforço necessário.

Papert (2008) refere que as salas de aula são espaços artificiais e ineficientes de aprendizagem, inventados e considerados importantes para o desenvolvimento do conhecimento como a escrita, a gramática ou a matemática.

Percebemos que o termo inovação, há certo tempo vem sendo discutido, mas é nessas duas últimas décadas que se percebe uma inquietação maior por parte dos

profissionais e para que essa inquietação resulte frutos produtivos, precisa de investimentos e principalmente vontade humana.

Infelizmente nem todos os profissionais da educação se dispõem a um olhar mais atento aos novos desafios educacionais seja por falta de incentivos, por medo de romper com práticas educativas tradicionais ou até pela complexidade do tema que mesmo sendo discutido, pouco se entende a respeito do assunto. O ponto crucial de uma pedagogia é que o conhecimento dos conceitos não precede necessariamente a habilidade do aprendiz de usar ou interiorizar, pois a instrução deve preceder o desenvolvimento.

Muitas vezes não é importante pensar em como aprendemos, mas o que aprendemos. Com essa ideia o professor deve assumir o papel de mediador, facilitador das aprendizagens estimulando a reflexão para a construção do conhecimento de forma que oportunize um ambiente acolhedor e atraente para o aluno, sujeito de sua própria aprendizagem, aprendizagem esta que deve partir do interesse do próprio aprendiz.

É estimulando os alunos a buscarem novos conhecimentos e, orientando-os, que o professor, enquanto mediador do processo de ensino aprendizagem, atualmente determina a mudança na prática pedagógica e conseqüentemente na educação. Essa prática oferece aos alunos as condições necessárias para o estímulo a curiosidade, a pesquisa e o desenvolvimento de sua própria autonomia para a vida social.

Segundo Piaget (1985) a criança passa por estágios de aprendizagem e seu primeiro estágio de aprendizagem começa quando ela nasce. Desde então começa o processo de aprendizagem através do explorar, o tocar. Muitas vezes os adultos acham que estão conduzindo a aprendizagem, mas é a própria criança que vai se auto agindo.

O controle do processo de ensino pode ser dado através da observação do professor, se a aprendizagem é significativa para o aluno ou não. O aprendiz se sentirá mais à vontade para criar seus próprios meios de aprendizagem inseridos em um ambiente social com colegas, amigos e familiares estando à vontade para

explorar suas ideias e por si só perceber se os objetivos educacionais foram alcançados ou não em sua aprendizagem.

Há muito que se estuda e analisa os processos educativos, de acordo com o que se espera da escola hoje. É natural vermos uma montanha de conteúdos para serem transmitidos para os alunos, que muitas vezes nem se dão conta do que estão estudando, e como os professores às vezes não questionam qual sentido tal conteúdo estudado tem para suas vidas. Talvez fosse essa a pergunta crucial para os educandos, pais, e responsáveis pela educação e a problemática que precisa ser revista e repensada.

Esse processo de reflexão pode produzir diversos níveis de abstração, os quais, de acordo com Piaget (1985) provocarão alterações na estrutura mental do aluno. Transmitir conteúdos não é o mais significativo, o que leva muitas vezes os alunos a irem à escola sem o menor compromisso com a mesma, vão por que os pais os fazem ir, eles não acham interessante o que estão vendo na escola, não condiz com o que eles anseiam.

E isso é mais sério do que se pensa, ao chegar à escola não conseguem se envolver em nenhuma das atividades, e assim dificultam todo o trabalho do professor que não consegue atrair sua atenção, pois os conteúdos não vêm de fora da escola. Por que não perguntarmos aos nossos alunos o que eles querem aprender, o que eles estão curiosos para perguntar, o que lhes chamou a atenção fora da escola que eles queiram investigar.

Esta pesquisa se propôs a investigar até onde a prática pedagógica com a literatura de cordel tem despertado de forma crítica a criatividade e autonomia em relação à formação pessoal, social e cultural dos estudantes do 4º ano que frequentavam o ensino fundamental da Escola Rural Santa Clara.

É notável o grande teor educativo do gênero cordel, por sua linguagem simples e de fácil acesso, além da facilidade com que é encontrado em feiras livres por preços baixos. O cordel circula por várias camadas da população levando assuntos ligados às raízes e aos costumes do povo nordestino.

A opção pela temática se deu após uma experiência de trabalho na escola campo de pesquisa, onde percebeu-se que ao se trabalhar com a literatura de cordel os alunos se mostraram mais participativos e autônomos durante as produções.

A escolha do tema surgiu a partir da ideia que o estudo de temáticas regionais favorece oportunidades de aprendizagens crítico-reflexiva aos discentes. Entende-se que a literatura de cordel, por retratar assuntos que se referem ao cotidiano popular, leva os alunos a refletirem sobre suas vivências e conseqüentemente proporciona o desenvolvimento da criticidade dos aprendizes.

Seu objetivo primordial foi compreender de que forma o estudo e a produção de textos de cordel contribuem para uma aprendizagem crítica baseada no desenvolvimento da criatividade e autonomia dos aprendizes e seus objetivos específicos foram analisar práticas didático pedagógicas com a literatura de cordel numa turma de 4º ano do ensino fundamental, no sentido destas serem ou não práticas centradas nos princípios da inovação pedagógica, identificar no contexto da inovação pedagógica a utilização da literatura de cordel para aprofundamento da aprendizagem dos discentes, compreender a Literatura de cordel como uma prática em que se dá o processo de aprendizagem, de natureza crítico-reflexiva, em ambiente de ensino fundamental, compreender a percepção dos discentes na aprendizagem voltada para a Literatura de cordel e conferir, após o uso da Literatura de cordel, se os aprendizes compreenderam os conteúdos trabalhados, expressando pensamento crítico. Para tanto questiona-se: Como é que a Literatura de Cordel tem despertado, de forma crítica, a imaginação, a criatividade e autonomia em relação à formação pessoal, social e cultural dos estudantes do 4º ano do Ensino Fundamental?

Há algum tempo atrás, havia o preconceito que um aluno da área rural só alcançaria seus objetivos de formação na cidade, pois tinha-se a concepção de que o ensino rural não ofertaria perspectivas de um futuro melhor, não vendo, nem valorizando, seu ambiente rural como uma comunidade potenciadora de educação. Essa concepção prejudicou por muitos anos o desenvolvimento dos alunos das escolas rurais, fazendo-os se desestimularem com as atividades escolares e até abandonarem os estudos para ajudarem os pais na agricultura ou pecuária, prejudicando sua trajetória enquanto cidadãos com direitos e deveres.

Como afirma Paulo Freire (1996) “a escola não transforma a realidade mas pode ajudar a formar os sujeitos capazes de fazer a transformação da sociedade, do mundo e de si mesmos.” (p. 23). Este pensamento cria desafios a educadores, políticos e gestores de escola, no sentido de criar uma escola em contexto socioeducativo real que valorize as raízes culturais dos estudantes. Assim, a escola do campo é um lugar de aprendizagem que tem impacto nas comunidades rurais e deve ser respeitada e valorizada. Nesse espaço, naturalmente se cria a proximidade entre professores, aprendizes, família, cultura popular e comunidade em geral, que tem uma história, uma identidade e um caminho no mundo da educação.

É necessário que as organizações de educação, estatais e privadas, desenvolvam políticas que valoriem o homem do campo, a educação do campo e toda a complexidade de respostas educativas que precisam das crianças que vivem no campo.

Nesse norte, compreende-se que todos juntos, equipe gestora, professores, alunos e pais, podemos ajudar na formação humana, com aprendizagem consciente e saberes importantes produzidas na história da humanidade, já que as relações humanas, embora complexas, são peças fundamentais na realização comportamental e profissional de um indivíduo.

Em relação ao papel do professor na construção dos saberes das crianças de uma comunidade Freire (1996) refere que:

O bom professor é o que consegue, enquanto fala, trazer o aluno até a intimidade do movimento do seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma cantiga de ninar. Seus alunos cansam não dormem. Cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas (p. 32).

A dinâmica da prática pedagógica acontece quando professor e aluno partilham saberes em ambientes de aprendizagem desafiadores para ambos. O envolvimento, a relação, a participação e o conhecimento são fatores determinantes para olhar a educação como um trabalho de dimensão coletiva que integra os interesses individuais, dúvidas e incertezas.

Amenizar as dificuldades na prática da leitura é um projeto que deve ser desenvolvido com bastante dedicação e estímulo, pois segundo Marcuschi (2008) “o

letramento é um processo de aprendizagem social e histórica da leitura e da escrita em contextos informais e para usos utilitários, por isso é um conjunto de práticas, ou seja, letramentos. (p. 21)

Desenvolver a leitura é muito importante em nosso cotidiano, já que ela está em tudo ao nosso redor. Por isso, concluímos ler é conduzir um novo significado a aprendizagem, uma vez que a partir da leitura o aluno constrói novos conhecimentos que vão estimulá-lo a construir um novo objetivo educacional.

O leitor não deve ter apenas expectativas sobre o que o autor vai comunicar, ele deve ir além da imaginação e imaginar sentidos. O professor deve considerar o aluno como um ser capaz de desenvolver uma modalidade construtiva e dar valor ao aprendiz, pois ler e escrever para muitos alunos se trata apenas de uma forma de passar de ano.

A prática da leitura é muito importante não só para a aprendizagem, mas também para o desenvolvimento da sociedade. A leitura se torna muito mais eficiente quando o aluno conhece o seu verdadeiro significado. Ler é um grande prazer para quem sabe utilizar. Dessa forma, o leitor precisa compreender o que o autor quer transmitir através de suas produções.

Praticar a leitura deve ser uma meta alcançada por todos os indivíduos da sociedade, pois quem não sabe ler não sabe o que vem a perder. Muitas pessoas sabem ler, mas nem todas sabem compreender, a leitura deve ser um desafio buscado por todos, uma vez que a leitura possibilita a socialização do indivíduo na sociedade.

Baldi (2010) afirma:

A leitura aciona uma cadeia humana em direção a imaginação. (...) lendo me ligo a todos aqueles que vieram antes de mim e projetaram o tempo em que vivo no que ele tem de resistência a dor, a violência e a injustiça. Isso porque, se o dia-a-dia ensina a viver o que tenho pela frente, o livro literário desenha para mim outras realidades possíveis de acontecer e, portanto, verdadeiras (p. 08).

Isso significa que os livros nos possibilitam ir além da imaginação, pois quanto mais se lê mais se aprende. A partir da convivência no mundo aprendemos a fazer várias

coisas que em determinados momentos fraquejamos e chegamos até a esquecer de realidades que nos são oferecidas.

No entanto, a prática da leitura uma vez que é realizada, se for por prazer, nunca ficará de lado ela sempre estará à frente de tudo ao seu alcance. A prática da leitura nos abre portas para novos conhecimentos, se abrindo como um leque de novas ideias em nossa imaginação.

O dever do professor é motivar os alunos a praticar a leitura, pois é a partir dele que a criança vai tomar gosto por ler. O aluno deve valorizar a grande importância da leitura e ver que ela nos abre portas, além de fazer com que o mundo seja a margem do conhecimento e a fonte da aprendizagem. Mostrando que é a partir da leitura que o aluno vai se tornar um cidadão crítico.

Para Maia (2007) “quanto mais cedo a criança conviver com a literatura, mais garantias se têm em relação ao futuro como leitor” (p. 60).

Sendo assim, podemos dizer que quanto mais cedo o aluno sentir prazer ao ler, mais cedo vai se tornar um leitor assíduo que sabe “ler e compreender” o que está lendo.

O problema contemporâneo é que muitos professores utilizam métodos que não chamam a atenção dos alunos e isto acaba desmotivando-os. Assim, a criança perde o gosto pela leitura e muitas vezes levam livros para casa só porque a professora pediu e leem apenas por obrigação para contar um pouco da historinha na escola quando a professora pedir para resumir o livro.

Por isso, reafirmamos que as atividades devem ser bem planejadas, articuladas de acordo com os anseios dos alunos e não apenas para preencher tempo e espaço, uma vez que o papel mais importante do professor é criar um ambiente acolhedor que facilite a construção de aprendizagem dos alunos no dia-a-dia em sala de aula, onde é permitido errar e a experiência aconteça de forma natural.

Defendido por Paulo Freire e Jean Piaget o trabalho organizado em grupo pode ser utilizado a favor das práticas do professor para fortalecer de forma significativa e desenvolver a capacidade cognitiva do aluno como ser social no ambiente com o

qual está inserida essa interação pode ser o diferencial para que a aprendizagem realmente aconteça de forma significativa e autônoma.

Segundo Vygotsky (1998) o desenvolvimento da aprendizagem é uma atividade colaborativa e social que não pode ser ensinada. O próprio estudante tem que construir o seu entendimento na atividade proporcionada e o professor deve atuar como facilitador deste processo, deixando ao aprendiz o prazer da descoberta, explorando as experiências vividas pelos alunos fora do ambiente escolar e incentivando a aprendizagem num ambiente educativo, utilizando essas ferramentas a seu favor.

Qualquer atividade que favoreça a construção da aprendizagem pelo aprendiz é válida, não se questiona como o aluno aprendeu como já mencionado anteriormente, mas que a aprendizagem aconteça de forma significativa e autônoma na cabeça dos alunos.

Este projeto propõe focar a atenção em paradigmas ancorados na cultura popular a fim de aproximar os conteúdos trabalhados às vivências dos alunos, por compreender ser de suma importância investigar como a leitura e produção de textos de cordel contribuem para uma aprendizagem crítico reflexiva.

1.2 Breve histórico sobre a literatura de cordel

Os primeiros registros sobre a literatura de cordel surgiram por volta do século XVI na Espanha. Logo após, com a descoberta da imprensa e a popularização da arte no século XVIII e XIX, os textos de cordel atingiram o seu apogeu naquele país.

Como se dizia na Espanha esse gênero de expressão literária era chamado de “folhas volantes” ou “pliegos sueltos”. Geralmente eram escritos em quadras, décimas ou em prosa e postos em feiras livres.

A tradição desses folhetos, como atualmente são chamados no Brasil, ou “folhas volantes” como dizem os portugueses, tratavam sobre romances da realeza

européia entre reis e rainhas, príncipes ou cavaleiros e princesas. Retratavam histórias de lutas, guerras, catástrofes naturais, crimes, amores, traições, vitórias e derrotas de toda população europeia.

Da Espanha a Portugal, os folhetos de cordéis, também chamados de folhas volantes, cruzaram mares atravessando tempos até chegar ao Nordeste brasileiro pelos colonizadores portugueses em forma de arte e cultura popular.

Essas histórias ou versos em prosa também eram conhecidos como de “trancoso”, devido aos escritos de Gonçalo Fernandes Trancoso que fez em Portugal uma série de textos moralizantes no início do século XVI. Embora esses escritos tivessem seu início no século XVI, seu apogeu se deu no século XIX.

Com a importação de máquinas tipográficas de segunda mão trazidas da Inglaterra para capitais e cidades do Sertão, a literatura de cordel ganhou uma dimensão até então não conhecida e se estabeleceu finalmente nas feiras do interior mais distante, em aldeias e, sobretudo no meio rural.

A partir daí os “folhetos de cordel” ganharam uma dimensão que até então não possuíam. Junto com essa popularização surgiram grandes artistas, escritores e cantadores no século XIX, tais como, Leandro Gomes de Barros e Francisco das Chagas Batista (escritores) e cantadores como Inácio da Catingueira e Romano do Teixeira que foram protagonistas de grandes duelos ou “pelejas” que posteriormente foram títulos de textos de cordel.

Essas pelejas são cantorias de improviso onde os cantadores oponentes duelavam na oralidade empregando motes – que são estruturas dos relatos de cordel - que seu adversário não consiga rimar. Os versos são sugeridos pela plateia ouvinte da peleja. O cantador improvisa os versos com muita criatividade e vence o cantador que improvisar a melhor rima.

A partir do século XIX com Romano do Teixeira e Silvino do Pirauá de Lima os cordéis obtiveram novas formas e passaram a ser cantados além de em quadras ou décima, também em sextilhas numa referência à poesia oral.

Abreu (1999) afirma que existem diferenças entre a literatura de cordel do Nordeste brasileiro e a portuguesa. Primeiramente o aspecto formal, apesar de ser recitada

em praças e feiras, a literatura de cordel portuguesa está mais ligada à escrita de que a oralidade como romances e peças de teatros. Muitos dos textos de cordel escritos em Portugal eram escritos no formato de prosa, até quando os versos eram rimados em quadras ou redondilha maior.

As inovações nos folhetos nordestinos advêm do romanceiro ibérico com contornos de locais e temas como o “Ciclo do Boi” e o “Ciclo do Cangaço”, expressões vivas da realidade nordestina.

Os estudiosos levantaram hipóteses sobre a origem da literatura e concluíram que a partir de documentos dispostos em diversas regiões – como inscrições em pedras, tábuas de argila ou vegetal, pergaminho, papiros, rolos ou folhas e grossos livros manuscritos difundiram-se oralmente de geração para geração.

A “literatura clássica” tem sua célula-mater na Novelística Popular Medieval em fontes orientais indo-europeias. Segundo pesquisadores, a coletânea mais antiga da Literatura Popular Europeia é Calila e Dinna surgida por volta do século V a.C.

No ocidente europeu, as primeiras manifestações literárias surgiram na Idade Média com a literatura narrativa de fontes diferentes: popular e outra culta. Entre os séculos IX e X oralmente começou a difundir-se a literatura popular conhecida como folclórica transformada posteriormente em literatura infantil.

Surgiram no século X as fábulas latinas de Fetro, que traduziu as fábulas gregas de Esopo, as quais despertaram grande interesse. Na França apareceram histórias de animais narradas em versos e em língua “romance”, conhecidas como Isopets, que consistiam em relatos moralizantes, mais tarde foram escritos para as escolas.

A história da literatura brasileira vinculou-se às mudanças estruturais ocorridas na sociedade nos séculos XVII e XVIII. A origem da literatura deu-se no modelo burguês da família unicelular, da nova classe emergente, olhando para a criança e as instituições, assim surgiu à produção de texto direcionado às crianças.

Estes textos tinham como alvo apresentar os valores da burguesia e sua ideologia intenções, reforçando o caráter pragmático do gênero. Acabou, portanto, comprometendo o reconhecimento da literatura como forma de expressão artística.

No final do século XIX, a literatura começou a passear no Brasil, propagando a concepção original, contextualizada com a literatura universal. Encontrou dificuldades para introdução do gênero na conquista hegemônica e no reconhecimento como produção artística. Os textos importados tinham o caráter didático-normatizador, para difusão de preceitos e normas de comportamento.

A primeira fase compreende o final do século XIX e início do século XX, buscava atender os anseios da sociedade na integração da instalação da cultura nacional, ligada à escola e à valorização do nacionalismo.

A segunda fase ocorreu nos anos de 1920 a 1945 – época do brilhantismo na política, da intelectualidade e do artístico. No período da Segunda Guerra Mundial registrou-se a transição do país arcaico para o moderno. A educação primária tornou-se obrigatória. Os autores dessa época nortearam seus textos para o regime autoritário, privilegiavam o espaço rural para as cenas dos enredos. As belas histórias da História do Brasil, de Viriato Correia, abordavam o passado de seus heróis segundo o nacionalismo e a ideologia da época.

A terceira fase abrange os períodos da década de 50 e 60 – a década da democracia. No início dos anos 50, surgiu a Reforma Capanema, momento essencial da aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Na década de 60, surgem os movimentos da educação popular e do grupo da reforma da Universidade de Brasília.

Nesse período, a Literatura assumiu um caráter conservador, privilegiando a agricultura, o café como fonte de riqueza. A Amazônia mereceu destaque. A supremacia da área urbana sobre a rural, abandono das terras. O campo transformou-se em pano de fundo para as aventuras das narrativas, surgem os temas históricos - história dos bandeirantes e os relatos da história.

A quarta fase compreende a década de 70 e 80, conhecida como época de transformações aceleradas. A pior crise econômica estabelecida no país. Na política, houve a abertura democrática, houve a reforma do ensino.

A literatura na década de 70 registrou um grande aumento de autores e de livros à disposição do público. Na poesia, mereceu destaque a qualidade da produção,

privilegiou o enfoque do cotidiano infantil, e a criança-natureza focalizando as sensações e o mundo das cores, recuperou-se o folclore oral, através das cantorias.

Sem esquecer a tradição, mas sem desprezar a contemporaneidade, o cordel chega vivo e com fôlego ao século XXI. (HAURÉLIO, 2010, p. 106)

E com méritos, portanto, é que a Literatura de Cordel alcança um novo público, sem perder de vista os leitores tradicionais. Longe do paternalismo, característico do período de crise mais aguda – meados dos anos 1980-90 – e sem depender de subvenções demagógicas, o Cordel (texto e ilustração) e seus criadores evoluíram e se organizaram. Os poetas e editores antenados não abrem mão das novas tecnologias para oferecer ao público edições bem cuidadas.

A LITERATURA DE CORDEL NO BRASIL

Estudiosos afirmam que a literatura de cordel chegou ao Brasil junto com os europeus portugueses. Segundo Holanda (2011) quando os portugueses descobriram e colonizaram o Brasil, a Europa tinha acabado de sair da Idade Média. Essa época foi considerada por muitos a Idade das Trevas, quando a ciência e as artes regrediram, e ninguém podia expressar suas ideias ou conhecimentos sem correr risco de ir para a fogueira. (p. 10)

Como foi dito no item anterior, embora a literatura de cordel brasileira tenha sua origem portuguesa, apresenta peculiaridades próprias, tais como:

- ✓ Os folhetos devem ser escritos em versos;
- ✓ Os versos obedecem a uma estrutura rígida de rimas e estrofes escritas em sextilhas ou décimas;
- ✓ O título do folheto deve ser enxuto e conseguir resumir a história para atrair a atenção do leitor/ouvinte;
- ✓ O folheto deve possuir entre 8 e 16 páginas (passando a ser romance a cima dessa quantidade de páginas);
- ✓ A xilogravura do folheto e a ilustração da capa em forma de clichê deve apresentar um resumo da história narrada.

Observa-se que a literatura de cordel versada no Nordeste brasileiro segue regras próprias, diferentes da literatura de cordel portuguesa que não segue tais regras tão severas ou formais.

A literatura de cordel portuguesa tem como referencia as obras de autores como Gil Vicente e Baltasar Dias diferentes em suas concepções formais e destaca os romances muito conhecidos como “Capitão Belisário”, “João de Calais”, e “A Princesa Magalona.”

Já a literatura dos folhetos nordestinos valorizava autores que contém a mesma concepção formal entre os quais Leandro Gomes de Barros e Francisco das Chagas Batista, esses tanto escreviam histórias do romanceiro ibérico como exploravam temas da região como disputas políticas, problemas com a seca e enchentes das chuvas, bois que se perdiam nas fazendas e o cangaço.

Como se vê, embora a literatura de cordel nordestina tenha suas origens na literatura de cordel portuguesa, sua produção torna-se independente baseada na oralidade e não na cultura letrada.

Segundo Abreu (1999) “os folhetos nordestinos tenham ganhado notoriedade e se estabelecido como expressão cultural através de cantorias e pelepas orais do que pela questão da literatura e da escrita. Também é notório que os folhetos são escritos, em função da voz do cantador e da possibilidade de memorização e recitação dos versos, em forma de sextilhas e décimas” (p. 12).

Assim, as diferenças na origem do cordel português para o brasileiro se deram muito mais para economizar o valor das brochuras, de que para modificar os aspectos formais. Uma vez que no Brasil o cordel se solidifica pela influência oral em que não predomina a escrita.

O cordel português expressa dramaturgia teatral, vigiada pela Santa Inquisição. Já no Brasil adquiriu a forma de poesia que valoriza muito mais a oralidade e não a forma de letramento.

Em 1508, foi impresso *Amadis de Gaula na Saragoça*, na Espanha, de autoria de Garcia Rodrigues de Montalvo. Certamente não foi a primeira edição. É possível que o espírito belicoso de *Amadis* tenha causado uma impressão marcante a ponto de impedir os conquistadores buscarem o desconhecido além do Mar Tenebroso habitado por monstros, idealizado a partir das ilustrações das cartas geográficas da época.

Mas, afinal, quem eram esses aventureiros e o que faziam a bordo durante a longa e cansativa viagem? Segundo o pesquisador italiano Silvano Peloso, esses aventureiros utilizavam a leitura coletiva como forma de diversão e luta contra a monotonia que muitas vezes surgia a bordo. Jogavam com cartas e dados (embora

fosse severamente proibido) e, frequentemente, era realizada a leitura interpretada em voz alta, onde os viajantes, sentados em círculo, escutavam um texto. Por vezes, na quietude do mar e do silêncio, também acontecia o que se chamava de leitura solitária e individual.

Desta maneira, muitos textos, prevalentemente de literatura popular, chegaram ao Novo Mundo com as bagagens dos colonos, constituindo as primeiras bibliotecas à disposição de todos (HAURÉLIO, 2010, p. 15).

É importante observar que mesmo pertencendo à mesma origem, o cordel brasileiro se distingue do cordel português tanto pela estrutura formal (um em prosa, o outro em verso) como pelos temas e tratamento aos fatos e assim com características autenticamente nordestino. Todas as literaturas nacionais têm a sua formação no conjunto de lendas e histórias contadas pelo seu povo, repassadas oralmente.

A teoria e a crítica literária tiveram sua gênese com as normatizações apresentadas por Aristóteles sobre esse *corpus*. Tomando, ainda, a literatura grega como arrimo, seus temas não passaram pelos mesmos da literatura de cordel? Não houve uma poesia didática com Hesíodo? E um romance de amor e aventura com Xenofonte de Éfeso e Aquiles Tácio? (HAURÉLIO, 2010, p. 18).

Antes de tudo a literatura de cordel é uma forma de expressão de cultura popular, que passa de geração em geração, através da oralidade nas comunidades com pouco letramento, assim seja pelo contexto histórico ou socioeconômico permanece à margem das sociedades letradas. Apesar de nem todos os autores de cordéis letrados pertencerem à elite socioeconômica do Nordeste, alguns se destacaram fazendo parte da elite letrada como Leandro Gomes de Barros e Francisco das Chagas Batista, conforme já foi referido anteriormente.

Burke (1995) refere que o significado de cultura popular era diferente entre a elite e o povo. No Nordeste a elite soube apreciar essa cultura valorizando suas características próprias e os poetas referidos expressaram de forma poética em seus textos as manifestações, costumes e crenças do povo nordestino, havendo assim uma interação entre a oralidade e a escrita, o popular e o erudito.

Este autor refere também, nos seus estudos sobre cultura popular, que por vezes os grupos de elite, detentores de uma cultura própria, participavam ativamente nas manifestações culturais do povo. A esta dupla face cultural das elites, Burke (1995) chamava de bi-culturalismo.

A despeito do cordel do Nordeste brasileiro manter a sua tradição do romanceiro e da cantoria, este também inovou nesses mesmos aspectos, como as lutas e guerras travadas expressas nos textos de cordéis que venciam os mouros infiéis até o século XIX.

Segundo Holanda (2011) as cantorias são herdeiras naturais do cordel, assim, pode-se observar que as cantorias transmitidas da oralidade para escrita dos folhetos e conseqüentemente a escuta dos folhetos através das cantorias é o que caracteriza a arte popular em constante renovação.

Com as manifestações populares brasileiras chamadas de cangaço e o surgimento da escrita dos folhetos criou-se um novo olhar sobre os heróis nordestinos com as mesmas características de bravura, heroísmo, coragem e fidelidade dos cavaleiros da Idade Média.

Assim, outros olhares também foram surgindo como, por exemplo, com o gênero feminino, que a partir do século XX começou a ser inspiração para produção de textos de cordel. De heroína a anti-heroína, a figura feminina passou a ser retratada numa versão contrária ao que estava acostumado a ser visto. De boa moça, dona de casa séria e exemplo de bom comportamento, à ousadia e esperteza, o que começou a depreciar a figura feminina

Na passagem do século XX para o século XXI, além das transformações temáticas também foram surgindo mudanças no âmbito formal e espacial na literatura de cordel.

Segundo estudos de Galvão (2006) no Nordeste o analfabetismo sempre foi uma marca não somente a tradição do cordel histórica e social, mas também cultural. (p. 24).

Contudo, os cantadores eram considerados porta-vozes do povo que não tinham acesso à informação e recitavam seus textos em feiras livres, mercados e em engenhos das fazendas, fazendo dos folhetos além da expressão do povo simples, a divulgação da notícia.

Assim, desde o final do século XIX até o início do século XX com a chegada dos portugueses no Brasil, a literatura de cordel faz parte da vida dos nordestinos que vivem no campo desenvolvendo atividades como a agricultura, sem oportunidades de melhores condições de vida e que começaram a passar para o papel um universo de experiências com cantorias de viola e contos que estavam guardados em suas memórias.

É esse universo cultural influenciado pelos ritmos afro-brasileiro, pela mistura de rituais sagrados e profanos que difere o cordel das demais culturas. Segundo Galvão (2006) “não há, entre os estudiosos, um consenso quanto às origens desse tipo de literatura no país e, particularmente, seu desenvolvimento no nordeste brasileiro” (p. 28).

Apesar do surgimento do rádio e a sua popularização nas décadas de 1940 e 1950 poucos aparelhos foram espalhados pelo sertão nordestino, o que fazia com que o cantador ainda mantivesse sua popularidade frente a nova mídia.

Contudo, a expectativa de novas oportunidades de emprego e de uma vida melhor a migração para as cidades de Fortaleza/CE e Recife/PE, o público que escutava a cantoria e os textos de cordéis nas praças públicas e em feiras livres se urbanizou.

Assim, o cordel também sofreu influências, passando assim a ser também urbanizado e recitado em espaços urbanos. Surgiram rádios especializadas em transmitir cantorias, tanto em capitais nordestinas como na grande metrópole de São Paulo/SP, que recebeu grande parte dos imigrantes, muitos, nordestinos.

Com o aparecimento da TV em 1960, o cordel passou também a ser divulgado na nova mídia ganhando espaço tanto em novas mídias como também em lugares até então não frequentado como em bares, restaurantes e universidades.

Atualmente, mesmo com os meios de comunicação chegando a quase todo lugar do sertão, o cordel ainda tem seu lugar. Não como notícia, mas como meio de

expressar o sentimento dos cordelistas, seja para protestar contra a corrupção, a devastação da natureza, a perda dos valores culturais, a violência, a miséria, o desemprego, “além dos que contam histórias jocosas e engraçadas, pois o nordestino faz humor até com a própria desventura” (HOLANDA, 2011, p. 22).

Assim, a literatura de cordel passou a ser fator de aprendizagem e alvo de estudos nas escolas de alfabetização por pesquisadores e estudiosos nas universidades do país. Outros temas foram surgindo com o cordel, dentre eles, os enredos, peças de teatro e personagens de peças de teatros como “O Auto da Compadecida” e “A Farsa da Boa Preguiça” de Ariano Suassuna, levando o cordel do teatro ao cinema e a televisão com nova linguagem e um novo formato.

Ainda segundo Holanda (2011) hoje as pessoas estão descobrindo o cordel, porque estão se conscientizando que somos mais fortes como povo quando valorizamos as nossas tradições culturais. Tem cordel para vender nas bancas de revistas, ao lado dos jogos eletrônicos e quadrinhos estrangeiros (p. 22).

No entanto a inovação no cordel não se deu apenas com a mídia ou televisão no século XXI. Outras mudanças formais surgiram como a capa que até 1980 tinha a xilogravura como resumo da história para o público leitor/ouvinte, histórias em quadrinhos à criação de livros infantis ilustrados com poesias de cordel para crianças.

Todas essas mudanças com a literatura de cordel deixam clara a disposição tanto dos criadores de folhetos, quanto dos cantadores de adaptarem-se as inovações da nova sociedade no âmbito social, político e econômico e, ainda assim manter o seu caráter regional e popular sobrevivendo até os dias atuais. Assim, podemos considerar a literatura de cordel atualmente como uma nova forma de cultura, híbrida, mesclada. Graças à forma como a cultura de massa aborda o cordel.

O problema reside nos muros erguidos para separar a literatura “cultura” da popular, como se ambas não representassem apenas os dois lados de uma mesma moeda (HAURÉLIO, 2010, p. 65).

Apesar de ser uma forma de manifestação popular da oralidade, a literatura de cordel faz parte do universo de sociedades que estão à margem da cultura letrada.

Compreende-se que os textos de cordéis não correspondem às exigências da forma padrão de linguagem, utilizam uma linguagem regional e popular com características próprias. A forma da escrita quase sempre corresponde à forma da fala ou da cantoria obedecendo a um sistema de rimas, rito e discurso direto, peculiares da oralidade.

Também a que se notar a forma como se dá a recepção dos cordéis no Nordeste brasileiro, onde nesta região o leitor/ouvinte reflete bem as questões de preconceito sociais e estratificações existentes.

Ao longo dos tempos os folhetos de cordéis foram recebendo classificações que poderiam ser chamadas de “temáticas”, surgidas com o intuito primeiro de permitir uma melhor comercialização deste tipo de literatura (SANTOS, 2007, p. 130).

Os primórdios da literatura de cordel encontrada no Brasil estariam desse modo, relacionados à sua semelhança portuguesa, trazida para o Brasil pelos colonizadores já nos séculos XVI e XVII (GALVÃO, 2006, p. 29).

A partir do início da década de 90, houve uma grande revalorização de movimentos culturais com intuito de resgatar a cultura popular. Em 1997, é inaugurado o Bar do Cordel, no Recife Antigo, com a presença de J. Borges, famoso xilógrafo de Bezerros/PE.

Em 2001 houve uma grande exposição realizada em São Paulo para celebrar 100 anos do gênero de cordel, embora o primeiro folheto localizado no Brasil tenha sido produzido em 1893 (GALVÃO, 2006, p. 18).

A Literatura de Cordel apresenta um universo peculiar do gênero como à xilogravura, os textos em versos e rimas, os desafios, a peleja e as sextilhas. Escritores de obras da literatura erudita como Graciliano Ramos, Mário Quintana e outros nomes como Moraes Moreira, Elba Ramalho, Luís Gonzaga, Raimundo Fagner, Chico César, Shakepear e Chico Science, demonstraram grande interesse por textos de cordéis.

No entanto, segundo Galvão (2006) os poetas e cantadores são em sua maioria homens, analfabetos, de classes sociais distintas.

Geralmente os palcos de ação dos poetas eram em pequenas cidades, espaços rurais, fazendas, engenhos e feiras de venda e compra de produtos. Mais recentemente, os cantadores e poetas expressam a sua arte em grandes cidades e através de meios de comunicação (rádio, jornais, televisão). É interessante salientar que o cordel era chamado romance, libreto ou folheto. O termo cordel só foi adotado muito tempo depois. (HOLANDA, 2011, p. 13).

De acordo com o autor:

Nas feiras europeias, esses cordéis eram expostos pendurados em cordões. Alguns pesquisadores afirmam que daí vem o nome *cordel*. Outros acreditam que esse nome viria da palavra *coração* em latim, por os folhetos expressarem tão bem o sentimento dos autores e leitores. Há estudiosos que atribuem a origem dessas histórias de cordel à tradição das histórias orais, como as das *Mil e Uma Noites*. É bem possível que essa hipótese seja verdadeira, pois muitos dos personagens e cenários da cultura árabe povoam os folhetos do cordel europeu e nordestino (p. 12).

A denominação Cordel é originária da forma tradicional como são expostos à venda pendurados em barbantes em feiras livres, mas no Brasil a tradição do barbante não permaneceu podendo ser ou não vendido dessa maneira. Alguns folhetos são ilustrados logo na capa por xilogravuras também usada como meio econômico ao longo dos tempos.

O Cordel é uma forte manifestação de inspiração crítica e puro senso de humor popular que expressa com espontaneidade de forma simples o que sentem os companheiros de vida e classe social. A simplicidade como se expressa os autores cordelistas desperta a dedicação e interesse dos mais sofisticados leitores da literatura erudita.

Os estudos de Galvão (2006) dizem que a credibilidade e a confiança das pessoas, nos folhetos, textos e apresentações desenvolvidas pelos poetas e cantadores, é muito maior do que as informações divulgadas nos jornais e outros meios de comunicação em massa.

Os temas de grande variedade relacionados ao preconceito, discriminação racial, ética, educação sexual, combate as drogas, violência, narrativas de amor e sofrimento por mocinhas indefesas, vilões impiedosos, contos do folclore brasileiro, lendas animais, catástrofes, milagres religiosos, acontecimentos políticos com fins

de propagandas comerciais encarregava os poetas brasileiros de levar a notícia e informação a diversas regiões do país divertindo e sensibilizando o leitor.

Não existe restrição de temas para os textos de cordéis, é comum encontrar expressões e ditados populares, provérbios, poemas, trava-línguas, lenga-lengas e cantigas. A forma da escrita obedece a forma da fala ou cantorias com rimas e ritos típicos da oralidade com aspectos que destacam e valorizam o povo nordestino.

Alguns fatos receberam maior evidência na Literatura de Cordel como o suicídio de Getúlio Vargas, a vida pública de João Gulart, Jânio Quadros, Frei Damião, milagres do Padre Cícero e as aventuras de Lampião e seu bando no sertão nordestino.

Também se encontram nos folhetos, como fonte de inspiração, peças de teatro, novelas, filmes e seriados que foram recontados como: O auto da Compadecida, de autoria de Ariano Suassuna, Morte e Vida Severina, de João Cabral de Melo Neto, Romeu e Julieta, de Shakspear.

Muitos poemas se destacaram na literatura popular dentre outros: As espertezas e malandragens de João Grilo e Pedro Malasarte, A triste Partida, de Patativa do Assaré. A chegada da Prostituta no Céu, de José Francisco Borges, Viagem a São Saruê, de Manoel Camilo, A Chegada de Lampião no Inferno, de José Pacheco da Rocha, dentre outros.

Alguns textos apresentam traços quanto à sua narrativa. Os recursos mais utilizados nessas narrativas são as descrições de personagens em cenas com monólogos com queixas, súplicas, rogos e preces por parte dos protagonistas com o ponto central numa problemática a ser resolvida com astúcia e inteligência para atingir o objetivo de vencer o oponente.

Nos textos de cordel, as questões são resolvidas da melhor forma e o vencedor é sempre o herói que faz justiça com as próprias mãos ao resolver problemas de mocinhas indefesas, libertarem castelos e reinos, consentimentos de namoros de casais arranjados, desfazerem feitiços de bruxas, dentre tantos outros assuntos onde no final o herói vencedor é exaltado e os opositores humilhados.

De acordo com Galvão (2006) uma primeira constatação que pode ser feita a partir da análise dos folhetos é de que a maioria das histórias tem as características de uma narrativa. Mesmo quando não “contam uma história”, os poemas tendem a dedicar uma significativa parte de seus textos à narração, são relativamente poucas as estrofes dedicadas a descrição ou a análise de algum fato.

Assim, é característica dos cordéis já em sua capa cumprir um importante papel de antecipação de compreensão ao conteúdo da história narrada. As ilustrações impressas na maioria dos folhetos levam o leitor habituado com esse universo a fazer inferências a partir da capa.

Ainda segundo Galvão (2006) muitas vezes, o autor/editor dos folhetos obtinha os clichês para a confecção das capas nas tipografias de jornais ou reutilizava os cartões postais que circulavam na época sem que, necessariamente, tivessem relação direta com a história narrada.

Era importante que fossem capas atrativas e baratas do ponto de vista editorial, sem contar que os leitores gostavam de capas com fotografias retiradas de cartões postais e de artistas de cinema.

Alguns estudos realizados apontam que na época do seu apogeu o público consumidor dos folhetos era constituído predominantemente de “nordestinos”, mulheres e homens adultos, negros, católicos e crianças, analfabetos ou semi-alfabetizados das camadas mais populares.

Atualmente os educadores que procuram assumir uma postura voltada para a formação crítica e reflexiva dos alunos, envolvem os alunos em atividades diferenciadas, a fim de fazê-los despertar para o desejo de ler diversos textos.

Justamente, com a intenção de provocar o desejo de aprender nos alunos, o conhecimento deve proceder de suas próprias origens e vivências. Nessa direção, o trabalho com textos de cordéis precisa apresentar-se de maneira provocativa a fim de gerar aprendizagens significativas.

2.1 O processo de aprendizagem através da literatura de cordel

Observamos que a literatura de cordel faz parte da cultura brasileira, e que esta chegou ao Brasil com a vinda dos europeus portugueses. Como sabemos os textos com literatura de cordel tratam de vários assuntos com humor e criatividade. Mesmo com esse teor criativo os textos obedecem a suas regras.

Atualmente a escola vem buscando práticas que facilitem a aprendizagem dos alunos e o professor precisa manter a postura de facilitador e mediador das aprendizagens.

Não se pode negar que o debate em torno da formação do sujeito leitor tem suscitado diversas iniciativas no contexto educacional, no sentido de reverter o quadro da crise da leitura já analisada (MAIA, 2007, p. 77)

Nesse contexto, precisamos diversificar as atividades em sala e relacioná-las com a imaginação das crianças, atividades que favoreçam a criação e momentos de diversão para os alunos.

Segundo Magnani (2001) o mercado de livros didáticos e paradidáticos aumenta bastante, mas não é necessariamente a solução para os problemas da cultura brasileira, pois a aquisição do hábito da leitura nem sempre está ligada a programas pré-estabelecidos.

É necessário que o assunto seja tratado de forma a se atingir o desejo de ler pelo prazer que a leitura possa proporcionar mais do que pela necessidade de ler para adquirir um conhecimento. A leitura deve ser um estímulo, um alargamento de horizontes e possibilidades e, sobretudo, deve ser prazerosa.

As atividades com a literatura de cordel oferecem um leque de atividades que podem ser trabalhadas em sala de aula com oportunidades de leitura e produção de textos que favoreçam as aprendizagens dos alunos, uma vez que estes serão autores de seus próprios textos.

As produções dos textos de cordel oferecem oportunidades aos alunos que favorecem a construção de suas aprendizagens. Com o intuito de desenvolver habilidades que os motivem a conhecer bem a literatura de cordel como parte da própria história interagindo como ser pensante e crítico capaz de se compreender e agir de forma positiva em seu contexto social.

Os textos de cordel têm uma estrutura própria com versos e rimas que lhe são peculiares. Essa estrutura pode se tornar uma importante aliada para incentivar e despertar nos alunos o gosto e o prazer pela leitura.

A literatura de cordel faz parte da literatura popular brasileira. Assim, trabalhar com os textos de cordel na sala de aula leva os alunos a refletirem sobre as especificidades da própria cultura permitindo tanto aos professores quanto aos alunos a descoberta dos primórdios de sua própria identidade.

A literatura de cordel pode contribuir para a formação do leitor crítico facilitando e enriquecendo o trabalho do professor em sala de aula. Segundo Maia (2007) “o poder do texto literário de transportar para lugares imaginários, de permitir vivências que o cotidiano nega, estimula, de antemão, a imaginação da criança, criadora por excelência” (p. 68).

Não há como negar que as atividades de leituras vivenciadas em sala de aula através dos textos de cordel possibilitam momentos de criatividade e imaginação num exercício permanente e troca de experiências já que a prática da leitura vai além dos muros da escola e coloca o aluno frente ao mundo de novos significados.

Para que a escola possa expandir a leitura para além de seus limites, é preciso que se faça um trabalho constante de leitura a partir da sua própria história e que se faça compreender a partir de um compromisso político educacional.

O compromisso de formar leitores críticos capazes de lutar por uma sociedade que se pretende mais justa e independente também contribui como inspiração para novas produções independentes.

É sabido que a maioria dos professores, em diversos níveis de ensino, enfrenta dificuldades no ensino da Língua Portuguesa no que tange a produção e compreensão dos textos dos alunos. A ênfase as regras gramaticais e as formas

descontextualizadas como a maioria dos professores transmitem os conteúdos, podem ser os responsáveis pelo “fracasso” e falta de motivação dos alunos em produzirem seus próprios textos de forma criativa.

A busca por uma prática que favoreça a aprendizagem dos alunos é que nos fez perceber como a literatura de cordel como instrumento didático para a inclusão de propostas que facilitem o ensino da língua, uma vez que se entende que a literatura de cordel favorece ao aluno uma visão holística do mundo ao seu redor.

A escola deve se tornar um ambiente que favoreça a divulgação e análise reflexiva da cultura. O resultado de diversas pesquisas demonstra que um grande número de alunos brasileiros não compreendem o que leem, não fazem relação entre as múltiplas informações que recebem e a realidade que os rodeiam. Com isso, eles têm dificuldade de se posicionar criticamente frente ao que leem (BORGATTO, 2007, p. 07).

Isso ocorre principalmente, pelo fato de que a maioria das escolas trabalha de forma descontextualizada e com práticas de representações e decodificação de símbolos, abandonando o trabalho com atividades de leitura e produções textuais.

2.2 A importância da literatura de cordel no processo de aquisição da leitura e da escrita

Sabemos que a cultura popular está inserida na sociedade como patrimônio da história. Sabe-se também que para que haja aprendizagem é imprescindível que os alunos compreendam o que leem. Assim, quando o aluno não consegue transpor as informações contidas no texto que leu, o interesse pela leitura se perde por não adicionar novo conhecimento.

Várias vezes isso acontece com os alunos quando leem textos muito teóricos e de difícil compreensão na maioria das disciplinas. Para que a leitura desperte o

interesse e seja relevante para os alunos, se faz necessário que o tema seja pertinente ao contexto destes.

Nota-se que a leitura e produção de textos em sala de aula vêm se tornando, cada vez mais, uma importante aliada para os educadores que trabalham com o escopo de formar cidadãos críticos.

Sabe-se que a literatura de cordel consegue envolver os alunos na leitura dos textos despertando o desejo e a curiosidade dos alunos em conhecer parte da cultura popular brasileira por tratar de vários assuntos como ficção, tragédias, injustiças, romances, economia, política, aventuras, desigualdades sociais entre outros nas disciplinas trabalhadas em sala de aula de forma descontraída.

Dessa forma, a literatura de cordel oferece oportunidades para os alunos estarem em contato com um infinito número de textos dos mais variados gêneros textuais. O texto com cordel pode ser usado não só como forma, mas como recurso para a interação dos alunos na sociedade exercendo a cidadania plenamente.

É sabido que o ensino da Língua Portuguesa nas escolas brasileiras explora o uso da gramática normativa como única forma de expressão, tanto oral como escrita. Muitas vezes essa cobrança dificulta os alunos a se aventurarem em produzir textos gramaticalmente “corretos”.

Observa-se que, a cada dia que passa, o mundo contemporâneo exige mais agilidade, criatividade, rapidez de pensamento, discurso persuasivo e adequação de estilo, o que impõe à escola algo novo: levar o aluno a apropriasse dos escritos para agir na vida (ROJO, 2006, p 23).

Assim, os textos de cordel pela diversidade dos temas oferecem aos alunos várias opções para expor suas ideias de forma consciente. Não apenas com as suas produções, como também a partir de outras opiniões em diversos contextos.

O contato com a literatura de cordel pode ser capaz de oferecer oportunidades aos alunos para expandir sua capacidade em diversos contextos sociais não se sentem inibidos para produzir textos, já que a ideia é inserir os alunos num ambiente leitor, deixando-os à vontade para expressar suas ideias e só depois trabalhar as regras gramaticais.

O fato de as crianças compartilharem as leituras em casa mostra a concepção construída de que a linguagem escrita é uma atividade de caráter social que se faz para com o outro (BAKHTIN, 1990, p. 106).

Nesse contexto, se faz necessário que o educador mantenha uma atitude de mediador das aprendizagens. Aquele que procura facilitar apontando direções que despertem nos alunos a curiosidade de investigar dentro e fora da sala de aula.

Com essa ideia, a contribuição da literatura de cordel enriquece a prática do professor na busca incessante de facilitar as aprendizagens dos alunos. É inegável que a literatura de cordel contribui para o conhecimento de nossas origens valorizando o conhecimento adquirido pelo aluno antes de chegar à escola, tão defendida por Paulo Freire.

Trabalhar com a Literatura Cordel favorece a aprendizagem dos alunos, uma vez que estes têm uma visão muito mais ampla e enriquecida sobre as concepções de leitura além do estímulo a uma visão crítica e autônoma frente a questões morais, políticas, sociais, econômicas e culturais.

A sociedade cobra muito no que diz respeito à aprendizagem dos alunos, este precisa estar atento ao lê e ao que se passa ao seu redor, uma vez que a modernidade exclui aqueles que ficam à margem dos requisitos impostos pela sociedade.

Assim, a Literatura de Cordel oferece condições que contribuem com uma educação para os alunos engajada na realidade e não apenas aquele aluno que decodifica símbolos e letras, mas que acima de tudo faz inferências e que se posiciona criticamente diante do que lê.

Vários estudos foram feitos acerca da linguagem oral que passou a ser vista com objetivo de formar o aluno falante e competente. A partir disso, a literatura de cordel, por se caracterizar pela oralidade, oferece condições de aprimorar a habilidade oral no aluno.

Trabalhar com textos de cordel em sala de aula oferece um vasto campo que pode ser explorado, tais como arte, rimas, ilustrações, xilogravuras, entre outros nos diversos temas que podem ser discutidos com os alunos. Considerando a

diversidade de formas como podem ser apresentadas tanto na oralidade, como escrita, cantada ou declamada, a literatura de cordel sem dúvidas, proporciona várias possibilidades pedagógicas.

Dessa forma, é cada vez mais urgente que as práticas educativas tenham o intuito de gerar aprendizagens significativas nos discentes, o que será possibilitado a partir da inserção de práticas reflexivas ancoradas nos anseios da inovação pedagógica.

A educação tradicional por décadas predominou nas salas de aula, onde os alunos sentiam-se “forçados” a estudar numa obediência inquestionável, situação que não atende mais aos interesses da atualidade, já que hoje é essencial a discussão de pontos de vista diferenciados.

Segundo Papert (2008) “o conhecimento torna-se valorizado por ser útil, por ser possível compartilhar com outras pessoas e por combinar com o estilo pessoal do indivíduo” (p. 173).

Nesse contexto, conclui-se que incentivar os alunos a lerem e produzirem textos de cordel proporciona momentos de aproximação da temática com a realidade dos educandos num universo de fantasia, humor, desejos e realizações, o que favorece a aquisição de aprendizagens significativas.

Os anseios da era moderna levam as escolas a reverem suas práticas voltando seu olhar para as necessidades de aprendizagens dos educandos num contexto informal, ou seja, fora da escola.

Conforme Toffler (2007) cada nova civilização colhe ideias do passado e as configura de maneira que a ajudam a se compreender em relação ao mundo. Com essa ideia, os educadores devem estar atentos, pois as práticas tradicionais não mais correspondem aos interesses da atualidade e devem entender que a responsabilidade de mudança perpassa por todos os sujeitos envolvidos na educação abrindo principalmente as possibilidades de novidade lutando sempre pelo direito da liberdade de expressão dos alunos.

Segundo Papert (2008) “as pessoas, na sua maioria, estão mais interessadas no que aprendem do que em como a aprendizagem ocorre. De fato, a maioria aprende sem sequer pensar sobre a aprendizagem” (p. 41).

Dessa maneira, entende-se que todos os educadores devem contribuir para colocar em prática essas ideias, a fim de que se possibilite o encorajamento dos educandos, incentivando-os a serem autores de seus conhecimentos em diversas situações, já que o modelo de escola “bancária” não atende mais às exigências educacionais vigentes. Para Dewey (1954) “o ideal não é acumulação de conhecimentos, mas o desenvolvimento das capacidades” (p. 34).

As atividades de leitura e produção de textos de cordel envolvem os alunos em situações diversas proporcionando aos educandos oportunidade de se familiarizar com textos clássicos da literatura brasileira que exploram fatos do cotidiano do aluno nordestino, sendo possível a estes relacionar os fatos estudados com o seu mundo, orientados e acompanhados pelo educador que oferecerá oportunidades para avançar.

Toffler (2007) ensina que “as pessoas para cumprirem os imperativos de sua cultura, precisam de alguma certeza de que seu comportamento produzirá resultados” (p. 120).

Faz-se mister focar a atenção em paradigmas ancorados na cultura popular a fim de aproximar os conteúdos trabalhados às vivências dos alunos, por compreender ser de suma importância investigar como o processo de leitura e produção de textos de cordel contribuem no processo de aquisição de competências da leitura e da escrita.

Por ser de relevante importância no mundo hodierno, a prática da leitura encontra respaldo na mudança de atuação desde as fases iniciais, tendo por base as atividades de reflexão sobre o sistema alfabético e a intimidade com os textos em sua diversidade.

A literatura de cordel propicia aos alunos, a partir das temáticas trabalhadas em sala, a reflexão, a problematização, a interação, o relacionamento e, principalmente, garante que eles se posicionem com autonomia ultrapassando ideias pré-concebidas ante as práticas pedagógicas tradicionais.

Muitos professores têm buscado recursos além do livro didático que aproximem os alunos a temáticas que podem ser trabalhadas sem perder a forma lúdica.

A prática com a oralidade pode se tornar um forte aliado para despertar o interesse dos alunos a superarem a timidez, através dos trabalhos com os textos produzidos pelos próprios alunos, já que a oralidade é um instrumento essencial para a educação de um modo geral.

A literatura popular nem sempre teve o valor e o reconhecimento atual. A forma simples da linguagem e vocabulário de fácil compreensão como são escritos os textos fazem com que muitos escritores da intelectualidade discriminem essa expressão tão rica culturalmente.

É fato que a cultura brasileira não é explorada como deveria. Muitos livros trazem conteúdos e enfatizam uma cultura imposta que não condiz com a realidade dos que estão envolvidos, dificultando ainda mais o interesse dos alunos.

Como afirma Oliveira (2008):

Se a história é feita de sujeitos que vivem a mesma, o princípio primordial da história do Brasil deve ser seu povo, neste instante direcionamos olhar para o povo nordestino, que sem querer machucar a outros, é sem dúvida o mais brasileiro de todos. Se o povo é quem faz a história, e a mesma segue a dinâmica do povo, o nordeste do Brasil é sem dúvida o berço da história deste país (p. 13).

Essa afirmação nos faz perceber quão importante se faz explorar as origens não só do Brasil, mas, também do Nordeste que é o berço do nascimento nacional. No final do século XX, o Cordel enfrentou uma forte crise que chegou a quase ser extinto, ocasionada pelo falecimento de grandes poetas que contribuiu para o fechamento de várias editoras.

Atualmente é cada vez mais crescente o interesse de educadores em especial do Nordeste brasileiro pela literatura de cordel. Esse poderoso aliado para facilitar a aprendizagem dos alunos, já foi batizado como “professor folheto”. Por muitos anos foi um forte meio de comunicação e responsável pela alfabetização de muitos brasileiros que não tinham acesso à escola na primeira metade do século XX.

Hoje, novos olhares acadêmicos são lançados sobre o Romanceiro Popular, que não é mais considerado uma arte menor e sim uma escola literária brasileira, a exemplo do romantismo, do parnasianismo e do Condoreirismo.

Foi a partir de 1999, graças ao surgimento das editoras Tupynanquim, em Fortaleza/CE, Coqueiro, em Recife/PE e Queima-bucha, em Mossoró/RN, bem como, a Editora Luzeiro, em São Paulo e do Centro de Cordelistas do Nordeste (CE-CORDEL) que se fez manter vivo a literatura de cordel.

Dentre tantos esforços para revitalizar o cordel brasileiro outros nomes foram destaque como a Academia dos Cordelistas do Crato/CE, o editor poeta Pedro Costa PI, Marcelo Soares, PE. Em São Paulo a Caravana do Cordel com destaque para Marco Haurélio, Moreira de Acopiara, Varneci Nascimento, Costa Senna, Sebastião Marinho e muitos outros.

Na região Sudeste, o poeta Téo Azevedo, no Rio de Janeiro temos Nordestinos inveterados como Mestre Azulão, Marcus Lucenna, Chico Sales Apolônio Alves dos Santos, *in memoriam*, e Gonçalo Ferreira, dentre tantos outros que são responsáveis pela disseminação dessa típica cultura brasileira.

A sala de aula oferece espaço favorável para a aquisição da leitura desde que nossa ambiência pedagógica seja presença positiva na construção de sentidos com o trabalho de leitura. A leitura representa um forte instrumento de libertação para os sujeitos que os tornam capazes de comunicar-se, participar ativamente na sociedade, construir visões próprias, bem como se posicionar criticamente frente às divergências.

O professor ler contos e histórias era prática tão usual que, por conseguinte, não fazia parte do discurso escolar até a década de 80 (oitenta), onde assegurava que a alfabetização se daria simplesmente com o treino ortográfico e a coordenação motora.

As experiências de Freire (2006) tinham por objetivo maturar práticas, de modo a reformular as cartilhas e os manuais, os quais limitavam a técnica da transformação dos sinais gráficos em sonoros e vice-versa, de modo que os aprendizes não refletiam, tornando-os meros reprodutores.

Góes (1991) assevera que:

[...] literatura popular é, antes de tudo, literatura, isto é, mensagem de arte, beleza e emoção. Portanto, destinada, especificamente à

criança, anda impede (pelo contrário) que possa agradar ao adulto. E nada modifica a sua característica literária. Se escrita para o adulto, agradar e emocionara criança [...] Literatura Infantil é linguagem carregada de significados até o máximo grau possível e dirigida ou não às crianças, mas que responda as exigências que lhes são próprias (p. 03, 15-16).

A Literatura vem ganhando espaço na educação, tendo em vista a ruptura dos paradigmas. As crianças das décadas de 90 e 80 não tinham acesso aos livros, quando muito, utilizavam a carta do ABC e depois as cartilhas.

O acesso aos livros infantis proporciona desde a mais tenra idade o ingresso no mundo letrado, desenvolvendo a “pseudoleitura” – “a leitura do faz-de-conta”, possibilitando ao infante leitor a diversidade cultural, aguçando a curiosidade quanto as cores e ao letramento.

Conforme explica Mendonça (2007) as psicolinguísticas argentinas de Ferreiro e Teberosky, em 1974, deram início uma investigação que afirma:

[...] partindo da concepção de que a aquisição do conhecimento se baseia na atividade do sujeito em interação com o objeto de conhecimento e demonstraram que a criança, já antes de chegar à escola tem ideias e faz hipóteses sobre o código escrito, descrevendo os estágios linguísticos que percorre até a aquisição da leitura e da escrita (p. 41).

Sabe-se que o livro é fonte de informação, de uma vez que abre possibilidades para compreensão do mundo através da imaginação. A leitura desperta a criatividade e a autonomia, contribuindo assim para a formação pessoal como também a humanização do ser no sentido de socializar a criança.

Visando trabalhar a prática de leitura e de escrita com o desenvolvimento da Literatura de Cordel, a fim de contribuir na interação da criança pelo gosto e prazer da descoberta do mundo mágico e real, queremos instigar as nossas crianças de modo que estas se tornem leitoras, intervindo na aprendizagem significativa.

Os folhetos precisam estar dispostos em um local de fácil acesso à criança, por exemplo, em um baú aberto, exposto num canto da sala, com tapete, almofadas, onde a criança possa escolhe-lo e manuseá-lo.

De acordo com Perrotti (2005) quanto mais cedo às crianças tiverem contato com histórias orais e escritas, maiores serão as chances de gostarem de ler. O autor chamou essa prática de leitura feita pelas crianças pequenas de “letramento.” (p. 25)

Bem disserta Coelho (2010) ao afirmar:

Em relação à gênese da Literatura Popular ocidental, sabe-se que está naquelas longínquas narrativas primordiais, cujas origens remontam a fontes orientais bastantes heterogêneas e cuja difusão, no ocidente europeu, deu-se durante a Idade Média, através da transmissão oral (p. 27).

Mesmo não decodificando o código alfabético, ao ter contato com o folheto de cordel, folheá-lo, observar suas figuras, a criança emite sons, fazendo a leitura imagética.

Nesse sentido, as imagens (xilografuras) expostas logo nas capas dos folhetos dos cordéis oferecem informações que podem ser exploradas para se fazer uma leitura crítica pelos alunos e a partir das imagens levarem os alunos a refletirem sobre a temática.

Essas reflexões podem ser trabalhadas na oralidade e, sem dúvida, a partir das xilografuras podem se tornar um instrumento essencialmente importante para expor opiniões sociais e reflexões críticas acerca das paisagens nordestinas.

O PROCESSO DE INOVAÇÃO PEDAGÓGICA NA FORMAÇÃO SOCIOCULTURAL DOS DISCENTES EM SALA DE AULA

A formação do aluno está diretamente ligada à sua formação inicial e dependem de múltiplas influências no sujeito e vivências com familiares, adultos, colegas e alunos em diversos contextos, dentro e fora da vida escolar.

Ainda segundo Fino (2007):

Eu nem sei se o futuro da escola precisará de qualquer tipo de educação institucionalizada, à semelhança da que temos hoje, com escolarização compulsiva, destinada a reproduzir uma cultura estandardizada e imposta aos cidadãos, todos por igual, independentemente das suas características e das suas necessidades. A humanidade foi capaz de sobreviver milênios sem precisar de uma escola de massas, controlada pelo Estado. Talvez, no futuro, reaprenda a prosseguir sem ela (p. 03).

Esse pensamento nos faz refletir sobre o papel da educação para formação dos indivíduos que frequentam a escola e como os fatores que a encorajam e a suportam podem ser determinantes se explorados no sentido de “provocar um máximo de aprendizagem com um mínimo de ensino” (PAPERT, 2008, p. 23).

Expressar-se oralmente é algo que requer confiança em si mesmo e para conquistar essa habilidade faz-se necessário um ambiente que facilite o aparecimento de ideias e vivências.

Dessa forma, entende-se que o aprimoramento da habilidade de expressar-se oralmente depende essencialmente da escola constituir-se num ambiente que respire e acolha a vez e a voz, a diferença e a diversidade, mas, sobretudo, depende da escola ensinar aos discentes o uso da língua, adequada a diferentes situações comunicativas, pois não basta somente receber o aluno com suas vivências, é preciso também que se oferte ferramentas para superar situações que vierem a ocorrer no desenvolver de sua vida (BRASIL, 1997, p. 49).

Fino (2007) aduz que:

As práticas pedagógicas ocorrem onde se reúnem pessoas, das quais algumas têm o propósito de aprender alguma coisa, e outras, o propósito de facilitar ou mediar essa aprendizagem. Ou quando todas têm o mesmíssimo propósito de aprender alguma coisa em conjunto (p. 03).

Com a ideia de que ambas as partes, professores e alunos, possuem a ânsia de aprender em conjunto uns com os outros, entendendo que somos seres inacabados em permanente construção e formação do futuro, tende-se a trabalhar com a literatura de cordel a fim de que se possa despertar nos alunos o interesse e prazer pela leitura.

Assim, a presente pesquisa investigou se os alunos adquirem aprendizagens crítico-reflexiva a partir de práticas educativas com o gênero cordel à luz da inovação pedagógica.

Marinho (2012) bem disserta:

É inegável que o *prazer de ler* deve ser cultivado, mas ele não pode também ser bestializado. Isto é, em nome do prazer de ler há uma tendência forte de cultivar a facilitação, de eliminar o esforço pessoal, o trabalho de compreensão. Desta forma, tudo fica confortável, mas descartável. Um livro lido há um mês, logo depois já está esquecido (p. 128).

Com essa ideia, entende-se que se faz necessário reunir esforços para promover oportunidades didáticas reflexivas, ancoradas nos anseios de inovação pedagógica e que levem os alunos adquirirem aprendizagens críticas baseadas no desenvolvimento da criatividade e autonomia dos aprendizes.

Segundo os PCNs de Língua Portuguesa, Brasil (1997):

O trabalho com leitura tem como finalidade a formação de leitores competentes e, conseqüentemente, a formação de escritores, pois a possibilidade de produzir textos eficazes tem sua origem na prática de leitura, espaço de construção da intertextualidade e fonte de referências modelizadoras. A leitura, por um lado, nos fornece a matéria-prima para a escrita: o que escrever. Por outro, contribui para a constituição de modelos: como escrever (p. 53).

Considerando o vasto campo a ser explorado pelo cordel, independente do nível de escolaridade dos alunos, as atividades em sala de aula devem ter o principal

objetivo de proporcionar aprendizagens significativas, procurando favorecer e incentivar a livre expressão de pensamento dos alunos sem que estes se sintam obrigados ou cobrados para fins avaliativos.

Ao trabalhar com a literatura de cordel o aluno poderá desenvolver uma prática de leitura e produção de texto prazerosa, pois os textos tratam dos assuntos que interessam ao povo. Dessa forma, rompe-se com os paradigmas da escola tradicional que não atende mais aos anseios educacionais contemporâneos surgindo com práticas de ensino inovadoras (LUYTEN, 2010, p. 43).

Fino (2007) explica que “inovação pedagógica implica mudanças qualitativas nas práticas pedagógicas e essas mudanças envolvem sempre um posicionamento crítico, explícito ou implícito, face às práticas tradicionais” (p. 01).

O conceito de escola obsoleta há décadas vem sendo discutido por estudiosos que consideram que as instituições educacionais estão em desacordo com o contexto educacional vigente, pois o modelo de ensino tradicional não responde mais as perspectivas pedagógicas.

Piaget (1985) considera:

As salas de aula como ambientes de aprendizagem artificial e ineficiente, que a sociedade fora forçada a inventar porque os seus ambientes informais de aprendizagem se mostravam inadequados para aquisições em domínios considerados importantes do conhecimento, como a escrita, a gramática ou a matemática (p. 54).

Há décadas estudiosos como Papert, Vygotsky, Piaget, Freire, entre outros já consideram arcaico o modelo das práticas educativas alertando para a necessidade de mudanças urgentes. Porém, esse modelo de educação ainda vem sendo utilizado nas escolas por grande parte dos educadores contemporâneos.

A Lei de Diretrizes e Bases (LDB) - Lei nº 9.394/96, que rege a educação brasileira garante a todos os alunos, obrigatoriamente pelo menos quatro horas e meia em sala de aula, mesmo com essa exigência não é assegurado ao aluno um ensino com práticas voltadas a modernidade e tecnologia necessária ao desenvolvimento intelectual do mesmo.

São gritantes as necessidades de mudança com relação às práticas educativas para melhoria da relação professor-aluno e ensino-aprendizagem, já que a maioria das instituições de ensino permanece ainda num modelo de escola fabril, onde os alunos são passivos e o professor o detentor do saber, inquestionável, figura onipotente, numa relação fria sem quaisquer reflexões, nem questionamentos.

Segundo Moraes (2007):

O paradigma emergente focaliza o indivíduo como um *hólon*, um todo constituído de corpo, mente, sentimento e espírito. Ao mesmo tempo, sujeito da história em sua dimensão social, dotado de múltiplas inteligências, um ser inconcluso e em crescimento constante, que necessita educar-se ao longo da vida, desenvolver-se em direção à maturidade não apenas no crescimento físico, mas, sobretudo num crescimento interior qualitativo e multidimensional, uma vez que todos os aspectos que compõem se influenciam mutuamente (p. 167).

Galvão (2006) alertou para a importância do aluno sentir-se inserido no contexto escolar e não apenas como ser passivo, “é esse envolvimento com o aprender fazendo que defendia Papert” (p. 37).

Na visão de Kuhn (1998):

As crises conduzem a mudança de paradigmas e o contexto de inovação pedagógica implica mudança no modelo de escola arcaico, é necessário romper com o pensamento de escola tradicional para se inserir numa realidade construtivista buscando formas no sentido de antecipar o futuro provocando à capacidade de reflexão, levando o indivíduo a curiosidade de aprender e a querer fazer conviver com a aprendizagem em condições de agir de forma consciente, autônoma e responsável consigo mesmo, com a natureza e a sociedade, isso implica um desenvolvimento ético ancorado numa consciência individual, social e universal (p. 25).

Nesse sentido Fino & Sousa (2001) afirmam que “o próximo paradigma educacional não cairá do céu, como do céu não caiu o anterior.” (p. 09). Isso significa que será necessário muita reflexão e senso de imaginação para responder a necessidades concretas da atualidade. Pensamos assim quão ineficiente são as atividades e o que proporciona um professor que não se dispõe a mudar sua prática em sala de aula.

Quantas vezes ouvimos depoimentos de alunos que não veem nenhuma perspectiva na escola, com a autoestima baixa, que vão à escola apenas porque os pais os fazem ir. Deve-se estar atento e refletir constantemente quando se é surpreendido

com as ideias e descobertas dos alunos procurando compreender a razão que os levou a descoberta de tal fato.

Por isso, Fino (2007) afirma:

O que sei é que a escola de hoje, depois de lhe terem sido cometidas funções que têm pouco haver com o desenvolvimento das sociedades (servir de depósito onde as famílias colocam os filhos enquanto os pais trabalham, ou de local onde os jovens vegetam o máximo possível de tempo antes de engrossarem a pressão dos que batem à porta das universidades ou do primeiro emprego), se encontra irremediavelmente ferida, e já nem é capaz de preparar para o presente, quanto mais para o futuro que nenhum visionário consegue antecipar (p. 03).

Muitas vezes o professor por insegurança e/ou inexperiência, não respeita os limites de aprendizagem dos alunos como se estes fossem “máquinas” a manterem o mesmo ritmo de aprendizagem e/ou tivessem as mesmas habilidades em relação a conteúdos “padronizados” que, na maioria das vezes, os alunos não entendem como e quando fazer uso em suas vidas.

Freire (1996) disse tão bem que:

O bom seria que experimentássemos o confronto realmente tenso em que a autoridade de um lado e a liberdade do outro, medindo se, se avaliassem e fossem aprendendo a ser ou a estar sendo elas mesmas, na produção de situações dialógicas. Para isto, o indispensável é que ambas, autoridade e liberdade, vão se tornando cada vez mais convertidas ao ideal do respeito comum somente como podem autenticar-se (p. 55).

A prática de diálogo com os alunos pode fazer toda diferença na relação professor-aluno, mas sem dúvida a iniciativa deve partir do professor, que pode dinamizar as aulas através de estímulos que evitem a rotina e tornem a aprendizagem atrativa e espontânea.

Essas ideias estão relacionadas ao construcionismo e aos anseios almejados por Piaget, Vygostky, Fino e Papert, que entendem que a aprendizagem é construída coletivamente entre os alunos e não de forma isolada, como por décadas ocorreu no modelo de escola fabril.

Para Fino (2008b):

É importante que se faça uma reflexão histórica no processo de ensino-aprendizagem à luz das teorias do Centro de Investigação em Educação da Universidade da Madeira (CIE- Uma) para compreender o que significa inovação pedagógica (p. 07).

Diante dessa visão, observamos que mudanças cada vez mais acentuadas impactarão na educação, pois se faz necessário que os professores provoquem o interesse de aprender nos alunos despertando nestes a curiosidade e os instigando a refletir criticamente no contexto a que se inserem.

Essa ideia reforça os anseios defendidos por Freire (1996) que aduz:

É neste sentido que ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos nem formar é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro (p. 12).

Continua o autor:

É preciso insistir: este saber necessário ao professor - que ensinar não é transferir conhecimento - não apenas precisa ser apreendido por ele e pelos educandos nas suas razões de ser - ontológica, política, ética, epistemológica, pedagógica, mas também precisa ser constantemente testemunhado, vivido (p. 27).

É preciso compreender que o papel do professor como mero transmissor de conhecimentos está no seu limite. Atualmente a sociedade exige muito mais da escola, que precisa estar fundamentada em consonância com princípios e questões relacionadas aos interesses dos envolvidos com ela.

André (2008) aduz:

Os sujeitos quando entram na escola não deixam do lado de fora aquele conjunto de fatores individuais e sociais que os distinguem como indivíduos dotados de vontade, sujeitos em um determinado tempo e lugar. Identificar essas características situadas e datadas é condição fundamental para se aproximar da “verdade” pedagógica (p. 12).

E quanto mais descomplicarmos, muito mais estaremos favorecendo o incentivo à pesquisa científica, a análise de contradições, despertando para uma aprendizagem autônoma.

A função educativa de acordo com Freinet (1966):

É proporcionar aos alunos um ambiente estimulador, tendo também a obrigação de respeitar e valorizar o conhecimento que a criança carrega consigo, pois, a função educativa não está de modo algum confinada às paredes da escola (p. 296).

Parece-me muito claro que uma pequena escola dinâmica, que esteja ela própria, fundamentada em um conjunto de princípios relativos a questões associadas, encontra-se em uma posição muito melhor para fazer isso do que uma escola tradicional lenta e complicada.

METODOLOGIA

4.1 Natureza da pesquisa

Esta pesquisa foi do tipo qualitativa com abordagem etnográfica, isto é, através de um estudo de caso etnográfico numa turma de 4º ano do ensino fundamental da Escola Municipal Rural Santa Clara, a fim de investigar até onde a Literatura de Cordel tem despertado de forma crítica a criatividade e autonomia em relação à formação pessoal, social e cultural dos estudantes.

Como técnicas de coleta de dados foram utilizadas não só a observação participante, como entrevistas etnográficas com a professora, a coordenadora e cinco alunos da turma pesquisada, bem como a análise documental de documentos oficiais e pessoais do projeto em estudo.

Foi importante no processo de pesquisa considerar e respeitar as fontes e os autores sociais, valorizando a vida humana e estabelecendo uma relação de confiança que foi construída acima de tudo de forma espontânea entre o pesquisador e os participantes.

A partir dessa convivência dinâmica numa abordagem qualitativa, no referido projeto de investigação, foi utilizada a estratégia de estudo de caso com embasamento num fenômeno real e já existente. Essa opção se justificou, pois é a estratégia adequada para resolver o problema observado.

Yin (2010) assevera que:

O estudo de caso é uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo em profundidade e em seu contexto de vida real, especialmente quando os seus limites entre o fenômeno e o contexto não são claramente evidentes (p. 39).

Ainda segundo o mesmo autor:

O estudo de caso deve retratar com fidedignidade a experiência retratada em múltiplas dimensões. O pesquisador não deve intervir nas interpretações apresentadas nem manipular os dados coletados e assim respeitar a originalidade da pesquisa (p. 40).

A essa luz, pôde-se considerar o cordel como parte da vivência dos alunos envolvidos no estudo de caso, familiarizando o problema de forma explícita e explanatória numa visão holística.

Assim, entendeu-se que os procedimentos metodológicos que cercaram e envolveram o objeto como evidência que o campo empírico estudado era composto pelos alunos do 4º ano do ensino fundamental da Escola Municipal Rural Santa Clara que incluiu há algum tempo a temática em seu plano de ensino.

Para o estudo de caso a coleta de dados se baseou em várias técnicas e se fundamentou em diversos autores. Os dados foram usados de acordo com o interesse em particular do pesquisador e, posteriormente foram utilizados em uma determinada situação durante sua análise.

Para a coleta foram utilizados vários subsídios que confirmaram o rigor dos dados pesquisados e deram sustentação e confiabilidade à pesquisa, quais sejam: observação participante com notas de campos, entrevistas etnográficas e análise documental de documentos oficiais e pessoais.

Essa sequência reforçou a ideia defendida por Yin (2010) ao dissertar que “o pesquisador deve cercar-se de vários instrumentos e informações e formulando várias questões com a preocupação de ouvir com atenção as entrelinhas.” (p. 23)

A primeira etapa de realização da pesquisa se utilizou da análise documental de documentos pessoais e oficiais. Nessa fase foram pesquisados materiais publicados, a fim de obter informações, opiniões atuais e publicações, comparando informações com o material disponível na escola como fluxo de aula, planejamento bimestral, Projeto Político Pedagógico, artigos, teses entre outros.

Essa análise foi de grande valia para comparar com outros casos parecidos e assim dar mais segurança e confiabilidade, reforçando a análise de quem está descrevendo o caso.

No estudo de caso é importante que o pesquisador tenha todo o cuidado ao inferir a respeito do que foi colhido no local e comparar com base nos dados colhidos em outras análises do mesmo contexto em questão.

Nesse sentido, o estudo de caso teve início com a definição do que seria abordado para que os estudos tivessem clareza entre os entrevistados. Esse treinamento evidenciou aspectos positivos como constatar que membros da equipe dispõem de habilidades complementares como desempenhar parcerias com equipes de trabalho. (YIN, 2010, p. 96).

4.2 Histórico da escola campo de pesquisa

Como no passado ainda não havia escola, nem professores formados na comunidade, os habitantes do Povoado de Gravatá dos Gomes iam estudar numa pequena escola que ficava no pé da serra do Sítio Azevém, povoado próximo à cidade de Poção – PE, com uma professora que se chamava Dulce.

Depois de alguns anos o prefeito Malaquias Batista Vieira construiu a primeira Escola Municipal na comunidade de Gravatá que foi denominada de Grupo Escolar Subtenente João Cordeiro Sobrinho. A Sra. Creuza Gomes de Oliveira, filha de seu Antônio lecionava naquela época entre outras a Sra. Austrogilda Cavalcante e Ana Lúcia Cordeiro da Silva, netas de seu Antônio.

Localizada no Povoado de Gravatá dos Gomes, a 12 quilômetros da sede do município, a Escola Municipal Santa Clara fica à margem esquerda da Rodovia da Renascença, PE 196, que liga o município de Poção a Pesqueira. Foi fundada em 1979, num projeto de Celso Duarte e Silva, representante do Poder Executivo do Município de Poção/PE.

Nessa época a escola ofertava a modalidade do ensino multiseriado de 1^a à 4^a série com a participação de quarenta e cinco alunos, sob o âmago da tendência tradicional de ensino. A professora chamava-se Maria de Freitas Ramos, conhecida como dona Maria de Martins.

O projeto de construção da escola resultou na aquisição de terreno doado pelas Indústrias Alimentícias Peixe e em liberação de recursos financeiros pelo governador do Estado, Marco Antônio Maciel. A obra não teve a supervisão de engenheiro, os trabalhos de acompanhamento e construção foram executados pelo mestre de obras Aprígio Alves da Hora.

A escola recebeu o nome de Santa Clara numa homenagem do idealizador a sua mãe, Clara Leite Branquinho, que sem índice algum de escolaridade, era respeitada e reconhecida como pessoa que desenvolveu habilidades para sobreviver no mundo do saber sistematizado, além de reconhecer na educação valores de enriquecimento cultural e formação para o exercício pleno da cidadania.

A instituição foi inaugurada no ano da sua fundação, em 1979, com uma sala de aula que abrigava uma classe multisseriada com 45 alunos. A primeira professora foi Maria de Freitas Ramos que superou as dificuldades provenientes de séries diferenciadas e centrou seu objetivo no processo educacional em vigor, a fim de garantir os direitos das crianças à educação e assegurar a construção da aprendizagem.

O edifício tem uma construção térrea, é patrimônio do Município de Poção/PE, sofreu remodelações a fim de ampliar a área construída, mas nada que desvirtuasse sua planta original. Essas adequações foram necessárias em decorrência da crescente demanda da população nos anos posteriores, sendo necessário uma oferta em maior escala para o acesso à escolarização. Sendo assim, em 1997, teve lugar um projeto de reconstrução e ampliação do edifício, com o aumento de mais duas salas de aulas, dois banheiros e uma cozinha anexos à escola.

No ano de 2006 a escola necessitou de um novo projeto de reforma e ampliação, uma vez que a mesma recebeu alunos oriundos da Escola Francisco Carlos de Oliveira, localizada no Sítio Goiabeira, que foi nucleada. Assim sendo, foram construídas mais duas salas de aula, dois banheiros infantis, uma secretaria, onde também funciona aulas de computação para todos os alunos matriculados na escola e outra sala que funciona como sala de leitura.

No ano de 2014 houve a necessidade de ampliar o espaço escolar com a construção de uma sala onde funciona a biblioteca e adaptação aos padrões de

acessibilidade. Atualmente ela encontra-se em estado regular de conservação, dispõe de boa ventilação, com janelas nas salas e área aberta para recreação, necessitando, porém, de novas reformas e ampliação.

Na época das observações a escola era composta por uma gestora, uma coordenadora pedagógica, uma secretária, dezoito (18) professores, um (01) auxiliar de serviços gerais, duas (02) merendeiras, dois (02) porteiros e um (01) vigia noturno e ofertava as seguintes modalidades de ensino: Educação Infantil e Educação Fundamental do 1º ao 5º ano, atendendo a um público de cento e quarenta e cinco alunos. Funcionando das 7h30min às 17h30min, em dois horários (matutino e vespertino) em cinco salas de aulas. A mudança de turno ocorria entre 12h00min às 13h00min, e para sua administração conta com o apoio dos órgãos colegiados: Unidade Executora (UEX) e Conselho Escolar.

Nos 23 anos de existência exerce destacado papel na formação básica da comunidade local que possui aproximadamente 1200 (hum mil e duzentos) habitantes. O efetivo de alunos levou a comunidade escolar a construir e vivenciar projetos de reorganização de espaço e reordenação do tempo, resultando na criação do turno intermediário, passando a ofertar o ensino em três turnos.

Atualmente o corpo docente é formado por dezesseis (20) professores, dos quais 77,78 % com formação acadêmica superior em educação – pedagogia – 61,11% Especialista. Todos demonstram o interesse e ânsia em aperfeiçoar seus conhecimentos participando de cursos de formação continuada ofertados pela Secretaria Municipal de Educação.

É disponibilizada a formação do Plano Nacional da Alfabetização na Idade Certa – PNAIC, ofertada pelo Governo federal a fim de apoiar todos os professores que atuam no ciclo de alfabetização, incluindo os que atuam nas turmas multisseriadas e multietapa, a planejarem as aulas e a usarem de modo articulado os materiais e as referências curriculares e pedagógicas oferecidos pelo MEC às redes que aderirem ao “Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa” e desenvolverem as ações projetadas nele.

4.2.1 Objetivos institucionais, missão, valores e visão de futuro

Segundo seu Projeto Político Pedagógico a escola campo de pesquisa tem como

Objetivo primordial preparar o aluno para assumir seu papel na sociedade, adaptando-se as necessidades do educando ao meio social, optando por seguir os anseios da tendência libertadora de ensino, onde o aluno aprende a partir de seus próprios experimentos e valoriza toda e qualquer descoberta e interesse dos alunos. Como pressuposto de aprendizagem entende que aprender se torna uma atividade de descoberta, ou seja, se caracteriza como uma autoaprendizagem sendo o ambiente apenas um meio estimulador. (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DA ESCOLA MUNICIPAL SANTA CLARA, 2014, p. 12).

Para assegurar que tais objetivos sejam alcançados a escola elaborou um Projeto Político Pedagógico que é considerado por todos um

Eixo norteador das ações educativas da referida instituição. Esse projeto evidencia a visão macro do que a instituição pretende realizar. Nele são elencados seus objetivos, metas e estratégias, que abrangem as atividades pedagógicas, as funções administrativas, a qualidade de ensino que a escola oferece e os anseios da sociedade que se pretende construir. (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DA ESCOLA MUNICIPAL SANTA CLARA, 2014, p. 20).

O Projeto Político Pedagógico pretende nortear os trabalhos pedagógicos desenvolvidos na escola, tornando viáveis outros projetos de cunho interventivo, visando a melhoria do trabalho educativo.

O projeto expressa a participação e colaboração de todos, sem perder de vista a realização de um trabalho de qualidade, voltado para a formação de um cidadão mais humano, que pode retirar de sua localidade o meio de sobrevivência, com perspectivas de um futuro digno sem precisar abandonar seu lugar, sua cultura e preparados para atuar na sociedade consciente de seus direitos e deveres e discutirem sobre a escola que querem ou precisam. (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DA ESCOLA MUNICIPAL SANTA CLARA, 2014, p. 22).

A fim de conscientizar a comunidade escolar sobre o Projeto Político Pedagógico e sua importância em relação às ações necessárias ao melhor funcionamento da escola, seu conteúdo é definido de forma coletiva nas reuniões de pais e mestres e nas reuniões do Conselho Escolar, onde são definidos os caminhos e prioridades da

escola em relação à aplicação dos recursos da melhor forma para formar alunos que sejam cidadãos ativos e transformadores da sociedade em que vivem.

Portanto, é importante que se tenha em conta a realidade que envolve a escola, pois esta afeta necessariamente o seu funcionamento. O Projeto assim definido, apesar das contradições e dificuldades inerentes aos sistemas da sociedade atual, visa contribuir para uma gestão participativa, voltada para as preocupações sociais, num plano de relações democráticas, procurando novas formas para o fazer pedagógico, numa articulação entre “ensinar e aprender”, obedecendo aos princípios éticos fundamentais na formação do ser humano.

Dentre os objetivos da escola se encontram:

Objetivo Geral:

✚ Assegurar uma educação comprometida com a cidadania e com a formação de uma sociedade democrática, não excludente, promovendo o convívio com a diversidade que inclua não somente as culturas, os hábitos, os costumes, mas também as competências ou particularidades de cada indivíduo, fazendo-os com que aprendam a conviver e se relacionarem com pessoas que possuam marcas próprias e condições necessárias para o desenvolvimento de valores éticos.

Objetivos Específicos:

✚ Proporcionar ao educando uma preparação contínua, favorecendo o desenvolvimento das competências e habilidades cognitivas, desenvolvendo também o senso crítico e a independência para conduzir o seu próprio caminho, tendo o educador como referencial, um mediador, um facilitador.

✚ Desenvolver as competências da virtude e dos valores humanos.

✚ Acreditar que a escola é uma extensão da família do aluno, portanto ele deve ser bem acolhido, garantindo a sua permanência e o desenvolvimento de suas potencialidades.

✚ Romper as barreiras do individualismo e adotar uma postura voltada ao coletivismo, oportunizando a participação e decisão.

✚ Adotar um comportamento de respeito para com todos, firmando-se em um relacionamento humano harmonioso entre funcionários, alunos e família.

✚ Desenvolver dentro do trabalho educativo, instrumentos de combate ao preconceito, a discriminação e a inferioridade.

- ✚ Vivenciar projetos escolares direcionados ao atendimento das necessidades dos alunos, que seja no plano de formação intelectual, profissional e pessoal, considerando seu contexto social, econômico e cultural.
- ✚ Valorizar a realidade e a cultura do lugar, revendo valores e conhecendo as peculiaridades da cultura local.
- ✚ Refletir sobre a importância de discutir as opções pedagógicas e sobre que ser humano estão ajudando a produzir e a cultivar.
- ✚ Refletir sobre os anseios e necessidades da comunidade escolar e elaborar propostas que aproveitem esse contexto dos alunos.
- ✚ Aproximar o ensino com a realidade dos alunos, valorizando seus saberes e aprofundar conhecimentos através de trocas de experiências. (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DA ESCOLA MUNICIPAL SANTA CLARA, 2014, pp. 07-08).

A escola campo de pesquisa propõe-se assim a fazer com que os alunos compreendam que eles podem ser agentes de transformação, se partirem de uma leitura crítica do mundo, com a consciência de quem somos e onde estamos, para que a nossa intervenção seja realmente consistente e fundamentada, do ponto de vista freireano.

Nessa perspectiva tem preestabelecidas valores, visão de futuro e missão, quais sejam:

VALORES:

Esta escola educa para formar cidadãos participativos, solidários, honestos e justos, utilizando os avanços e instrumentos de sua aprendizagem.

VISÃO DE FUTURO:

Valorizar e reconhecer cada etapa da aprendizagem, sempre objetivando novas descobertas.

MISSÃO:

Preparar o estudante para ser um cidadão participativo, garantindo uma aprendizagem de qualidade, conscientizando-o dos seus direitos e deveres para com a sociedade e o meio ambiente. (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DA ESCOLA MUNICIPAL SANTA CLARA, 2014, p. 11).

Neste Projeto, a educação é encarada como condição primordial para o desenvolvimento humano e social, tendo a escola a preocupação de realizar uma

educação voltada para a realidade em que o aluno se encontra inserido, assumindo o compromisso de lhe garantir uma aprendizagem significativa, motivando-o a descobrir novos horizontes, com o prazer de aprender.

Na linha freireana, o seu currículo valoriza a educação libertadora, norteada pelos princípios da interdisciplinaridade das diversas áreas do conhecimento: uma educação enquanto construção coletiva. Os projetos de trabalho reforçam os conteúdos propostos pelo currículo, assegurando uma sólida formação ética.

O “Reforço” é um dos projetos desenvolvidos pela escola, no contra turno, virado para os alunos com maiores dificuldades, reforçando conteúdos trabalhados nas aulas e outras habilidades não desenvolvidas. Tais oficinas são ministradas pelos monitores do Programa Mais Educação.

A escola oferta ainda à sala de leitura que tem por objetivo criar ambiente favorável à formação de hábitos de leitura, desenvolver nos leitores o senso de responsabilidades na utilização do material, estimular o interesse pela leitura, objetivando uma melhoria do nível intelectual do aluno e oferecer aos usuários uma diversidade de gêneros, para ampliar a aquisição de novos conhecimentos.

Fazem parte do componente curricular as áreas de português, matemática, ciências, educação física, arte, geografia e história. As comemorações festivas se davam em datas estabelecidas no calendário escolar, tais como Carnaval, Páscoa, Dia das Mães, São João, Dia dos Pais, Folclore, Semana da Pátria; Dia das Crianças, Dia do Professor; Projeto Família na Escola e Natal. A escola desenvolve ainda atividades artísticas, culturais e esportivas locais. Pode-se afirmar que as relações sociais são boas, necessitando ampliar o diálogo entre os agentes do processo ensino-aprendizagem e suas diferenças num ambiente plural.

O envolvimento da comunidade escolar é insatisfatório, o que representa o desafio de ampliar e consolidar canais coletivos e formais da participação das famílias no espaço da instituição escolar, para que se manifestem os anseios da comunidade, principal destinatária e interessada na melhoria da qualidade na educação.

4.2.2 Forma de gestão administrativa e pedagógica e avaliação escolar

A Escola Municipal Rural Santa Clara organiza sua gestão administrativa e pedagógica estabelecendo atribuições para cada setor de direção e assessoramento que a compõe, os quais estão delimitados em seu Projeto Político Pedagógico, o qual é (re)avaliado anualmente no âmbito escolar, pela equipe gestora, professores, representantes dos alunos, dos pais e da comunidade, levando-se em consideração o contexto doutrinal e a programação da escola.

Sua (re)avaliação se pauta nos aspectos pedagógicos e filosóficos da escola, perpassando todos os aspectos internos e externos da comunidade escolar. Sua reformulação ocorre em reuniões específicas com o fim de reanalisar e reorientar adequadamente os procedimentos pedagógicos e administrativos, tendo em conta as metas a atingir, observando e registrando avanços e recuos, e avaliando o desempenho de todos os que compõem a Escola Municipal Rural Santa Clara.

A educação brasileira tem assim como grande desafio, no contexto da atualidade, promover a aprendizagem de TODOS os alunos e de lhes assegurar uma percurso de sucesso. Este percurso só será possível se a questão pedagógica fizer parte das preocupações de gestão.

Nesta perspectiva torna-se fundamental um novo conceito de avaliação escolar, que tenha em atenção as necessidades de escolarização das camadas populares, porque são elas as que mais têm sido penalizadas com o atual modelo de escola. Para isso, a equipe pedagógica, com todos os docentes que fazem parte da escola *locus* de pesquisa, realizam reuniões, em cada início ou término de semestre, para definir intervenções que solucionem os problemas detectados e contribuam para a melhoria dos processos de aprendizagem.

4.3 Sujeitos envolvidos na pesquisa

4.3.1 A escola – pais e professora

A pesquisa se deu com a professora e os alunos da turma do 4º ano do ensino fundamental da Escola Municipal Rural Santa Clara, a fim de compreender até onde o estudo e a produção de textos de cordel contribuem para uma aprendizagem crítica e reflexiva, bem como, se é uma ferramenta que propicia inovação pedagógica, por meio da investigação das práticas pedagógicas desenvolvidas com a literatura de cordel.

A eleição da turma do 4º ano que totalizam um efetivo de 17 alunos com idades que variam entre 09 e 12 anos de idade, dentre outras existentes nos anos iniciais do ensino fundamental da escola campo de pesquisa, localizada na zona rural do município de Poção/PE, está ligada a maior familiarização destes com a prática da leitura e produção textual.

Os pais dos alunos do 4º ano possuem nível de escolaridades diversos, sendo alguns formados e outros não. Durante os encontros de pais e mestres notamos que a equipe gestora tentava relacionar os objetivos e metas da escola aos parâmetros estabelecidos no Projeto Político Pedagógico da escola, porém muitos não se engajavam fervorosamente nas atividades.

A professora da turma em estudo mostrou-se uma profissional exemplar sempre dedicada e empenhada a inovar sua prática pedagógica. Notei que ela desempenhava um papel de suma importância, acompanhando e apoiando os aprendizes sem impor suas opiniões e seus conhecimentos, procurando que eles adquirissem conhecimento, de forma autônoma, não havendo amarras que a prendessem a pedagogias tradicionais.

4.3.2 Os alunos do 4º ano

Esta pesquisa teve a participação de dezessete alunos, com idades que variavam entre 9 e 12 anos, que compunham a turma do 4º ano do ensino fundamental da Escola Rural Santa Clara, sendo os mesmos oriundos da zona rural do município de Poção, estado de Pernambuco.

A turma era heterogênea e tinha dez meninos e sete meninas. Para assegurar o anonimato dos mesmos, esses foram denominando de A1 a A17 no tratamento dos dados.

COLETA E ANÁLISE DOS DADOS

Para a coleta e a análise dos dados numa pesquisa de natureza etnográfica é preciso, segundo Fino (2003), ter em consideração a capacidade interpretativa do pesquisador, uma vez que este acaba por fazer parte da cultura que ele pretende investigar, como membro partícipe que se relaciona com os outros membros e com o meio envolvente.

Neste sentido, a capacidade interpretativa do investigador é determinante para o êxito da investigação etnográfica, num equilíbrio entre a força dos instrumentos teóricos de análise e a força de uma subjetividade que nunca é totalmente controlada (FINO, 2003, p. 11). Daí a necessidade de o pesquisador reconhecer a existência incontornável da sua subjetividade, enquanto instrumento na busca da objetividade desejável.

Sem dúvida que, ainda de acordo com este autor, é necessário ter as devidas cautelas no processo de análise dos dados coletados, pois não podemos desconsiderar as crenças, os elementos culturais relevantes para a sua análise e interpretação, como por exemplo:

- a) os papéis sociais assumidos pelos participantes da pesquisa;
- b) as rotinas do grupo;
- c) as tarefas específicas desempenhadas pelos membros participantes do grupo pesquisado;
- d) a negociação e o compartilhamento do conhecimento produzido, levando em consideração as crenças e as convicções pessoais;
- e) os artefatos e utensílios produzidos;
- f) a influência cultural local em relação à cultura que os cerca (FINO E SOUSA, 2003, p. 08).

Foi nesta perspectiva que os dados recolhidos nesta investigação foram analisados à medida que eram coletados, durante a permanência da pesquisadora no campo.

Fez-se o tratamento dos dados através do método indutivo, com recurso às técnicas da observação participante com notas de campo registradas em diário de bordo, das

entrevistas etnográficas e da análise dos documentos oficiais e pessoais, visando sempre responder a questão central da investigação.

Segundo Macedo (2010), convém seguir algumas etapas específicas a fim de otimizar o processo de análise de dados, a saber:

a) leituras preliminares e estabelecimento de um rol de enunciados; b) escolha e definição das unidades analíticas: tipos de unidades, definição e critérios de escolha; c) processo de categorização; d) análise interpretativa dos conteúdos emergentes; e) interpretações conclusivas (MACEDO, 2010, p. 147).

Segundo Mill (1999), o método indutivo parte do estudo de casos particulares para a generalização, tendo sido utilizado desde o limiar da modernidade, por estudiosos como Francis Bacon (1561-1626), Thomas Hobbes (1588-1679), John Locke (1632–1704), David Hume (1711-1776) e Galileu Galilei (1564-1642).

Seguimos este modelo investigativo, percorrendo as etapas enunciadas por Macedo (2010), para num processo de triangulação contrastar os dados pesquisados entre si e, entre eles e o referencial teórico, buscando a compreensão do fenômeno em estudo: a literatura de cordel na escola do campo brasileira.

Ao reconhecer a sua subjetividade, nesta investigação qualitativa, o maior desafio que a pesquisadora teve de enfrentar foi o de garantir a validade dos dados coletados.

Corroborando Fino (2008b):

De facto, garantir a validade da investigação não é uma tarefa fácil de alcançar, pois a validade e a riqueza de significados dos resultados obtidos dependem directamente e em grande medida da habilidade, disciplina e perspectiva do observador, e é essa, simultaneamente, a sua riqueza e a sua fraqueza (p. 04).

Seguindo esta mesma linha de pensamento, Coutinho (2008) refere que o pesquisador num estudo qualitativo tem de andar para a frente e para trás para garantir a coerência entre a questão da investigação, a fundamentação teórica e a análise de dados, pois “uma pesquisa é tão boa quanto o investigador.” (p. 12), para o qual se exige uma sensibilidade apurada, flexibilidade e destreza na utilização das estratégias de verificação da validade do estudo. A triangulação neste processo de

validação torna-se imprescindível, dada a multiplicidade de fontes de coleta de dados a que recorreremos.

5.1 Coleta dos dados

Segundo Yin (2010) “uma vez iniciada a coleta de dados, você deve pensar sobre si mesmo como um pesquisador independente que não pode contar com uma fórmula rígida para orientar sua investigação.” (p. 101).

Assim, os dados pertinentes da pesquisa tiveram que ser, após a investigação, coletados e anotados em um diário com o objetivo de identificar categorias para análise, auxiliando como roteiro orientador no processo para vivenciar os passos da análise de dados posteriormente.

Esta coleta de investigação e informação foi feita com toda atenção para os dados coletados, pois se faz imprescindível para a educação que os dados possibilitem à sua melhoria, uma vez que esta torna possível uma melhor avaliação a partir das informações coletadas.

No decorrer da coleta de dados foi de extrema importância a postura de investigador, enquanto ouvinte passivo, que precisou interpretar os dados da pesquisa e foi capaz de explicar com imediata brevidade sobre as informações que entraram em contradição.

A coleta de dados teve início através da observação participante com anotações de campo. Nessa técnica o observador participou ativamente da pesquisa, ou seja, anotou, ouviu e viu o ambiente, se fazendo necessário sua presença e atenção em todos os momentos no local da pesquisa. Foi possível assim, partilhar da vivência dos observados fazendo parte do grupo, sem deixar de relatar os fatos com descrição exata. Realizamos ainda entrevistas etnográficas com a professora, a coordenadora e cinco discentes da turma em estudo, bem como a análise e interpretação de documentos oficiais e pessoais que compunham o projeto estudado.

5.2 Análise dos dados

Para Yin (2010) todo pesquisador deve ter um conjunto bem-desenvolvido de procedimentos para a análise dos dados da ciência social e para a composição de um relatório empírico.

A interpretação e análise dos dados aconteceu do início até o fim da coleta, a movimentação foi constante, já que ocorreu durante todo o processo de observação participante, registrada em notas de campo, de entrevista etnográfica e de pesquisa documental.

Para dar sentido e confiabilidade a pesquisa foi realizada uma releitura minuciosa durante todo o processo de coleta de dados. O pesquisador, como parte fundamental em todo o processo de interpretação, se manteve fiel as impressões obtidas durante a coleta de dados.

Para Yin (2010) “não importa a estratégia ou a técnica específica escolhida, você deve fazer tudo para garantir que sua análise seja da mais alta qualidade” (p. 29).

Assim, o pesquisador se manteve atento as respostas dos entrevistados, as ideias, os valores obtidos na coleta de dados, o que implicou numa reflexão e respeito profundo aos dados coletados.

Após a conclusão da investigação, constatou-se que a literatura de cordel, de fato, desperta, o pensamento crítica, a criatividade e autonomia em relação à formação pessoal, social e cultural dos estudantes.

5.3 Instrumentos utilizados para a coleta dos dados

5.3.1 Observação participante e notas de campo

Percebeu-se que a observação participante é importante para formação do *corpus* da pesquisa, já que houve uma recíproca interação entre os envolvidos na pesquisa, ou seja, pesquisador e pesquisado. Por um lado, o pesquisador manteve um relacionamento que transmitiu confiança e intimidade – sendo para tanto necessário manter-se o máximo de tempo no local da pesquisa, para estabelecer essa confiança entre as pessoas locais e conhecer de perto os costumes – por outro lado conseguimos, por meio dela, explicar com exatidão os dados coletados.

A observação participante ocorreu durante a realização das atividades com a literatura de cordel em sala de aula, a fim de compreender até onde o estudo e a produção de textos de cordel contribuem para uma aprendizagem crítica e reflexiva, bem como, se é uma ferramenta que propicia inovação pedagógica, por meio da investigação das práticas pedagógicas desenvolvidas com a literatura de cordel no contexto pedagógico da escola de ensino fundamental localizada no município de Poção, Pernambuco.

Pôde-se analisar ainda, durante a realização da observação participante se as práticas pedagógicas com a literatura de cordel na turma em estudo, são ou não, práticas centradas nos princípios da inovação pedagógica. Também foi possível identificar, se há a utilização da literatura de cordel para aprofundamento da aprendizagem dos discentes, provocando a emergência de inovação pedagógica.

Como complemento da observação participante, fizemos o registro em diário de campo que, conforme aduzem Bogdan e Biklen (1994), é “o relato escrito daquilo que o investigador vê, ouve, pensa e experimenta no percurso da coleta” (, p. 150).

Para Macedo (2010) as notas de campo surgem no registro das observações consideradas interessantes e importantes para a investigação, permite o olhar subjetivo do investigador, “sobre um evento ou uma situação que se quer investigar

com mais profundidade; ou ainda outras leituras sobre o tema observado ou que tenham surgido de suas observações” (p. 93).

De acordo com Lapassade (1992), a utilização de elementos de escrita (notas de campo), num diário de bordo, é considerada uma importante fonte informações para uma investigação de natureza qualitativa.

Por outro lado, Macedo (2010) corrobora o pensamento de Lapassade (1992) referido anteriormente, e sistematizou um conjunto de seis fatores que ajudam a interpretar e compreender “as notas de campo” de uma investigação qualitativa:

- a) tempo: este fator é essencial para a realização de uma boa investigação, pois quanto mais tempo o pesquisador estiver presente com o grupo mais vai conseguir se aprofundar na vivência dos participantes;
- b) lugar: este fator toma importância na medida em que as anotações devem ser feitas in loco, uma vez que é no lugar que se atualizam as ações;
- c) circunstâncias sociais: faz-se necessário relatar as circunstâncias vivenciadas pelo grupo, suas reações, estratégias e conflitos;
- d) linguagem: se familiarizar com a linguagem do meio investigado, para apurar as interpretações referentes a este meio é de muita relevância para o pesquisador;
- e) intimidade: o pesquisador precisa “penetrar no mundo” dos pesquisados para compreender em profundidade essa experiência; - Nota-se que enquanto escreve outras ideias podem vir e, em seguida, ele deve também tomar nota imediatamente, às vezes uma única palavra é importante;
- f) consenso social: quando o pesquisador passa um bom tempo exposto à cultura pesquisada começa a compreender as práticas dentro desta cultura, sua ordem social, como são constituídas e mantidas. Levando em consideração esses fatores durante as observações e no momento dos registros de notas em campo facilita a análise e compreensão destes materiais coletados, pois o pesquisador deve ter sempre em mente que em todo esse processo impõe-se uma constante reflexão sobre os caminhos e os resultados obtidos durante a investigação (MACEDO, 2010, p. 95).

No percurso da nossa investigação o diário de campo, enquanto instrumento de coleta de dados, foi utilizado para registrar fatos observados, impressões pessoais, comentários e notas que nos iriam apoiar na análise dos dados coletados. Este foi extremamente importante, como instrumento facilitador para o registro de dados.

5.3.2 Entrevistas etnográficas

Optou-se também pelo uso de entrevistas de natureza etnográfica que se mostraram de grande valia para a coleta dos dados durante a pesquisa.

Para Yin (2010):

Ouvir significa receber informações por meio de múltiplas modalidades – por exemplo, fazer observações intensas ou sentir o que pode estar acontecendo – não apenas usar a modalidade auditiva, pois um pesquisador mais experiente é capaz de tirar vantagem das oportunidades inesperadas em vez de se atrapalhar com elas (p. 96).

Sabe-se que as entrevistas podem ser etnográficas ou não e que as primeiras retratam o ponto de vista individual dos participantes. Por isso são consideradas uma forte fonte de informação no que tange aos recursos metodológicos utilizados numa pesquisa, já que traduzem a real opinião dos entrevistados.

Diante disso, optou-se pela realização de entrevistas etnográficas, a fim de evidenciar de forma explícita a opinião dos docentes e discentes sobre o uso da literatura de cordel como forma de despertar, de forma crítica, a autonomia e a criatividade, em relação à formação pessoal, social e cultural dos estudantes.

A condução das entrevistas etnográficas se deu seguindo um roteiro de perguntas elaboradas anteriormente decorrentes das observações realizadas. Houve ainda a preocupação de deixar os participantes o mais confortável possível no momento que estava sendo realizada a entrevista. Como na presente entrevista foi realizada com a professora, a coordenadora e cinco discentes da turma em estudo, houve necessidade de pedir a autorização dos pais para realização das entrevistas com os alunos.

A entrevista, enquanto técnica de coleta de dados serviu para compreender a percepção dos discentes na aprendizagem voltada para a literatura de cordel, bem como, para conferir, após o uso da literatura de cordel, se os aprendizes compreenderam os conteúdos trabalhados.

Yin (2010) aduz que:

Os entrevistados bem-informados podem proporcionar *insights* importantes sobre esses assuntos ou eventos. Eles também podem fornecer atalhos para a história prévia dessas situações, ajudando-o a identificar outras fontes relevantes da evidência (p. 135).

Disso depreende-se que a entrevista etnográfica é uma das fontes mais importantes para o estudo de caso, já que os resultados alcançados através de seu uso foram surpreendentes.

Foi o que se percebeu durante a realização das entrevistas etnográficas que se mostraram uma fonte essencial de evidência do estudo de caso, uma vez que tratou sobre assuntos humanos e relatou as opiniões reais dos entrevistados.

5.3.3 Análise de documentos

A análise documental é outra técnica utilizada nas abordagens qualitativas. Lapassade (1992) refere duas categorias de documentos que podem ser utilizados para análise numa investigação qualitativa: documentos oficiais e documentos pessoais. Nessa mesma obra, detalha os tipos de documentos que podem ser analisados em cada caso (p. 42).

Considera-se que os documentos oficiais são todos os registros, calendários e horários, atas das reuniões, livros, periódicos e revistas, arquivos e estatísticas, planificações, exames, testes, fotos, bem como registros escolares e documentos confidenciais sobre os estudantes, que abordam as suas histórias de vida.

Considera-se que os documentos pessoais são os cadernos de trabalho dos alunos, as suas produções individuais, como redações, desenhos e comentários escritos, especialmente quando contêm um cunho pessoal significativo, que possam fornecer informações valiosas sobre seus pontos de vista e atitudes emergentes das suas vivências e aprendizagens.

De acordo com Lapassade, como já foi referido, os documentos produzidos pelo investigador são de extrema importância, com especial relevo para as notas de campo e as entrevistas de natureza etnográficas, dado que estes documentos dão

indicações pormenorizadas sobre como a investigação foi projetada e desenvolvida, que tipo de relação foi estabelecida entre o pesquisador e os participantes do estudo, como ocorreram as negociações realizadas, identificando alguns aspetos que precisam de mudança.

Para Haurélio (2010) há uma enorme distância entre a sistematização teórica, mais abstrata, e os dados reais e concretos coletados no campo de pesquisa, pois estes são necessariamente marcados pela implicação do pesquisador na realidade emergente e muitas vezes contraditória.

A análise documental foi uma etapa de fundamental importância nesta pesquisa, pois a partir dela pode-se analisar os dados obtidos nas notas de campo oriundas das observações participantes e nas entrevistas etnográficas além de favorecer a obtenção de outros dados sobre o objeto de estudo.

Sabendo que os documentos pessoais acima produzidos foram de fundamental importância para corroborar os citados acima, analisamos ainda os documentos oficiais que compunham o projeto com o uso do cordel na escola campo de pesquisa, quais sejam os fluxos das aulas, planos de ensino e relatórios de acompanhamento bimestrais, a fim de compreender até onde o estudo e a produção de textos de cordel contribuem para uma aprendizagem crítica e reflexiva, bem como, se é uma ferramenta que propicia inovação pedagógica, por meio da investigação das práticas pedagógicas desenvolvidas com a literatura de cordel numa escola de ensino fundamental localizada no município de Poção, Pernambuco.

INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Uma teoria, enquanto interpretação científica dos dados, visa refletir a realidade estudada da forma mais fidedigna possível. Para isso, o pesquisador precisa de estar atento não só à coleta de dados e como ao respectivo tratamento. Para Martins (2008) esse tratamento consiste em analisar, classificar e organizar os dados coletados. Spradley (1979) sublinha que, na pesquisa etnográfica, a análise dos dados ocorre quase simultaneamente ao processo de coleta, possibilitando deste modo a busca de novos dados, se isso for necessário no desenvolvimento da pesquisa, pois, tal como acontece nesta dissertação, “a tarefa de interpretar e tornar compreensíveis o material coletado parece monumental quando alguém se envolve em um primeiro projeto de investigação” (BOGDAN & BIKLEN, 1994, p. 205).

No decorrer desta pesquisa a análise e a interpretação dos dados sempre causaram certa inquietação investigador, principalmente por se tratar de uma pesquisa de natureza qualitativa a luz da etnografia, visando descrever a cultura pesquisada, mas do ponto de vista dos participantes, com um olhar de dentro.

Conforme Fino (2003), tal acontece, porque neste tipo de pesquisa, a recolha de dados não se faz de forma estruturada, uma vez que as categorias não são estabelecidas previamente, mas emergem do campo investigado. Elas são utilizadas para a interpretação do comportamento dos pesquisados.

Ainda segundo o autor, numa pesquisa desta natureza, apesar de a coleta de dados se processar de forma não estruturada, “não significa que a investigação não seja sistemática, mas que os dados são recolhidos em bruto, segundo um critério tão inclusivo quanto possível” (FINO, 2003, p. 04).

Se bem que a análise ocorra do início ao fim da pesquisa, existe um determinado momento em que esse processo tende a se intensificar, produzindo um grande conjunto de dados.

De acordo com Macedo (2010), é preciso uma imersão no campo durante um tempo longo, mas que pode variar segundo as especificidades do contexto. O investigador deve então questionar-se sobre a relevância dos dados recolhidos, tendo em conta as questões norteadoras de pesquisa e as intuições saídas do contato direto com o campo. Tal reflexão aponta para a chamada saturação dos dados, o que é indicativo da suficiência ou não das informações coletadas e da possibilidade de se dar início à análise e à interpretação final do conjunto da descrição densa até aí realizada (p. 136).

Foi neste contexto saturado de dados, provenientes não só da observação participante e respetivas notas de campo, como também das transcrições das entrevistas etnográficas e da análise dos documentos oficiais e pessoais, que passámos a categorizar os dados obtidos, organizando-os em categorias, as quais, segundo Bogdan e Biklen (1994), “constituem um meio de classificar os dados descritivos recolhidos” (p. 221).

Assim sendo, numa abordagem inicial, fizemos a leitura das notas de campo e das transcrições das entrevistas etnográficas, para proceder à análise minuciosa desses registros, fazendo observações e inferências sobre os aspectos que ainda levantavam dúvidas na interpretação. A organização da pesquisa perfez as quatro fases, sendo ela: preparação, coleta de dados, análise dos resultados e confecção do relatório final, o que corresponde à realização de um trabalho etnográfico.

Segundo Macedo (2010), é neste momento do processo de análise e interpretação que emergem as categorias temáticas, as chamadas categorias de análise, as quais podem “[...] estar contidas em germe nas questões formuladas já na elaboração do projeto de pesquisa” (p. 136).

Do discurso produzido, resultante das anotações tiradas e das entrevistas etnográficas com os atores pesquisados, emergem frases e palavras de forma significativa, que vão sendo estruturadas, seguindo determinada lógica, sempre subjetiva, em torno de categorias. A análise de conteúdo possibilita-nos assim a

melhor entender as interações existentes no corpus empírico da investigação, e a dar respostas às questões da pesquisa. O objetivo foi dar ao material coletado uma estrutura que nos permitisse avançar para a análise final e para a produção das considerações finais e das recomendações.

6.1 Triangulação dos dados

Segundo Coutinho (2008), a triangulação consiste em cruzar dois ou mais pontos de vista, fontes de dados, abordagens teóricas ou técnicas de coleta de dados numa mesma pesquisa, para garantir um retrato o mais fidedigno possível da realidade, tendo em vista uma compreensão mais cabal do fenômeno a pesquisar.

Segundo Stake (2011) o investigador ao triangular os dados:

(...) cria evidências com as quais pode construir explicações que o possibilita checar se os fenômenos sociais estudados estão denominados corretamente dentro do contexto da investigação. Portanto, “devemos sempre ‘triangular’ os dados para aumentar a certeza de que interpretamos corretamente como as coisas funcionam (p. 47).

Deste modo, procurámos triangular os dados coletados a partir das observações registadas no diário de bordo, das entrevistas etnográficas e da análise de conteúdo dos documentos oficiais e pessoais coletados. Segundo Yin (2010) “com a triangulação dos dados, os problemas potenciais de validade do constructo também podem ser abordados, porque as múltiplas fontes de evidência proporcionam, essencialmente, várias avaliações do mesmo fenômeno” (p. 144).

Todo trabalho de análise e reanálise desenvolvido, enquanto observadora participante, contrastado com os dados recolhidos da análise documental, asseguram a validade interna desta investigação.

Com o fim do trabalho de campo, foi necessário dar coerência ao texto, sem perder o significado atribuído pelos sujeitos da pesquisa, na linha da investigação de um estudo de caso qualitativo.

Conforme Spradley (1979), o objetivo é encontrar os padrões culturais presentes nas situações observadas, através da triangulação dos dados coletados, como atrás referido, para finalmente cruzar com a fundamentação teórica apresentada na pesquisa.

Segundo Macedo (2010), a triangulação numa pesquisa qualitativa:

[...] é um dispositivo ao qual o pesquisador apela durante a construção de seu instrumental analítico para os diversos meios, as diferentes abordagens e fontes, visando compreender e explicar um dado fenômeno, utilizando uma autêntica abordagem multirreferencial.

[...] é um recurso sistêmico que dá valor de consistência às conclusões da pesquisa, pela pluralidade de referências e perspectivas representativas de uma dada realidade (pp. 140-141).

Sendo assim, a análise e a interpretação dos dados desta pesquisa resultaram de um processo de triangulação dos dados coletados no terreno de investigação, com o objetivo de compreender as dinâmicas desenvolvidas pelos sujeitos investigados, para conseguirmos dar resposta à questão central desta investigação.

Deste modo, procedemos, nesta fase, à triangulação dos dados recolhidos no campo de investigação, para a sua análise interpretação, procurando entender, as dinâmicas ocorridas entre os sujeitos da pesquisa e as suas relações com o contexto pedagógico, visando responder à questão central da investigação através das respostas às questões secundárias e das categorias relacionadas, conforme o que se segue.

6.2 Discussão dos resultados

6.2.1 Quais são as dinâmicas que ocorrem nas aulas com o cordel?

As dinâmicas desenvolvidas com o cordel giram em torno das práticas de resgate cultural, criando um ambiente de valorização da cultura do próprio aprendiz, chegando “ao conhecimento do cotidiano daqueles alunos, baseado no sensório, no afeto, no imediato e no concreto” (SOUSA, 2004, p. 23).

Vejamos as impressões coletadas no primeiro contato e na observação 1:

Diário de campo 28 de abril de 2015, primeiro contato

Escolhi a Escola Municipal Santa Clara por saber que em seu currículo a mesma trabalha com o tema Literatura de Cordel. Visitei a escola antes de enviar meu projeto para Universidade da Madeira na qual falei da minha intenção de pesquisar a turma do 4º ano do Ensino Fundamental. A diretora gostou da ideia e percebi uma certa vaidade ao saber da minha escolha pela escola. Após conversarmos um pouco, ela marcou para apresentar minha ideia a professora da turma e aos alunos. Após 8 (oito) dias decorridos, voltei a escola e fui recebida pela diretora que me informou que eu poderia iniciar os meus trabalhos no momento que eu julgasse oportuno, uma vez que expliquei que antes de iniciar minha pesquisa precisava viajar para apresentação do mesmo na Ilha da Madeira, Funchal/PT e que após meu regresso é que daria início a pesquisa na escola. Despedi-me da diretora e sai da escola bastante animada com a nova etapa que iria iniciar no meu projeto de pesquisa.

Diário de campo 05 de maio de 2015, observação nº 1

Iniciei hoje minha pesquisa, observação participante, na Escola Municipal Santa Clara. Ao chegar lá fui recebida pela diretora da escola que gentilmente me encaminhou à sala do 4º ano (único) da escola. Primeiramente aconteceu a minha apresentação ao grupo de alunos e a professora. Logo de seguida tive a oportunidade de explicar aos alunos e a professora os objetivos e como seria a pesquisa. Observei nesse momento que os alunos ficaram entusiasmados com a ideia, porém, um pouco pensativos ao saberem que seriam observados durante suas atividades em sala. Expliquei que minha presença seria apenas de observador e assim, se prontificaram a colaborar. Durante esta observação no campo de pesquisa e as conversas com a professora, tive a percepção que as relações que se desenvolviam nas aulas com o cordel marcavam a

diferença em comparação com uma aula tradicional. Pude observar que o ambiente pedagógico era mais descontraído, sem a rigidez e na organização, mais alegre e os alunos demonstravam entusiasmo. Passados algumas horas de conversas, esclarecimentos e observação encerrei o meu primeiro dia de observação, despedi-me da turma e fui embora.

Segundo Giroux e Simon (1995) a cultura popular faz parte do cotidiano dos alunos, ajudando-os na valorização de suas experiências e vivências, mas apesar da sua importância geralmente “[...] é vista como o banal e o insignificante da vida cotidiano e, geralmente é uma forma de gosto popular considerada indigna de legitimação acadêmica ou alto prestígio social.” (p. 97).

Na análise efetuada a alguns trechos da entrevista com a professora, extrai-se a sua sensibilidade e desejo de proporcionar aos alunos novos conhecimentos, valores e atitudes, em suma, novas competências a partir das suas vivências culturais, conforme seguinte:

Diário de campo 08 de maio de 2015, observação nº 2

Voltei à Escola Municipal Santa Clara e fui direto para a direção da escola falar com a diretora que se encontrava reunida com a coordenadora. Assim fomos apresentadas e passamos a conversar sobre alguns pontos do meu projeto de pesquisa. A coordenadora me informou que no currículo da escola as aulas com Literatura de Cordel são trabalhadas em 02 (dois) dias por semana. Assim, passei a fazer minhas observações nos dias específicos que seriam trabalhados a Literatura de Cordel. Após essa breve informação, nos encaminhamos para a sala do 4º ano da escola onde os alunos juntamente com a professora já me aguardavam. A coordenadora saiu e ficamos eu e a professora com os alunos. A professora nesse momento falou como aconteciam as aulas e as produções dos alunos com os textos de cordel e comecei a observar como os alunos participavam das atividades. Pude notar o processo de valorização cultural, tendo em conta as vivências dos alunos e famílias, em contexto de sala de aula. A motivação parte do interesse pessoal de cada aluno, como diz uma aluna quando interrogada sobre a escolha de alguns textos: “Porque são os que mostram a cultura nordestina. [...] alguns textos não têm a cara do nordeste” (A2, observação nº 2, 08/05/2015). Despedi-me da turma e da professora mais uma vez agradecendo a todos pela atenção e fui embora ansiosa pelo próximo encontro.

Este processo de resgate cultural criado nas aulas teve o condão de estabelecer uma ponte entre o discurso dominante e o discurso popular, levando os alunos a valorizarem a poesia popular em suas diversas criações, uma vez que a motivação

tem de partir de cada indivíduo. A motivação é interna, isto é, decorre do interesse pessoal, como visto no relato da observação 3:

Diário de campo 12 de maio de 2015, observação nº 3

Cheguei à escola por volta da 07:20, um pouco antes do início da aula e fiquei esperando na sala de leitura da escola a coordenadora para conversarmos antes de iniciar a observação. Decorridos os dez minutos que antecediam as aulas, fui informada pela diretora que a coordenadora de ensino não se encontrava na escola, uma vez que a mesma tinha horários e dias definidos para atender todas as turmas da escola. Assim fui encaminhada pela própria diretora para a sala do 4º ano e fui recebida muito gentilmente pela professora e os alunos que já me aguardavam curiosos e ansiosos. No início da aula, a professora fez um breve comentário de como seriam as atividades naquele dia, distribuiu os textos, fez as devidas orientações e em seguida iniciou as atividades. Fiz algumas observações, anotei alguns pontos e dei por encerrada minha pesquisa do dia. Despedi-me da turma e da professora, agradei pela atenção de todos e me encaminhei à direção para me despedir da diretora. Uma vez na sala da diretora, fui informada que a mesma se encontrava na cozinha da escola resolvendo alguns problemas do dia-a-dia. Dirigi-me até a cozinha e lá agradei a sua atenção e de todos.

A valorização da cultura popular do aluno face à cultura dominante é visível nas interações que se dão na sala de aula, conforme as impressões acima relatadas. As dinâmicas produzidas com o cordel levam a que os alunos se revejam como indivíduos ativos e participativos, que podem ser protagonistas da própria aprendizagem, desde que tenham a orientação adequada.

Vejamos o relato da observação 4:

Diário de campo 15 de maio de 2015, observação nº 4

Neste dia a minha chegada à escola aconteceu às 07:20 (sete horas e vinte minutos) e fui direta para a sala de leitura, uma vez que a sala da direção ainda se encontrava fechada. Logo em seguida a diretora chegou e após os cumprimentos me dirigi à sala do 4º ano. Alguns alunos já se encontravam aguardando a professora que vinha chegando com mais alguns alunos. Cumprimentei a todos e após os primeiros momentos de rotina da aula, iniciaram-se os trabalhos do dia. Observei que a professora tem muito cuidado ao escolher os textos para trabalhar com os alunos e o carinho que a mesma trata todos principalmente aqueles que apresentam algumas dificuldades em suas produções. Observei também que a docente mantém um diálogo aberto com os discentes, deixando-os confortáveis para tirar dúvidas. A sala do 4º ano é toda decorada de acordo com o nível da turma. Dispõe de alfabeto exposto de modo visível e acessível a todos, filtro de água, quadro branco e quadro negro, janelas, cantinho de leitura, quadro de aniversariantes e carteiras padronizadas na cor

amarela à disposição dos todos, o que facilita as devidas acomodações de todos. Observei que nem todos os alunos mantêm o mesmo entusiasmo para participarem dos trabalhos, porém a professora logo chama a atenção e a aula flui uma vez que os colegas começaram logo a interagir contribuindo para que as atividades se realizassem sem grandes problemas. Assim, encerrei minha participação na sala me despedindo da professora e dos alunos. Fui embora sem me despedir da diretora que não se encontrava mais na escola.

A primeira impressão refere-se às atividades de explicação pela professora sobre as atividades pretendidas, esclarecendo algum tema já abordado ou respondendo às dúvidas levantados pelos alunos. Pudemos nos aperceber, nesses momentos, alguns sinais de inovação em relação às práticas pedagógicas.

A segunda impressão foi observada durante as atividades de estudo em grupo e nos momentos de reflexão ou apresentação de trabalhos produzidos, em que os aprendizes participavam ativamente em parceria com a professora. Nessas atividades, os aprendizes dialogavam ativamente, participando na partilha de informações. Estas situações revelaram-se inovadoras por evidenciarem uma grande mudança nas relações pedagógicas entre professor/aluno e aluno/aluno, bem como por revelar a construção de um conhecimento compartilhado.

A terceira impressão surgiu durante as atividades de produção de textos de cordel, quando verificámos que eram os aprendizes a assumir o protagonismo da situação. Não só pela construção de conhecimento compartilhado, como pelas atividades de valorização cultural do meio envolvente, esta situação também evidenciou a ocorrência de inovação pedagógica.

6.2.1.1 Categoria interação

No desenvolvimentos de processo educacionais e de aprendizagem, as interações que ocorrem entre os sujeitos assumem uma dimensão importante quando desejamos compreender o ambiente pesquisado, uma vez que essas relações influenciam as dinâmicas que são desenvolvidas no grupo.

Ao longo investigação emergiram dois tipos de interações que ocorreram no ambiente pesquisado: interação entre aprendiz/aprendiz ou aprendiz/aprendizes e interação entre aprendiz/professora.

O primeiro tipo diz respeito às interações que acontecem entre os aprendizes, em que cada um partilha das suas opiniões, saberes e propostas, com os colegas, proporcionando dessa forma momentos ricos de troca.

Vejamos o depoimento de A3 para comprovar essa impressão:

ENTREVISTA COM A3 - Investigador: Seus pais gostam de textos de cordéis ou produzem alguns textos de cordel? Gosta. Desde pequeno, eu ia com meu pai para algumas cantorias. Não me agradava muito, achava as músicas feias. Quando comecei estudando na escola, comecei a admirar “aqueles” artistas, que de improviso faziam versos cantando com muita facilidade. Eu pelejo* para fazer uns bons e não consigo. **Investigador: Existe algum artista em especial que você lembre e que goste mais?** São muitos. Patativa do Assaré. **Investigador: Você lembra se foi na escola que você ouviu falar nele pela primeira vez?** Não. Foi com meu pai. Ele ficava falando que ele não sabia ler e tinha tanta inspiração para fazer versos de cordel. **Investigador: Você lembra quando teve seu primeiro contato com o cordel?** Lembro não. Como meu pai gosta muito, ele me levou a umas cantorias e tem muitos folhetos, não dar para lembrar. **Investigador: Observei que você é um aluno que está sempre fazendo versos em cordel. Esse seu interesse começou na escola ou você já trazia de casa?** Trazia do meu pai que vivia indo pra cantorias e como ele me levava eu achava bonito, ficava ouvindo e depois comecei escrevendo uns versos, aí eu mostrava a meu pai que prestava atenção e assim fui gostando cada vez mais. **Investigador: Você já participou fora da escola de algum evento, festival como peleja, desafio ou algo nesse sentido?** Já. Cantoria e peleja. **Investigador: Existe algum folheto ou assunto especial que você lembre que goste mais?** São muitos, têm os de João Grilo, gosto também dos que fala das mocinhas indefesas. (Entrevista A3, 09/06/2015).

O segundo tipo abarca as interações ocorridas entre o aprendiz e a professora, que, neste caso, desenvolveram-se de forma colaborativa e cooperativa. Neste contexto, a docente atua como orientadora das aprendizagens e facilitadora do desenvolvimento intelectual dos aprendizes, proporcionando um clima de debate e discussão, dando autonomia aos aprendizes para sua própria construção de conhecimento.

6.2.2 Há construção do conhecimento através do cordel?

Da análise da literatura depreende-se que do conhecimento é um processo que advém da interação entre pares, entre o indivíduo e o outro, numa troca de experiências que terão continuidade ao longo da vida. Temos, assim, de ter em atenção a forma como se relacionam e cruzam informações diversas e saberes relativamente á atividade que estiverem a desenvolver.

Vejamos as impressões coletadas na quinta observação:

Diário de campo 19 de maio de 2015, observação nº 5

Hoje cheguei um pouco mais tarde à escola (sete horas e trinta minutos), por não considerar necessário estar no momento de acolhida na aula. Fui diretamente para a sala da diretora, que se encontrava reunida com a coordenadora resolvendo problemas decorrentes do cotidiano escolar. Fui recebida gentilmente pelas duas que após os cumprimentos me encaminhei à sala do 4º ano. A aula estava começando, estando a professora a fazer a acolhida rotineira. Ao chegar na sala cumprimentei a professora e todos os alunos presentes que se encaminhavam para iniciar suas atividades do dia. Na aula de hoje quatro alunos me chamaram a atenção por estarem interagindo com alguns colegas que discutiam poemas e versos de artistas regionais. Ao observar a conversa fluir livremente entre eles, percebi que os mesmos demonstravam familiaridade com tais artistas e até discutiam trechos de suas músicas em suas atividades. Percebi que a professora dava atenção especial àqueles mais inibidos e deixava os trabalhos mais livres com os que não necessitavam de atenção especial. Assim, me convenci que irei entrevistar os alunos mais participativos. Após tomar essa decisão fui conversar com a professora que também que concordou comigo. No fim do primeiro horário conversei com os alunos sobre a entrevista (ainda sem falar dos critérios sua execução) e estes concordaram meio tímidos a princípio. Expliquei que seriam uma entrevista com perguntas bem simples e que eles iriam responder em forma de conversa. Após eles concordarem, pedi para a professora entrar em contato com os pais pedindo autorização para a entrevista. Depois de acertar mais alguns detalhes com a professora me despedi dos alunos e fui comunicar a coordenadora minha decisão sobre os alunos a serem entrevistados e está concordou comigo prontamente afirmando que não via nenhum problema, caso os pais e os alunos estivessem de comum acordo. Assim, me despedi de todos e fui embora ansiosa pela decisão dos pais.

Os alunos trabalharam sempre em pares ou em grupos, em todas as atividades observadas, criando um ambiente propício para a troca de ideias e opiniões em

torno do assunto em comum. Todos podiam se expressar livremente, podendo a professora intervir também, quando necessário, como pudemos constatar na observação a seguir exposta:

Diário de campo 22 de maio de 2015, observação nº 6

Cheguei na escola e fui diretamente para a sala de trabalho da diretora. Esta se encontrava reunida com as funcionárias da limpeza decidindo algumas questões do dia a dia. Aguardei o fim da reunião um pouco afastada para não atrapalhar a conversa que foi breve. Cumprimentei a coordenadora que acabava de chegar. Após os cumprimentos, me dirigi à sala do 4º ano onde a professora iniciava sua aula com alguns textos para que os alunos produzissem. Antes de iniciar minha observação fui informada que dos alunos escolhidos para a entrevista, dois pais já haviam autorizado. Porém, dois, a professora ainda não teria tido oportunidade de conversar com eles. A partir daí fiquei quieta apenas observando a aula e a postura da professora e dos alunos. Fiz algumas anotações, sem chamar a atenção dos alunos, pois percebi que eles ainda ficavam inibidos com a minha presença, e por isso procurei me manter o mais discreta possível, apenas observando. Transcorridos algumas horas, quando os alunos haviam terminado suas atividades, mostrei a professora o que eu havia anotado. Ela concordou com as minhas anotações. Fim do horário escolar despedi-me dos alunos e da professora e fui embora feliz pelas respostas positivas dos pais. Apesar de ainda ansiosa pela falta de resposta dos demais.

A interação entre os sujeitos participantes nas atividades observadas fundamenta-se no pensamento de Vygotsky (2007), o qual considera extremamente importante o “outro” com quem o sujeito interage. Partindo do princípio que este se integra num determinado meio social, as interações pessoais são cruciais para a aprendizagem, pois o conhecimento construído pelo indivíduo resulta de um processo social e histórico, no qual a linguagem atua como instrumento viabilizador (teoria socioconstrutivista e histórico-cultural). A interação social é fundamental no processo de internalização.

Para Piaget (2012) o conhecimento resulta não tanto da interação social, mas de um conjunto de ações que ajudam o desenvolvimento psicológico, num processo de assimilação e acomodação, sendo igualmente construído e não imposto por alguém.

Também Fino (1998) explica sobre o modo como os aprendizes constroem o conhecimento:

a) os aprendizes são activos, gostam de ter iniciativa e de escolher entre várias alternativas; b) os aprendizes são tão activos como competentes na tarefa da compreensão, sendo possível que construam conhecimento baseado na sua informação disponibilizada pelo professor, ou indo mesmo além da própria compreensão do professor; c) a construção de conhecimento pelo aprendiz é facilitada pelas interacções horizontais e pelas interacções verticais; d) a disponibilidade de múltiplas fontes de informação potencia a construção de conhecimento (p. 05).

Analisando as interacções desenvolvidas nas práticas pedagógicas observadas, pudemos verificar que o processo de construção do conhecimento tinha muitas semelhanças com os pressupostos acima enunciados, pois os aprendizes participavam ativamente da construção do conhecimento, sendo protagonistas e tomando a iniciativa sem qualquer tipo de imposição. Pelo contrário, eles trabalhavam de forma democrática e colaborativa.

Vejamos o relatado na próxima observação:

Diário de campo 26 de maio de 2015, observação nº 7

Como habitualmente, cheguei à escola por volta das 07:30 (sete horas e trinta minutos) e fui falar com a diretora que se encontrava conversando com o pessoal da cozinha resolvendo algumas pendências do cardápio. Cumprimentei a todos e logo vinha chagando 02 (duas) mães para falar comigo querendo saber qual a participação dos seus filhos na minha pesquisa. Fiquei um pouco surpresa pela atenção das mesmas, mas, prontamente esclareci suas dúvidas, me colocando à disposição delas que concordaram com a participação de seus filhos e imediatamente lhes entreguei a autorização para que elas assinassem pessoalmente. Após a assinatura agradei pela atenção e me dirigi à sala de aula onde a professora junto com os alunos se encontravam produzindo textos em grupo. Comuniquei a professora à visita das mães e está me informou que não havia conseguido falar com os pais e por isso pediu para que estes procurassem a escola, quando possível. Falou-me também que o motivo delas terem procurado a escola pessoalmente deve ter se dado pelo entusiasmo de seus filhos em participarem de uma entrevista num projeto de pesquisa. A atividade que a professora realizava deixava os alunos à vontade e estes faziam suas produções sem a necessidade de intervenção da professora. Fiz algumas anotações do que foi observado, tais como todos os aprendizes se expressam da melhor forma possível, sendo corrigidos pelos colegas quando necessário. A interação entre os participantes é muito intensa. Além de darem dicas uns aos outros muitas vezes mostram como fazer fazendo, tornando o aprendizado algo mais natural, sem traumas, acontecendo ao longo do desenvolvimento da prática pedagógica. Encerrei a observação nesse dia e fui embora após me despedir da professora e dos alunos

feliz por tudo que se encaminhava bem e que já me encontrava com autorização de alguns pais dos alunos que seriam entrevistados.

Durante as observações verificamos que havia situações de troca e partilha com os seus pares, dando cada um testemunho das suas experiências pessoais para a produção de textos populares. Os alunos pareciam bem inseridos na sua realidade cultural, o que, de acordo com Papert (2008), é bastante positivo, pois eles precisam de sentir “que estão engajados numa atividade significativa e socialmente importante, sobre a qual eles concretamente se sentem responsáveis” (p. 38).

Sentir-se inserido no grupo significa estar consciente do seu papel nesse mesmo grupo, além de se confrontar (a sua linguagem, os seus gestos, as suas tradições) com os outros, para que das divergências e convergências, possa produzir o seu próprio conhecimento. O grupo é o local privilegiado para a troca de experiências necessárias para o crescimento pessoal.

Podemos assim afirmar que há partilha de conhecimento, conforme relato da oitava observação:

Diário de campo 29 de maio de 2015, observação nº 8

Cheguei à Escola Santa Clara às 7:30 (sete horas e trinta minutos) e fui direto para a direção da escola. Lá estava reunida a diretora com a coordenadora acertando alguns detalhes de encaminhamentos da direção. Após cumprimentar as duas, que me receberam gentilmente, informei que as entrevistas poderiam ocorrer no horário das aulas, elas concordaram e fiquei aliviada por estarmos de comum acordo. Em seguida me dirigi à sala do 4º ano onde a aula estava iniciando. Cumprimentei a professora e todos os alunos que estavam se organizando para um trabalho em grupo com produção de texto. Os alunos estavam empolgados e nem perceberam que eu havia chegado. Preferi não atrapalhar e ficar apenas observando o entusiasmo dos mesmos, eles tiravam dúvidas entre si e se preparavam para apresentação de suas produções solicitadas pela professora. Após algum tempo, quando perceberam minha presença, alguns se aproximaram de mim para tirarem algumas dúvidas sobre a apresentação do trabalho. Prontamente esclareci as dúvidas de acordo com as orientações da professora. Após a conclusão das produções, esperei que os alunos combinassem mais alguns detalhes para as apresentações de suas atividades e em seguida fui conversar com a professora como seria a entrevista e que junto com a diretora e a coordenadora da escola, achamos por bem não comprometer a rotina das aulas nem o tempo dos alunos fora da escola. Em seguida informamos aos alunos sobre o combinado e eles gostaram da ideia de que tudo ocorresse dentro da escola no horário de aula, dado que um colega que seria entrevistado reside num sítio vizinho e depende de transporte escolar, e caso fosse

diferente iria comprometer seu horário de retorno para casa. Assim, encerrei todas as pendências com relação a entrevista e me despedi da turma, da professora e do pessoal que estava na direção. Fui embora ansiosa para o próximo encontro.

Verificámos que, ao trocar experiências individuais, cada membro aprende a ter respeito pelas opiniões dos outros. Evidentemente que nesse contexto, não podemos deixar de valorizar o papel da professora, enquanto mediadora da aprendizagem, uma vez que o grupo é constituído por todos. Todavia, é necessário que a docente tenha consciência do seu papel secundário neste processo de construção do conhecimento, pois o ator principal é o aprendiz.

Assim, a relação entre aprendiz, professora e o conhecimento deve seguir os anseios determinados por Vygotsky (2007) que aduz que a aprendizagem ocorre no espaço entre aquilo que o discente é capaz de desenvolver sozinho e o que consegue com o apoio do outro.

Fato que é verificado na prática a partir dos relatos da nona observação abaixo transcrita:

Diário de campo 02 de junho de 2015, observação nº 9

Desta vez cheguei à escola por volta das 07:30 (sete horas e trinta minutos) e fui falar com a diretora. Como esta ainda não se encontrava na escola então fui direto para a sala do 4º ano. Lá a professora iniciava sua aula com o momento de acolhida e oração. Aguardei o momento inicial da aula e logo um aluno se colocou dizendo que gostaria de ficar sozinho, que tinha vergonha de não saber responder as perguntas. Aproveitei para explicar mais uma vez que eles não tinham com o que se preocupar, mas achei melhor acatar o que este solicitava respeitando sua insegurança. O combinado foi que as entrevistas se dariam no segundo momento das aulas após o recreio. (Essa decisão foi tomada pela professora junto com os alunos). Acatei a decisão e fiquei a observar a rotina das atividades na sala. Depois fui conversar com a coordenadora sobre o que a professora junto com os alunos haviam resolvido. Ela concordou prontamente, afirmando não haver nenhum problema. Despedi-me da mesma e sai da escola entusiasmada para o próximo encontro.

Apesar das atividades serem sempre planejadas previamente pela professora, ela permitia que esses planos fossem modificados, com a participação dos discentes, quando necessário, por exemplo, relativamente aos temas para a produção dos textos.

Também quando necessário, a docente aproveita também as discussões para expor melhor algum conceito ou esclarecer algum detalhe que necessita de explicação, sempre com a participação dos alunos. Percebeu-se ainda que os discentes conhecem alguns poetas e cantadores, citando suas raízes culturais.

Para Popper (1990), o interesse relativamente a um assunto nasce da sua ligação à cultura e às experiências pessoais do aprendiz. Aí radica a sua motivação interna. É isso que acontece com as atividades com o cordel, que são sempre precedidas de conversas e discussões. Para a produção de textos, existe sempre um momento prévio de discussão para a escolha do tema. Só depois disso é que se parte para a produção propriamente dita.

Vejamos o relato da décima observação que comprovam os fatos aduzidos acima:

Diário de campo 05 de junho de 2015, observação nº 10

Cheguei hoje na escola um pouco mais cedo do que é habitual (sete horas e vinte minutos). Estava ansiosa para iniciar as entrevistas com os alunos e fiquei aguardando a professora chegar. Transcorridos uns cinco minutos ela chegou e nos encaminhamos para a sala de aula. Aguardei a professora concluir as atividades rotineiras da aula e pedi licença para falar com os alunos sobre o nosso primeiro dia de entrevista e que os aguardaria na sala de leitura após o horário do intervalo. Observei que eles estavam ansiosos e curiosos. Logo, a professora atraiu a atenção deles e preferi me retirar da sala para não atrapalhar a concentração dos alunos até a hora da entrevista. Nesse primeiro dia realizei as 02 (duas) entrevistas que ocorreram de forma bem tranquila. Para melhor compreensão denominarei os entrevistados como pseudônimos de A1 a A5. A princípio, percebi A1 um pouco tímido. Procurei deixar o entrevistado o mais à vontade possível, num clima de informalidade aos poucos tudo fluiu de forma natural. O segundo entrevistado A2 mostrou-se mais tranquilo e as perguntas foram respondidas sem nenhum problema. Agradei aos alunos participantes e muito feliz por concluir o primeiro dia de entrevistas. Me dirigi à sala do 4º ano bastante entusiasmada comentei brevemente com a professora sobre a entrevista e que observei minha presença nos dias das entrevistas era desnecessária no primeiro horário. Percebi que os alunos ficavam ansiosos e assim resolvi chegar à escola no horário das entrevistas. Ela concordou comigo e disse que não via nenhum problema que eu chegasse no momento das entrevistas. Agradei a mesma e aos alunos e fui falar com a diretora. Fiz um breve relato sobre as entrevistas do dia e da minha decisão com a professora sobre a mudança do meu horário de chegada à escola. Ela falou que se a minha decisão foi acertada em comum acordo com a professora também não via nenhum problema. Fiquei feliz e fui embora da escola bem animada e ansiosa para concluir os trabalhos de entrevistas.

Diante do contexto observado notamos que as experiências pessoais dos aprendizes alicerçam as atividades desenvolvidas, tendo como motivação a interação e a cooperação entre os membros do grupo, criando um ambiente propício a construção de conhecimentos autônomos e significativos.

6.2.2.2 Categoria aprendizagem

Ao falarmos em aprendizagem devemos ter em conta todos os fatores até aqui analisados, pois interessa-nos o conceito da aprendizagem significativa.

Das análises realizadas, podemos verificar a existência desses fatores que contribuem para essa aprendizagem significativa, num ambiente educacional que diverge dos padrões duma sala de aula convencional, onde a professora não é já do tipo *magister dixit*, com uma postura autoritária e disciplinadora, mas de uma orientadora que incentiva os aprendizes a se inter-relacionarem por meio do trabalho cooperativo e de uma partilha constante de informações, possibilitando dessa forma a construção do conhecimento e, por consequência, a aprendizagem significativa.

Vejamos a opinião de A4 quanto a isso:

ENTREVISTA COM A4 – Investigador: Seus pais gostam de textos de cordéis ou produzem alguns textos de cordel? Meu pai comprava folhetos quando ia para feira. Ele trazia e eu adorava lê aqueles textos porque eram pequenos e fáceis de ler. Quando eu brincava de professora com minhas colegas eu estava sempre pegando os folhetos, a gente dizia que eram os livros da professora. Aí quando cheguei na escola que eu entendi que não eram livros e sim folhetos. **Investigador: Existe algum artista em especial que você lembre e que goste mais?** Marco Aurélio. **Investigador: Você lembra se foi na escola que você ouviu falar nele pela primeira vez?** Foi. Mesmo conhecendo folhetos em casa, não lembro de ter lido nenhum dele antes da escola. **Investigador: Você lembra quando teve seu primeiro contato com o cordel?** Não. Não tem como lembrar, sempre teve muitos na minha casa. **Investigador: Observei que você é um aluno que está sempre fazendo versos em cordel. Esse seu interesse começou na escola ou você já trazia de casa?** De casa. Muito cedo eu folheava os folhetos do meu pai e acho que foi isso que me fez gostar, porque como eu achava os textos pequenos e diferentes dos outros livros, quando eu aprendi a ler queria escrever como aqueles “versinhos”. **Investigador: Você já**

participou fora da escola de algum evento, festival como peleja, desafio ou algo nesse sentido? Não ao vivo, eu escuto no rádio. **Investigador: Existe algum folheto ou assunto especial que você lembre que goste mais?** Assim eu lembro não porque são muitos. Mas Pedro Malasarte, Lampião. Ah! Eu gosto muito do Pavão Misterioso.

Diante disso, verificámos que as atividades desenvolvidas através do cordel nas aulas propiciaram aos aprendizes a possibilidade de participarem ativamente na construção do próprio conhecimento, com recurso a todas as ferramentas disponíveis no ambiente, juntamente com as informações oriundas de suas vivências familiares extraescolares, desenvolvendo uma aprendizagem significativa, em conformidade com o depoimento A5, conforme o que se segue:

ENTREVISTA COM A5 – Investigador: Seus pais gostam de textos de cordéis ou produzem alguns textos de cordel? Não. A primeira vez que eu vi foi na escola. E desde a primeira vez que gostei. **Investigador: Existe algum artista em especial que você lembre e que goste mais?** É difícil, mas, J Borges. **Investigador: Você lembra se foi na escola que você ouviu falar nele pela primeira vez?** Foi. As professoras falam muito nele. Como ele é de pernambucano e tem até um museu sobre o cordel que é dele. **Investigador: Você lembra quando teve seu primeiro contato com o cordel?** Foi na escola. **Investigador: Observei que você é um aluno que está sempre fazendo versos em cordel. Esse seu interesse começou na escola ou você já trazia de casa?** Começou na escola, antes da escola eu nem conhecia o cordel, mas aí quando fui vendo fui me interessando. A professora lia muito e eu fui achando engraçado e gostando. **Investigador: Você já participou fora da escola de algum evento, festival como peleja, desafio ou algo nesse sentido?** Não, nunca participei. **Investigador: Existe algum folheto ou assunto especial que você lembre que goste mais?** Os de Lampião, porque é cada história, ele era muito malvado.

Assim sendo, estas novas práticas pedagógicas podem levar a um processo educacional em que o aprendiz beneficia não só do conhecimento construído no ambiente escolar, como também no seu cotidiano extraescolar. Esta socialização do conhecimento só se realiza quando aquilo que se aprende tem relação direta com a vida daquele que aprende.

6.2.3 Em que medida uma atividade diferenciada pode originar práticas pedagógicas inovadoras?

Os currículos desenvolvidos nas escolas tradicionais, geralmente, não têm em conta uma cultura popular mas sim uma cultura dominante. Para contrariar esta posição, no meio acadêmico, através da investigação em educação, nos dias de hoje, é visível a valorização da identidade cultural que integra diferentes gêneros de literatura, poesia, arte, formas de expressão e comunicação específicas de uma determinada comunidade. É ponto assente que a cultura popular é um aspeto muito importante para a educação ao longo da vida.

Nesse sentido, a poesia popular quase abandonada na escola tradicional, se mostrou um ótimo meio para garantir aos aprendizes o contato com práticas populares que pertencem ao seu cotidiano, conforme verificamos na observação 11:

Diário de campo 09 de junho de 2015, observação nº 11

Cheguei a escola um pouco mais tarde às 09h00min (nove horas) e fui direto falar com a diretora, esta não se encontrava na escola. A coordenadora me recebeu muito gentil e assim lhe expliquei qual o motivo de ter chegado mais tarde à escola. Aguardei um pouco pelo horário do recreio na sala de leitura e às 09h45min (nove horas e quarente e cinco minutos) me dirigi à sala do 4º ano para falar com os alunos que seriam entrevistados no dia. Ao chegar à sala tive uma surpresa, pois um dos alunos que seria entrevistado no dia faltou. Isso me deixou um pouco desapontada, porém nada impedia de entrevistar o segundo aluno que se fazia presente. Diante do imprevisto, interroguei o aluno presente se para ele havia algum problema em ser entrevistado naquela ocasião. Este ficou meio tímido. Relembrei que apesar de organizar duas entrevistas por dia, cada aluno seria entrevistado individualmente. Apesar de deixar claro que acataria sua decisão sem nenhum problema. E assim ele resolveu que preferia ser entrevistado naquele mesmo dia. Acertamos mais alguns detalhes e fui aguardá-lo na sala de entrevista. Transcorridos alguns minutos e no horário exato o entrevistado A3 chegou para iniciarmos mais uma entrevista. Iniciamos a entrevista de maneira informal, conversando naturalmente, uma vez que percebi A3 muito tímido. E quando percebi A3 mais tranquilo fiz as perguntas que foram respondidas muito tranquilamente. Ao final da entrevista agradei ao aluno e saímos animados. Segui direto para a sala do 4º ano e fiz um breve relato para a professora que me ouviu bastante interessada. Nesse momento os alunos voltavam do recreio. Esperei que se acomodassem e aproveitei para agradecer a todos. Despedi-me de todos e segui para a sala da direção para falar com a coordenadora. Aguardei um pouco, pois ela estava resolvendo um pequeno problema com o pessoal da limpeza que acabava de chegar. Após

resolver o problema, a coordenadora veio falar comigo. Relatei brevemente a entrevista e sai contente por mais um dia, que apesar do imprevisto, correu bem.

Buscamos investigar uma atividade, num contexto de prática pedagógica, onde os estudantes lideram as suas aprendizagens, através da interação uns com os outros, e a cultura popular é valorização e partilhada.

Durante a estada no campo de pesquisa observámos que as relações que se desenvolviam nas aulas com o cordel eram absolutamente diferentes das relações desenvolvidas numa sala de aula tradicional. De início já pude observar que o ambiente é mais descontraído do que em uma sala de aula tradicional, sem a rigidez e a organização típicas. Segue relato da observação 12:

Diário de campo 12 de junho de 2015, observação nº 12

Cheguei a escola às 09h00min (nove horas) e fui direta para a sala da direção. Lá se encontravam a diretora reunida com a coordenadora que juntas acertavam alguns detalhes para comemoração da festa junina da escola. Aguardei na sala de leitura que elas acabassem a reunião. Após alguns minutos fui chamada pelas duas que me passaram algumas informações sobre o calendário junino da escola. Elas estavam preocupadas com as datas das entrevistas. Informei-lhes que teria todo tempo e que estava à disposição da escola não havendo nenhum problema para mim. Nesse momento segui para a sala do 4º ano curiosa para saber se “meus alunos”, que seriam entrevistados nesse dia, se encontravam na sala. Confesso que foi com alívio quando os avistei na sala. Um veio correndo me perguntar bem animado se eu iria entrevistar ele naquele dia. Informei que sim e ele respondeu que estava tudo certo. O outro ficou esperando minha resposta e fez um sinal de positivo. Acertamos mais alguns detalhes e fui aguardar na sala de leitura pelo momento da entrevista. Depois de uns dez minutos os alunos chegaram e começamos a conversar naturalmente para deixá-los bem à vontade. Em seguida começamos a entrevista e tudo transcorreu muito bem. Quando terminamos, ele me fez uma pergunta que achei curioso. “Perguntou: já acabou? Pensei que ia demorar mais”. Achei engraçado. Quando já íamos nos despedindo, ele justificou sua falta no dia anterior e me pediu desculpas por não poder estar no dia marcado. Logo lhe disse que não havia problema nenhum e aguardava por ele quantas vezes fosse necessário. Assim nos despedimos e o acompanhei à sala de aula. Lá comentei rapidamente sobre a entrevista com a professora e esperei os outros alunos chegarem para agradecer a todos pela atenção de todos e sai da sala, direto me despedir da diretora. Esta apesar de ocupada ouviu um pequeno relato que fiz e assim me despedi da mesma muito agradecida por mais uma etapa concluída.

Porque o ambiente vivido era totalmente diferente do ambiente tradicional a que estavam habituados, os aprendizes construíam relações também diferentes das que existiam na sala de aula convencional, sentindo-se aceitos e plenamente integrados, não tendo vergonha de se exporem e á sua cultura, perante os demais, conforme relatado abaixo:

Diário de campo 16 de junho de 2015, observação nº 13

Cheguei a escola às 13h00min (treze horas). Havia um horário marcado com a coordenadora e como esta nesse dia se encontrava presente nesse turno, visando não atrapalhar a rotina de horários da mesma me dispus prontamente a nos encontrarmos no seu horário conveniente. Ao chegar a escola fui recebida pelo porteiro que me encaminhou para a sala de direção e me informou que a coordenadora ainda não havia chegado, mas que eu podia esperar pela a mesma na sala de leitura. Aguardei por um breve momento e logo a coordenadora chegou. Já informada que eu lhe aguardava esta me pediu desculpas pelo seu atraso e foi resolver alguns problemas pertinentes do dia a dia. Passados mais alguns minutos, nos encaminhamos para a sala da direção onde ocorreria nossa entrevista. Tudo foi muito rápido, muito solícita a mesma me respondia às perguntas que foram feitas e não houve nenhum problema durante nossa entrevista. Após concluir nossa entrevista, a coordenadora me fez um convite para participar da comemoração das festas juninas da escola que aconteciam na próxima semana no dia 19 de junho. Fiquei bastante envaidecida pelo convite aceitando-o prontamente. Falamos por mais alguns instantes sobre a festa junina da escola e com receio de atrapalhar os trabalhos da escola, agradei a coordenadora pela atenção e me despedi da mesma muito feliz por mais uma etapa que se concluía sem problemas.

Segundo Piaget (2012), o indivíduo precisa de se relacionar de forma ativa e intensa com o meio social no qual está inserido, através do diálogo e da troca de experiências, construindo boas relações com todos com quem convive.

A este respeito registrámos as impressões da observação 14 no diário de campo:

Diário de campo 19 de junho de 2015, observação nº 14

Hoje cheguei a escola às 08h: 00minh (oito horas). Estavam chegando alguns alunos bastante ansiosos pela festa, uma vez que o horário marcado para início da comemoração junina era para as 09h:00 (nove horas). Encaminhei-me para a sala da direção e lá se encontravam os funcionários junto com a equipe gestora e professores cuidando dos últimos detalhes para as apresentações que seguiriam. Cumprimentei a todos e logo que me viu a diretora relatou que alguns alunos do 4º ano haviam pedido a minha presença naquele momento, o que me deixou envaidecida pelo comentário. O clima era de muita animação. Havia apresentações de

danças, mesas organizadas com comidas típicas, decoração e músicas juninas. Vendo todos envolvidos organizando os últimos detalhes para a comemoração junina, logo me ofereci para ajudar no que fosse necessário. A diretora me pediu para ajudar colando algumas bandeirinhas e eu, prontamente fiz o que me solicitava. Após uns trinta minutos decorridos, não havia mais o que fazer e a escola recebia os alunos que muito animados vinha chegando pouco a pouco. Logo na entrada da escola o porteiro encaminhava os recém-chegados para as salas indicadas. Já nas salas os alunos se posicionavam para as devidas apresentações. Observei que os alunos estavam bastante envolvidos e que aquele momento era aguardado por todos os alunos da escola. A maioria dos alunos do turno da manhã me conhecia, os alunos do 4º ano vinham conversar comigo e alguns me perguntaram quando eu iria entrevista-los de novo. Já os alunos do turno da tarde não me conheciam. Alguns nem perceberam minha presença, outros ficaram curiosos e logo fui apresentada a todos. As apresentações iniciaram às 09h:30min (nove horas e trinta minutos) e tudo ocorreu dentro do previsto. A maioria dos alunos da escola se faziam presentes bem como alguns pais. Ao final das apresentações, aproveitei para parabenizar a todos da escola que estavam, de forma muito clara, envolvidos com a festa que acabava de acontecer. Em seguida os alunos foram saindo e mais uma vez me dispus a ajudar na organização do ambiente escolar. E quando tudo havia acabado agradei mais uma vez pela oportunidade de estar presente num momento tão marcante da escola e fui embora.

De fato, numa prática pedagógica inovadora, o papel do professor deve ser o de promover o trabalho autônomo, porque, de acordo com Fino (2007) “não existe transmissão de conhecimento: com sorte, talvez o professor possa fornecer informação ou indicar onde ela se encontra para que os alunos a utilizem no seu processo autônomo de construção” (p. 49).

Em conformidade, Papert (2008) salienta que o papel do professor deve consistir em saturar o ambiente de aprendizagem com nutrientes cognitivos e fornecer aos aprendizes as ferramentas necessárias para que possam explorar esse ambiente e, a partir daí, construir seu conhecimento.

Isso é notório no relato da última observação:

Diário de campo 30 de junho de 2015, observação nº 16

Hoje cheguei a escola às 09h00min (nove horas) por ser meu último dia na escola. Passei pelo portão e fui direto à sala da direção falar com a pessoa que estivesse lá. Ao chegar, a sala se encontrava aberta e diretora analisando alguns documentos. Bati na porta e a diretora me convidou para entrar e ficar à vontade. Expliquei a ela que havia finalizado minha pesquisa e que a partir dali daria início a análise dos dados. Ela me parabenizou pela finalização de uma

etapa e disse que torcia para que tudo desse certo nas próximas etapas. Ela me falou que, após minha defesa em Portugal, gostaria que eu apresentasse a dissertação na escola para todos os profissionais, bem como para alguns pais e outros convidados. Prontamente respondi que sim e disse que seria um prazer, uma vez que seria uma forma de retribuir toda gentileza pela qual fui recebida na escola. Combinamos então que após minha defesa, eu comunicaria para que marcássemos a data. Agradei a diretora por tudo e fiz um pedido para ir visitar a sala do 4º ano. Ela me autorizou e assim me encaminhei para a sala falar com a professora e com os alunos. Ao chegar, bati na porta e entrei. A professora estava fazendo um trabalho em grupo com os alunos e estes ao me verem foram logo perguntando se iam ser entrevistados novamente. Falei que minha visita naquele momento era para agradecer e me despedir de todos. Tivemos uma conversa muito rápida para não atrapalhar a aula e informei a todos que voltaria para apresentar o trabalho para eles após minha defesa. A professora me cumprimentou pelo trabalho que desenvolvi e disse que também foi um prazer poder colaborar com minha pesquisa. Nos despedimos e sai da escola com a sensação de mais um dever cumprido. Assim dou por encerrado meu diário de bordo.

Seguindo essa linha de pensamento, Freire (1996) afirma que “o papel do docente não seria de transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (p. 27).

Perante isso, observou-se que a docente da turma em estudo atuou como alguém que acompanha e orienta, sem deixar de conceder autonomia aos aprendizes. Nesta perspectiva, ao assumir o papel de mediadora, a professora abriu espaço para que os aprendizes adotassem uma postura crítica e reflexiva, dando a possibilidade para que o conhecimento produzido fosse utilizado nas suas vivências cotidianas extraescolares.

Nestes termos, tornou-se evidente que as práticas pedagógicas desenvolvidas com o cordel favoreceram a autonomia dos aprendizes, a colaboração mútua e a partilha de saberes, podendo por isso, ser consideradas inovadoras, visto que “a inovação tem a ver, fundamentalmente, com as mudanças nas práticas pedagógicas e essas mudanças envolvem sempre um posicionamento crítico face às práticas pedagógicas tradicionais” (FINO, 2008b, p. 03).

Face aos fatos observados e reportados, consideramos que as experiências de aprendizagem vivenciadas a partir das atividades com o cordel, em especial as de produção, possibilitaram a consolidação de saberes, valores e atitudes, comportamentos e competências transversais, porque durante as atividades a

professora não intervinha demasiado, dando aos aprendizes a autonomia para tomarem as rédeas das decisões.

Por isso, podemos afirmar que, das observações das práticas pedagógicas durante o período de investigação e da análise dos dados coletados em campo, os sujeitos têm a possibilidade de serem atores da própria história tendo como base a sua identidade cultural, isto é, do meio social onde estão inseridos.

Verificámos igualmente que as interações entre a professora e os aprendizes se desenvolvem de maneira não tradicional, numa relação que favorece a aprendizagem, convergindo para a construção do conhecimento significativo e autónomo, pois as atividades acontecem num ambiente descontraído e de grande cumplicidade.

Outra diferença muito marcante é a valorização da cultura popular do meio envolvente da escola e comunidade local. Este aspeto não é visível numa escola tipo tradicional. Outro aspeto determinante é a forma como é valorizada a cultura local, algo difícil de acontecer na escola tradicional. Ao valorizar a cultura dos aprendizes, além de se incentivar uma relação de cooperação e autonomia, possibilita-se também a construção de conhecimentos.

Este tipo de posicionamento leva o aprendiz a se colocar criticamente nas tomadas de decisão, abrindo caminho para soluções conjuntas para a melhoria das produções e dos projetos desenvolvidos.

A escola tradicional aqui referida é a que segue o modelo da escola de massa descrito por Toffler (2007), onde o professor é a autoridade máxima, o capataz, e os alunos encarados como matéria-prima de uma fábrica, onde os saberes se encontram fragmentados em disciplinas autónomas.

O ambiente acolhedor de diálogo e interação estimula a cooperação, rompendo alguns estigmas pessoais e culturais que marcaram a educação desde os primórdios, com falta de individualização, avaliações quantitativas, valorização de notas, disciplinarização do conhecimento e a figura autoritária do professor.

A cooperação que existe entre os aprendizes também existe agora na relação professor/aluno. Durante as observações no campo de investigação pudemos

observar que não havia imposição por parte da professora, mas, pelo contrário, havia colaboração e respeito pelos aprendizes. O professor já não é apenas transmissor de conhecimento, nem o aprendiz é receptor.

Nesta mudança de paradigma, a professora da turma em estudo desempenhava um papel de suma importância, enquanto motivadora e mediadora da aprendizagem, não impondo as suas opiniões e os seus conceitos, na linha de que os alunos devem “ser treinados para sobreviverem em um mundo em acelerada transformação como aprendizes autônomos ao longo da vida” (FINO, 1998, p. 50).

Pudemos observar o desempenho pedagógico da professora, bem distante do papel de transmissora de conhecimentos, num processo de instrução em massa como dita o antigo modelo industrial de educação. Notámos o seu esforço em promover uma ruptura paradigmática no velho modelo de ensino.

No contexto atual de aceleração de mudanças e perante as necessidades do mundo contemporâneo, é urgente a reestruturação dos ambientes escolares para o desenvolvimento de relações pedagógicas cujo foco principal de ação sejam os aprendizes em interação com os seus pares.

Fino (1998) ressalta que:

[...] à manipulação de coisas concretas e à construção de artefactos que, podendo ser externalizados, podem ser igualmente partilháveis e ficarem ao alcance do escrutínio metacognitivo feito pelo outro. [...] Construção, colaboração com o outro (p. 51).

Confrontando o pressuposto teórico da construção compartilhada do conhecimento com as observações realizadas no campo de pesquisa, podemos afirmar que as atividades eram organizadas de forma dinâmica, de entre as quais se destacavam as atividades de produção de textos de cordel e a forma como os integrantes participavam destes momentos.

Assim sendo, o domínio da produção de texto implicou não só conhecimento como também colaboração num contexto de abertura para novas dinâmicas pedagógicas que integram experiências culturais dos discentes em prol do conhecimento, através de uma aprendizagem significativa.

Fino (2007) também ressalta o papel da negociação social do conhecimento, em que os aprendizes socializam o conhecimento construído com outros indivíduos, os seus pares e não só.

Por isso, podemos constatar a partir da análise efetuada, que as dinâmicas desenvolvidas no campo investigado, criaram as condições necessárias para a construção do conhecimento através das interações sociais mantidas com os seus pares, principalmente por valorizarem as suas realidades socioculturais e respetivas manifestações, como foi o caso da literatura de cordel, configurando desse modo práticas pedagógicas inovadoras conducentes a aprendizagens significativas.

Conclui-se a aprendizagem significativa acontece através do desenvolvimento de interações entre os aprendizes e dos desafios espelhados nas atividades, em contexto de prática pedagógica, que rompem com os métodos tradicionais e promovem a construção de conhecimento.

6.2.3.3 Categoria motivação

Partindo dos indicadores que surgiram das análises dos dados bem como das observações realizadas em campo notamos que os participantes da pesquisa constantemente se apresentavam motivados durante a realização das atividades. Nesse percurso observamos que a maioria dos participantes gostavam de trabalhar com cordel e procuravam novas descobertas sobre o assunto.

Podemos notar isso a partir da análise da entrevista com a professora da turma, vejamos:

Investigador: Por que motivo você achou importante trabalhar com o Cordel?

P1: Notei que nessa escola havia um grande interesse dos alunos ao mesmo tempo que uma carência, visto que não havia no currículo escolar esse tipo de poesia que é a poesia popular. Então resolvi inserir o cordel nas aulas de português para poder dar essa oportunidade aos alunos de se expressarem e criarem a sua própria poesia. (Entrevista a P1, 19/05/2015).

Investigador: Então você já notava essa carência da poesia popular na escola tradicional?

P1: Efetivamente eu notava, porque este tipo de poesia não é contemplado pelo currículo da escola, nem é valorizada como parte importante da nossa cultura. (Entrevista a P1, 19/05/2015).

Investigador: O que a levou a participar numa atividade desta natureza? P1: [...] porque sinto essa carência no nosso Nordeste e estando os nossos alunos e até nós nos afastando cada dia mais dessa cultura. (Entrevista a P1, 22/05/2015).

Investigador: Como você se sente quando utiliza o cordel nas suas aulas?

P1: Sinto-me muito realizada. Gosto muito de cordel e o fato de estar contribuindo para o resgate da nossa cultura já é uma grande satisfação para mim. (Entrevista a P1, 22/05/2015).

Através da análise dos diálogos anteriores identificamos os fatores que contribuíram para envolver os alunos, em contexto de aprendizagem: a valorização da cultura popular dos aprendizes; o entusiasmo e a participação dos alunos e da professora nas atividades de literatura de cordel; o resgate de valores culturais da comunidade nordestina; o desenvolvimento da autonomia e da liberdade de expressão.

Vejamos os dados obtidos com a entrevista com a coordenação pedagógica:

Investigador: Como surgiu esse interesse pelo tema e há quanto tempo à escola trabalha com essa proposta de Literatura de Cordel em seu currículo?

C1: Quando ainda era professora nessa escola observei certo interesse dos alunos. Então quando assumi a coordenação, junto com a direção e professores decidimos incluir o tema na proposta pedagógica da escola. Logo no início os professores gostaram da ideia e aí começamos a trabalhar desde (2009).

Investigador: Existe alguma formação, qual a proposta da escola no que tange a questão de reforçar a proposta da escola?

C1: Não. Procuramos explorar o tema, seu vasto campo nas nossas formações e capacitações. Como é um assunto que desperta o interesse dos nossos professores o tema é sempre destaque dentre os demais gêneros da literatura brasileira.

Investigador: Hoje você sente os alunos mais envolvidos e instigados a produzirem textos com outras temáticas?

C1: Claramente o índice de repetência caiu. Atribuímos esse fato positivo a experiência nas produções dos textos de cordel que eles produzem nas aulas de Língua Portuguesa. O cordel ajuda aos alunos refletirem nas suas produções de forma lúdica, o aluno “pensa

brincando” sem a pressão do certo ou errado, mas com autonomia e descontração.

Investigador: A escola organiza algum evento com algum poeta local para que os alunos possam ter oportunidade de vê na prática como é uma peleja, desafio?

C1: Uma vez fizemos esse trabalho, convidamos duas pessoas que tem experiência com cantoria e convidamos os pais e alunos para assistirem. Percebemos de imediato o entusiasmo deles e o interesse de alguns pais. Ainda não repetimos a experiência por que temos essa carência de poetas na localidade. Aguardamos novas oportunidades, até porque os alunos se interessaram e até perguntam.

Investigador: Em que medida uma atividade diferenciada pode originar práticas pedagógicas inovadoras?

C1: Entendo que por ser diferenciada já se pode considerar inovadora, onde os alunos estão sempre frente à desafios que lhes permitem refletir diante do que a atividade propõe. Nossa proposta busca envolver os alunos de forma desafiadora a buscarem novos conhecimentos, seja na oralidade ou na escrita, muitas vezes sem que eles sintam a rigidez de estar numa sala de aula com o professor, e assim, eles desenvolvem suas atividades com muito mais entusiasmo já que o cordel oferece várias oportunidades de aprendizagem.

Das observações registadas e das análises dos dados recolhidos, podemos afirmar que os ambientes de aprendizagem se mostravam motivadores, descontraídos e acolhedores, longe da disciplina rígida e da organização espacial características da sala de aula tradicional, contribuindo para o bom funcionamento das atividades com espaço para o diálogo e a partilha de ideias.

Isso fica claro na entrevista com A1 e A2, vejamos:

ENTREVISTA COM A1 - Investigador: Seus pais gostam de textos de cordéis ou produzem alguns textos de cordel? Sim, de vez em quando. Eu lembro que desde muito pequena ficava ouvindo meu pai improvisando uns versos. No começo eu não entendia direito e quando cheguei na escola que vi a professora falando esses textos aí eu comecei a me interessar mais. **Investigador: Existe algum artista em especial que você lembre e que goste mais?** Tem. Patativa do Assaré. **Investigador: Você lembra se foi na escola que você ouviu falar nele pela primeira vez?** Foi, achei o nome engraçado. Depois quando a professora foi falando mais fui ficando curioso e quando fui conhecendo mais fui admirando mais e mais. E o que é mais interessante é saber que esse artista era analfabeto. Depois fui vendo o monte de música que Luís Gonzaga gravou dele. **Investigador: Você lembra quando teve seu primeiro contato com o cordel?** Sim, foi na escola. No começo eu não

gostava não, achava sem graça. Agora eu fico esperando chegar o dia das aulas que a gente faz os cordéis. **Investigador: Observei que você é um aluno que está sempre fazendo versos em cordel. Esse seu interesse começou na escola ou você já trazia de casa?** Trazia de casa. Minha vó falava que quando era criança se fazia uma roda, nas noites de lua, em volta do “terreiro” e ficavam lendo folhetos de cordel. Eu comecei a me interessar e sempre que meu pai ia pra feira eu pedia para ele trazer folhetos pra eu ler. Também tem as gravuras que são muito engraçadas. **Investigador: Você já participou fora da escola de algum evento, festival como peleja, desafio ou algo nesse sentido?** Já. Uma vez eu vi na feira uns violeiros que cantavam uns versos em cordel e foi a primeira vez que vi. Meu pai e eu ficamos ali escutando eles cantarem. Como em volta deles tinha um balaio com alguns folhetos, meu pai comprou alguns quando chegamos em casa comecei a folhear, como eu era bem pequeno não sabia ainda ler, fiquei só folheando, meu pai sempre lia aqueles folhetos, e foi daí que comecei me interessar. Aí quando cheguei na escola que via os colegas lendo aqueles textos comecei a me interessar mais e mais, até hoje. **Investigador: Existe algum folheto ou assunto especial que você lembre que goste mais?** Os de João Grilo e Lampião. Tem muita piada com as histórias de João Grilo e Lampião é um personagem que faz parte da nossa cultura nordestina. A gente sabe que tem muita mentira, mas muitas das histórias dele são verdadeiras. Eu conheci muitas histórias de Lampião com os textos de cordel aqui na escola.

ENTREVISTA COM A2 - Investigador: Seus pais gostam de textos de cordéis ou produzem alguns textos de cordel? Não. Eu comecei a ouvir os textos na casa da minha tia, o esposo dela estava sempre lendo uns textos que eu achava engraçado, mas não ligava. Quando cheguei na escola, comecei a entender que era cordel. Quando chego agora na casa da minha tia até peço ao esposo dela uns folhetos emprestado. Ele tem muitos. **Investigador: Existe algum artista em especial que você lembre e que goste mais?** Sim, José Evangelista. **Investigador: Você lembra se foi na escola que você ouviu falar nele pela primeira vez?** Foi. A minha professora no primeiro ano falava muito no José Evangelista. Ela trazia folhetos dele e outros também. **Investigador: Você lembra quando teve seu primeiro contato com o cordel?** Na casa da minha tia. O marido dela gosta muito. **Investigador: Observei que você é um aluno que está sempre fazendo versos em cordel. Esse seu interesse começou na escola ou você já trazia de casa?** Da casa da minha tia. **Investigador: Você já participou fora da escola de algum evento, festival como peleja, desafio ou algo nesse sentido?** Já, um desafio. **Investigador: Existe algum folheto ou assunto especial que você lembre que goste mais?** As espertezas de João Grilo e Lampião.

Para Piaget (2012), o compartilhamento de saberes favorece o desenvolvimento cognitivo, uma vez que os conhecimentos produzidos podem ser validados. Por

outro lado, para Vygotsky (1998), dado que a aprendizagem está intimamente ligada às relações pessoais, estas necessitam de ambiente favorável para tal.

Seguindo esta linha de raciocínio e com base no contexto investigado, podemos concluir que o uso do cordel nas aulas permite que os aprendizes se sintam familiarizados e integrados, favorecendo as relações sociais imprescindíveis para a construção do conhecimento.

Portanto, as dinâmicas desenvolvidas nas aulas, e particularmente as relacionadas com a produção de textos populares de cordel, possibilitam aos aprendizes uma imersão na sua própria cultura, quando anteriormente no modelo da escola tradicional ela era assumidamente negligenciada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização desta pesquisa veio a demonstrar que o trabalho com o cordel nas séries iniciais do ensino fundamental da escola estudada estava atrelado a práticas inovadoras devido ao envolvimento de toda a equipe escolar, particularmente dos educandos e da professora turma pesquisada.

A medida que os mesmos eram os protagonistas deste processo, compreendiam a importância cultural do cordel na cultura local e passaram a produzir e apresentar seus textos demonstrando envolvimento e sentimento de pertencimento com a possibilidade de intervir, divulgar e disseminar a cultura do cordel na comunidade.

A presente pesquisa veio a nos mostrar a satisfação dos estudantes nas atividades propostas e o envolvimento prazeroso na produção das mesmas, mostrando que havia uma ruptura no paradigma tradicional onde os estudantes são apenas receptores de conteúdos transmitidos pelo professor.

No decorrer da investigação observaram-se algumas dificuldades que atrapalhavam o andamento destas práticas diferenciadas, pois alguns professores ainda tinham certa resistência a tais práticas por terem uma formação mais tradicional. No entanto, com o passar do tempo notamos que quase toda a escola foi se contagiando com práticas voltadas para a inovação pedagógica, ainda que com certa timidez, motivada pelo envolvimento e empolgação da turma em estudo.

Os obstáculos existentes devido à sombra do paradigma tradicional, ainda arraigado na prática da maioria dos professores, dificultavam a vivência das práticas inovadoras, mas foram combatidos pela busca incessante da turma em estudo, para a efetivação de práticas pedagógicas inovadoras que levassem os estudantes a serem os atores principais na construção dos seus conhecimentos.

Concluimos que no ambiente pesquisado o aluno atuava como o protagonista da sua trajetória. A presente pesquisa permitiu os seguintes achados, a seguir explicitados:

Evidenciaram-se a ocorrência de atividades didático-pedagógicas que contemplam a autoria e autonomia em prol da construção do conhecimento dos educandos. No entanto, consideramos que esse seria um desafio a superar com persistência e alguns diálogos com os demais professores. O convívio no ambiente pesquisado nos fez compreender que há inovação e o rompimento de paradigmas deve partir de atitudes intrínsecas do educador que anseia por uma melhoria na qualidade da aprendizagem dos seus educandos desprovendo-se de atitudes individualistas estimulando o coletivismo.

Notamos a busca incessante e tentativas de vencer os obstáculos impostos por um paradigma tradicional ainda presente nas práticas pedagógicas, fato presenciado nas aulas observadas e falas dos sujeitos. O que transparece das observações é que o simples fato de optar por um adjetivo que qualifica o uso do cordel na escola, em si, não se restringe ao raio de alcance da sala de aula, o que favorece a liberdade e a criação.

Portanto o cordel pode beneficiar a construção do conhecimento se utilizado como instrumento que instigue atividades incentivadoras do exercício da autoria e da colaboração. Desse modo, a escola não pode ficar alheia às transformações que a sociedade experimenta e sim propor estratégias que incentivem o desenvolvimento do protagonismo infantil.

O responsável pela abertura e garantia do processo educacional deve ser o próprio aprendiz. O docente não deve provocar verdades absolutas ou caminhos únicos para o desenvolvimento da aprendizagem.

O grande desafio do professor é promover autonomia e autoria dos educandos, de tal modo que sejam poucas as necessidades de intervenções. Devemos contribuir para a criação da autonomia e desenvolvimento da expressão oral, artística, criativa, valorizando o educando como sujeito ativo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Márcia. **História de cordéis e folhetos**. Campinas, SP: Mercado das letras, 1999.

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Etnografia da prática escolar**. Campinas, SP: Papyrus, 2008.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

BALDI, Elizabeth. **Leitura nas séries iniciais: uma proposta para formação de leitores de literatura**. Porte Alegre: Editora Projeto, 2010.

BOGDAN, Robert & BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994.

BORGATTO, A.; BERTIN, T.; MARCHEZI, V. **Tudo é Linguagem**. São Paulo: Ática, 2007.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília, 1997.

BURKE, Peter. **Cultura Popular na Idade Moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

COELHO, Nelly Novaes. **Panorâmica Histórico da Literatura Infantil/ Juvenil das origens indo-européias ao Brasil contemporâneo**. Barueri, SP: Manole, 2010.

COUTINHO, Clara Pereira. **A qualidade da investigação educativa de natureza qualitativa: questões relativas à fidelidade e validade**. Educação Unisinos, 2008.

DEWEY, John. **Vida e Educação: I – A criança e o programa escolar. II – Interesse e Esforço**. Editora Melhoramentos, 1954.

FINO, Carlos Nogueira. **Inovação Pedagógica, Etnografia, Distanciamento**. Funchal: Universidade da Madeira - CIE-UMa, 1998.

_____, **FAQs, Etnografia e Observação Participante**. Funchal: Universidade da Madeira - CIE-UMa, 2003.

_____, **O Futuro da Escola do Passado**. Funchal: Universidade da Madeira - CIE-UMa, Porto: ASA, 2007.

_____, **A Etnografia enquanto método: um modo de entender as culturas (escolares) locais**. Funchal: DCE – Universidade da Madeira, 2008a.

_____, **Inovação Pedagógica: Significado e Campo (de investigação)**. Funchal: Grafimadeira, 2008b.

FINO & SOUSA, Carlos Noqueira e Jesus Maria de. **As TICs abrindo caminho a um novo paradigma educacional**. Braga: Universidade de Minho, 2001.

FREINET, Célestin. **Para uma Escola do Povo**. São Paulo: Martins Fontes, 1966.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____, **A importância do ato de ler em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 2006.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **Cordel: leitores e ouvintes**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

GIROUX, Henry e SIMON, Roger. **Cultura popular e pedagogia crítica: a vida cotidiana como base para o conhecimento curricular**. São Paulo: Papyrus, 1995.

GÓES, Lúcia Pimentel. **Introdução à literatura infantil e juvenil**. São Paulo: Pioneira, 1991.

HAURÉLIO, Marco. **Breve Histórico da Literatura de Cordel**. Editora Claridade. São Paulo, 2010.

HOLANDA, Arlene. **O Fantástico Mundo do Cordel**. São Paulo: Nova Alexandria, 2011.

KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva, 1998.

LAPASSADE, G. L. **Observation Participante**. Revista Europeia de Etnografia da Educação, 1992.

LUYTEN, Joseph M. **O que é literatura popular**. São Paulo: Brasiliense, 2010.

MACEDO, Roberto Sidinei. **Etnopesquisa crítica, etnopesquisa- formação**. Brasília: Liber Livro Editora, 2010.

MAGNANI, M. do R. M. **Leitura, literatura e escola**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MAIA, Joseane. **Literatura na formação de leitores e professores**. São Paulo: Editora: Paulinas, 2007.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido**. São Paulo: Cortez, 2008.

MARINHO, Ana Cristina. **O cordel no cotidiano escolar**. São Paulo: Cortez, 2012.

MARTINS, Joel. **A pesquisa qualitativa. Metodologia da Pesquisa Educacional**. São Paulo: Cortez, 2008.

MENDONÇA, Onaide Schwartz. **Alfabetização: método sociolinguístico, consciência social, silábica e alfabética em Paulo Freire**. São Paulo: Cortez, 2007.

MORAES, Maria Cândida. **O Paradigma Educacional Emergente**. Campinas: São Paulo: Papyrus, 2007.

OLIVEIRA, Marlon Anderson de. **Os efeitos da colonização na construção da identidade do povo nordestino**. Rio Grande do Norte, 2008.

PAPERT, Seymour. **A máquina das crianças: repensando a escola na era da informática**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

PERROTTI, E. **A palavra inventada**. São Paulo: Atlas, 2005.

- PIAGET, Jean. **Psicologia e Pedagogia**. Rio de Janeiro: Forense, 1985.
- _____, Jean. **Epistemologia genética**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- POPPER, Karl. **O futuro está em aberto**. Editorial Fragmentos Ltda., 1990.
- PPP, **Projeto Político Pedagógico. Escola Municipal Santa Clara**, 2014.
- ROJO, Rosane. **O texto como unidade de ensino e o gênero como objeto de ensino da Língua Portuguesa**. Uberlândia: EDUFU, 2006.
- SANTOS, Idelette Muzart Fonseca dos. **Memória das vozes: Cantoria, Romanceiro e Cordel**. Salvador, 2007.
- SACRISTÁN, J. Gimeno. **Compreender e transformar o ensino**. Porto Alegre: ArtMed, 1998.
- SILVA, Silvio Profirio da. **Literatura de Cordel, Linguagem, Cultura e Ensino: Uma Proposta para o trabalho com a leitura**. Revista Encontros de Vistas, 2010.
- SOUSA, Jesus Maria. **O professor como pessoa: A dimensão pessoal na formação de professores**. Lisboa, 2004.
- SPRADLEY, James. **Participant observation**. New York: Hold, Rinehart and Winston, 1979.
- STAKE, Robert. **Pesquisa qualitativa: estudando como as coisas funcionam**. Porto Alegre: Penso, 2011.
- TOFFLER, Alvin. **A Terceira Onda**. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- VYGOTSKY, Lev. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- _____, **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- YIN, Robert K. **Estudos de caso: planejamento e métodos**. Porto Alegre: Bookman, 2010.